

O Teatro como Disciplina de Educação Artística

Um Projeto na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol

José Gouveia Abreu

Lisboa, 2014

Mestrado em Arte e Educação

O Teatro como Disciplina de Educação Artística

Um Projeto na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol

José Gouveia Abreu

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em Arte e Educação

Orientador: Professor Doutor Amílcar Martins

Lisboa, 2014

Resumo

O objeto de estudo desta pesquisa centra-se no Teatro como Disciplina de Educação Artística: um projeto na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, que durante dez anos letivos esteve em funcionamento no 3.º ciclo do ensino básico.

A questão principal da pesquisa foi formulada da seguinte forma: – Qual é o significado atribuído pelos alunos da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol à sua experiência na disciplina de Teatro, entre 2003 e 2012?

Esta pesquisa incide portanto num contexto educativo formal, descrevendo os aspetos de fundamentação, conceção, implementação, retroação e avaliação deste projeto com grupos de alunos que frequentaram a disciplina de Teatro, no período de 2003 até 2012.

O trabalho empírico assenta numa metodologia qualitativa de ação-investigação, *pós - facto*, tendo como estrutura orientadora o modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre (1993, 2005). Esta metodologia permitiu-nos apreender e reconstituir as narrativas vivenciais das viagens artísticas e teatrais realizadas em contexto de sala de aula e extra sala de aula, com alunos/sujeitos de 7.º, 8.º e 9.ºanos de escolaridade.

Esta narrativa foi construída, analisada e interpretada a partir de documentos, jornal de bordo, registos fotográficos, registos videográficos e entrevistas semiestruturadas, que permitiram a resposta à questão principal da pesquisa.

Os principais resultados obtidos com a pesquisa destacam o contributo do Teatro para o desenvolvimento pessoal, artístico e cultural dos jovens, realçando também o sentido da relevância e participação desta disciplina nas práticas escolares.

Palavras-chave: Educação Artística; Teatro-educação; Atividades dramáticas;
Professor de Teatro; Ação-Investigação.

Abstract

The object of study in this research is focused in Theatre as an Arts Education subject: a project in Ponta do Sol Elementary and Secondary School, which for ten school years has been running in the 3rd cycle of basic education.

The main question of this research was formulated as follows: - What is the meaning given by students from Elementary and Secondary School of Ponta do Sol to their experience in the subject of Theatre, between 2003 and 2012?

This research therefore focuses on a formal educational context, describing aspects of reasoning, design, implementation, feedback and evaluation of this project with groups of students who attended the subject of Theater, from 2003 until 2012.

The empirical work is based on a qualitative methodology of action-research, *post facto*, having as guiding structure the model of Pedagogical Relationship of Renald Legendre (1993, 2005). This methodology allowed us to seize and rebuild the experiential narratives of the theatrical and artistic journeys executed inside and outside the classroom, with students / subjects from the 7th, 8th and 9th grades.

This narrative was built, analysed and interpreted, based on documents, logbooks, photographic records, video records and semi-structured interviews that allowed an answer to the main question.

The main results obtained from the research highlight the contribution of Theatre for personal, artistic and cultural development of young people, enhancing the sense of relevance and interest of this subject in school practices.

Key Words: Arts Education; Theatre Education; Drama Activities; Drama Teacher; Action-Research.

Agradecimentos

Ao professor Doutor Amílcar Martins, orientador desta dissertação de mestrado, pelo seu saber, competência e disponibilidade. Pela envolvimento, rigor e apoio constante demonstrado de uma forma ativa ao longo deste processo. Pelos seus conselhos oportunos e valiosos, pelo seu enorme sentido de coerência científica e pedagógica, e, sobretudo, pela transmissão de confiança e amizade.

Congratulo-me igualmente com os meus MAE colegas, pelo percurso que fizemos.

Um especial agradecimento à Magda, pela presença incondicional, sempre atenta e disponível em todos os momentos desta caminhada.

Ao Desidério Sargo, à Margarida Relva e à Sofia Custódio o meu mais profundo reconhecimento pela atenção, disponibilidade e cooperação.

Aos meus amigos Duarte Inácio e Fernando Pinho, um fervoroso agradecimento pela forma generosa com que sempre me ajudaram, acompanharam e encorajaram ao longo desta pesquisa.

Aos colegas da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, em particular ao Conselho Executivo, pelo apoio pessoal e institucional.

A todos os ex-alunos que frequentaram a disciplina de Teatro, fazendo parte integrante desta pesquisa, pois viajaram comigo, alegremente, através dos gratificantes caminhos do Teatro.

Ao Centro Cultural John dos Passos um agradecimento especial pela forma como acolheu o teatro escolar, disponibilizando o auditório para realização dos espetáculos.

Saúdo a memória dos meus pais, que sempre me apoiaram e incentivaram a continuar os estudos.

Ao Diogo e ao Marco

ÍNDICE

Resumo	I
Abstract	II
Agradecimentos	III
Dedicatória	IV
Índice	V

INTRODUÇÃO 1

Contextualização e problema da pesquisa 3

Motivação da pesquisa 5

Questão principal da pesquisa 8

Objetivo geral 8

Objetivos específicos 8

Estrutura da pesquisa 9

Capítulo I – ABORDAGEM METODOLÓGICA 11

1.1 – Tipo de pesquisa 11

1.2 – Modelo de Relação Pedagógica 14

1.2.1 – O(s) Sujeito(s) de aprendizagem 14

1.2.2 – O(s) Agente(s) de ensino 14

1.2.3 – O Objeto de estudo 17

1.2.4 – O Meio 17

1.3 – Instrumentos de recolha de dados 19

1.3.1 – Documentos 19

1.3.2 – Jornal de bordo 20

1.3.3 – Registos fotográficos 21

1.3.4 – Registos videográficos	21
1.3.5 – Entrevistas individuais	21
1.3.6 – Entrevistas de grupo	22
1.4 – Análise de conteúdo e cruzamento dos dados	22
Capítulo II – FUNDAMENTAÇÃO E CONCEÇÃO DO PROJETO	
DA DISCIPLINA DE TEATRO	23
Introdução	23
2.1 – Conceitos de Teatro	23
2.2 – Teatro-Educação	26
2.3 – Teatro como forma de produção de conhecimento na escola	31
2.4 – Perspetivas sobre o perfil e funções do professor de Teatro	33
2.5 – Currículo da disciplina de Teatro no 3.º ciclo do ensino básico	35
Resumo do capítulo	40
Capítulo III – IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO	41
Introdução	41
3.1 – Projeto da disciplina de Teatro na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol	43
3.2 – Como implementei o projeto de Teatro na escola	45
3.3 – Atividades desenvolvidas em contexto de sala de aula.....	49
3.3.1 – 7.º ano de escolaridade.....	50
3.3.1.1 – Exercícios de integração.....	51
3.3.1.2 – Expressão corporal.....	51
3.3.1.3 – Expressão vocal	52
3.3.1.4 – Improvisação individual e coletiva	53
3.3.1.5 – Criação e interpretação de diálogos.....	54

3.3.2 – 8.º ano de escolaridade.....	55
3.3.2.1 – Integração e dinâmica de grupo.....	56
3.3.2.2 – Desenvolvimento da expressão corporal e vocal.....	56
3.3.2.3 – Improvisação com e sem objetos.....	56
3.3.2.4 – Criação de máscaras, fantoches e sombras chinesas.....	57
3.3.2.5 – Dramatização de textos não dramáticos.....	59
3.3.3 – 9.º ano de escolaridade.....	60
3.3.3.1 – Primeiro período.....	60
3.3.3.1.1 – Exercícios de expressão corporal	61
3.3.3.1.2 – Exercícios de respiração, colocação e projeção de voz	62
3.3.3.1.3 – Exercícios de interpretação.....	63
3.3.3.1.4 – Exercícios de escrita criativa	64
3.3.3.1.5 – Intervenção no espaço	65
3.3.3.2 – Segundo período	66
3.3.3.2.1 – Ensaios de leitura	66
3.3.3.2.2 – Construção de personagens	68
3.3.3.2.3 – Marcação cénica	69
3.3.3.3 – Terceiro período	70
3.3.3.3.1 – Ensaios corridos	70
3.3.3.3.2 – Ensaios com som	71
3.3.3.3.3 – Ensaios com adereços	72
3.4 – Atividades desenvolvidas extra sala de aula	73
3.4.1 – 7.º e 8.º anos	73
3.4.1.1 – Fruição de espetáculos teatrais	74
3.4.1.2 – Realização de pesquisas	75
3.4.1.3 – Apresentação prática de exercícios teatrais	75
3.4.2 – 9.º ano	76

3.4.2.1 – Primeiro período	77
3.4.2.1.1 – Fruição de espetáculos teatrais	77
3.4.2.1.2 – Realização de pesquisas.....	78
3.4.2.1.3 – Criação de objetos cenográficos simples	79
3.4.2.1.4 – Criação de figurinos simples	80
3.4.2.1.5 – Apresentação prática de exercícios teatrais	81
3.4.2.2 – Segundo período	82
3.4.2.2.1 – Participação no Núcleo de Teatro do Sol	83
3.4.2.2.2 – Participação no Festival Regional de Teatro Escolar “Carlos Varela”	89
3.4.2.3 – Terceiro período	96
3.4.2.3.1 – Ensaio técnico	96
3.4.2.3.2 – Ensaio geral	97
3.4.2.3.3 – Apresentações públicas	98
3.2.3.3.1 – Apresentação no Encontro-Te (Encontro de Teatro Escolar)	99
3.4.2.3.3.2 – Apresentação para a comunidade estudantil	108
3.4.2.3.3.3 – Apresentação para a comunidade em geral	109
3.5 – Produção e apresentação pública de peças teatrais	111
Resumo do capítulo	111
Capítulo IV – RETROAÇÃO E AVALIAÇÃO SOBRE O PROJETO	113
Introdução	113
4.1 – Retroação e Avaliação dos Sujeitos de Aprendizagem	113
4.1.1 – Significado da disciplina de Teatro	114
4.1.2 – Significado da participação no Teatro	117
4.1.3 – Significado da relevância atribuída ao Teatro.....	118

4.1.4 – Significado para o desenvolvimento pessoal.....	119
4.1.5 – Significado para o desenvolvimento artístico e cultural.....	123
4.2 – Retroação e Avaliação dos Encarregados de Educação.....	128
4.2.1 – Significado da disciplina de Teatro na educação do seu filho	129
4.2.2 – Significado para o desenvolvimento pessoal do seu filho.....	130
4.2.3 – Significado para o desenvolvimento artístico e cultural do seu filho.....	131
4.2.4 – Significado da participação e relevância atribuído ao Teatro	133
4.2.5 – Significado do Teatro na abertura da escola à comunidade.....	134
4.3 – Retroação e Avaliação da ex-Presidente do Conselho Executivo.....	135
4.3.1 – Significado da disciplina de Teatro na escola	135
4.3.2 – Significado para o desenvolvimento pessoal dos alunos	135
4.3.3 – Significado para o desenvolvimento artístico e cultural dos alunos	136
4.3.4 – Significado da participação e relevância atribuído ao Teatro	137
4.3.5 – Significado do teatro na abertura da escola à comunidade	138
4.4 – Retroação e Avaliação da Presidente da Comissão	139
4.4.1 – Significado da disciplina de Teatro na escola	139
4.4.2 – Significado para o desenvolvimento pessoal dos alunos	139
4.4.3 – Significado para o desenvolvimento artístico e cultural dos alunos	140
4.4.4 – Significado da participação e relevância atribuído ao Teatro	141
4.4.5 – Significado do Teatro na abertura da escola à comunidade	142
4.5 – Retroação e Avaliação do técnico responsável do Auditório do Centro Cultural John dos Passos	142
4.5.1 – Significado do Teatro escolar no Centro Cultural John dos Passos	143
4.5.2 – Significado para o desenvolvimento pessoal dos alunos	144
4.5.3 – Significado para o desenvolvimento artístico e cultural dos alunos	145
4.5.4 – Significado da participação e relevância atribuído ao Teatro	145
4.5.5 – Significado do Teatro na abertura da escola à comunidade	146

4.6 – Reflexão sobre as principais atividades e decisões didático-pedagógicas	
no projeto de Teatro-Educação	147
Resumo do capítulo	148
CONCLUSÕES	149
Limites do estudo.....	152
Principais resultados obtidos	152
Recomendações	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157
ANEXOS	162
Anexo I – Guião de entrevistas aos sujeitos de aprendizagem	163
Anexo II – Critérios de avaliação da disciplina de Teatro do 8.º ano	168
Anexos III (<i>em CD</i>) – Materiais pedagógico-didáticos utilizados na prática teatral.	
Contém:	
• Cartilha de jogos e exercícios teatrais	
• Adaptação teatral de contos populares madeirenses	
• Desenhos de luz	
• Fotografias de espetáculos	
• Cartazes	
• Certificados e troféus de Teatro	
• Notícias de imprensa	
• Vídeo de abertura da performance “Intimidades”	
• Vídeos de momentos do espetáculo “E a Obra Nasce...”	

Lista de figuras

Figura 1 – Representação de quatro fases do ciclo básico da investigação-ação	12
Figura 2 – Modelo Sistémico de Relação Pedagógica	13
Figura 3 – Figuras de Artenautas teatrais criados pelos sujeitos de aprendizagem	43

Lista de fotografias

Foto n.º 1 – Teatro Municipal Baltasar Dias	6
Foto n.º 2 – Professor Fernando Pinho na régie colaborando na operação de som e luz ...	15
Foto n.º 3 – Momento de malabarismo com lenços	16
Foto n.º 4 – Sala de aula na função comum.....	17
Foto n.º 5 - Hall de entrada da escola	18
Foto n.º 6 - Pátio exterior	18
Foto n.º 7 - Auditório do Centro Cultural John dos Passos.....	18
Foto n.º 8 - Representação da peça “As Feiticeirinhas”.....	59
Foto n.º 9 – Representação da peça “Mais vale ter sorte que ser rico”.....	60
Foto n.º 10 – Momento expressivo do espetáculo teatral “Gente fina é outra coisa”.....	61
Foto n.º 11 – Alunos após apresentação de um espetáculo.....	66
Foto n.º 12 – Professores e alunos no espetáculo “30 anos a educar”.....	72
Foto n.º 13 – Alunos do 7.º ano num exercício prático teatral.....	74
Foto n.º 14 – Alunos intervindo no espetáculo de Teatro de revista “ 30 anos a Educar”.....	76
Foto n.º 15 – Alunos esperando na plateia o começo de um espetáculo.....	78
Foto n.º 16 – Alunos e professora com adereços de um espetáculo de Teatro de animação de rua.....	79
Foto n.º 17 – Figurinos feitos por um encarregado de educação.....	80
Foto n.º 18 – Saias feitas pelos alunos para o espetáculo ”Intimidades”.....	81
Foto n.º 19 – Alunos de 9.º ano no espetáculo “ Gente Fina é Outra Coisa”.....	82

Foto n.º 20 – Momento de representação teatral de uma funcionária e um professor.....	83
Foto n.º 21 – Espetáculo de Teatro de revista pelo Núcleo de Teatro do Sol, com intervenientes de várias idades.....	84
Foto n.º 22 – Professor de Teatro e alunos num espetáculo de Teatro de animação de rua.	85
Foto n.º 23 – Público na plateia do Auditório do Centro Cultural John dos Passos.....	86
Foto n.º 24 – Intervenientes no espetáculo “E a Obra Nasce...” apresentado em 2012.....	87
Foto n.º 25 – Entrada do espaço do Núcleo de Teatro do Sol.....	88
Foto n.º 26 – Interior do espaço onde se guardam materiais do Núcleo de Teatro do Sol...	88
Foto n.º 27 – Momento de representação do espetáculo “ Medeia” de Eurípedes.....	91
Foto n.º 28 – Alunos aplaudindo no final do espetáculo.....	92
Foto n.º 29 – Aluna com o prémio de melhor atriz no Festival de Teatro.....	92
Foto n.º 30 – Aluno com o prémio de melhor ator no Festival de Teatro.....	93
Foto n.º 31 – Momento do espetáculo “ Rei Édipo”.....	94
Foto n.º 32 – Alunos de 9.º ano representando o “Auto da Índia” de Gil Vicente.....	99
Foto n.º 33 – Aluno a preparar a apresentação do Encontro-Te.....	100
Foto n.º 34 – Vereador do pelouro da cultura da Câmara Municipal a entregar um troféu no Encontro-Te.....	102
Foto n.º 35 – Público estudantil a assistir a um espetáculo do Grupo “ O Moniz” no Encontro-Te.....	103
Foto n.º 36 – Troféus da 4.ª edição do Encontro-Te realizado em 2009.....	104
Foto n.º 37 – A alegria de alunos do Grupo “O Moniz” mostrando o troféu de participação no Encontro-Te.....	104
Foto n.º 38 – Momento de entrega de um troféu pelo professor de Teatro a um aluno	105
Foto n.º 39 – Aluno e professor de educação visual responsável pela plástica dos espetáculos.....	105
Foto n.º 40 – O coordenador de Teatro da Divisão Regional de Educação Artística e Multimédia com a ex-Presidente do Conselho Executivo.....	106
Foto n.º 41 – Professor de Teatro discursando no encerramento do Encontro-Te em 2008.	106

Foto n.º 42 – Momento do espetáculo “Medeia” de Eurípedes.....	107
Foto n.º 43 – Outro momento do espetáculo “Medeia” de Eurípedes.....	107
Foto n.º 44 – Alunos assistindo a um espetáculo de Teatro no Centro Cultural John do Passos.....	108
Foto n.º 45 – Comunidade em geral a assistir um espetáculo de Teatro.....	109
Foto n.º 46 – Aluno de 9.º ano apresentando um monólogo.....	124
Foto n.º 47 – Alunos apresentando um número de malabarismo.....	129
Foto n.º 48 – Encarregados de educação na entrada do Centro Cultural John dos Passos antes do espetáculo.....	132
Foto n.º 49 – Alunos e a vice-presidente do conselho executivo no espetáculo de teatro de revista “Noites de Teatro”.....	153
Foto n.º 50 – A ex-presidente do conselho executivo a agradecer os alunos de 7.º ano pelo espetáculo “ Ya meu! Hoje quem manda sou eu!”.....	154
Foto n.º 51 – Uma encarregada de educação oferecendo um ramo de flores à diretora de uma turma de Teatro após o espetáculo.....	154
Foto n.º 52 – Troféu criado e oferecido ao professor de Teatro pelos alunos de 9.º ano no ano letivo 2008-2009.....	155

INTRODUÇÃO

“Concebe-se hoje a educação pela arte, não como formação contemplativa da beleza, mas ativamente, procurando despertar a criatividade na criança. E a educação pela arte, que decorre do encontro da pedagogia moderna com as novas experiências artísticas, promoverá a formação humanística do indivíduo, pela integração e harmonia de experimentações e aquisições, facilitando mesmo o aproveitamento escolar geral e especial, num equilíbrio físico e psíquico.” (Arquimedes da Silva Santos, 1981, citado por Alberto Sousa, 2003, p. 30).

O Teatro tem sido ao longo dos tempos proposto como instrumento fundamental na formação e educação artística de todos os indivíduos. Em diversos encontros, conferências, seminários e congressos, a nível mundial, tem-se defendido a educação artística como uma prioridade na educação.

No âmbito da I Conferência Mundial sobre Educação Artística, organizada pela UNESCO, que aconteceu de 6 a 9 de Março de 2006 no Centro Cultural de Belém em Lisboa, surgiu o Roteiro para a Educação Artística¹ onde *“propõe-se explorar o papel da Educação Artística na satisfação da criatividade e de consciência cultural no século XXI, especialmente sobre as estratégias necessárias à introdução ou promoção da Educação Artística no contexto de aprendizagem.”*

Este roteiro relata a importância da Educação Artística e o seu papel essencial na melhoria da qualidade da educação dos indivíduos. Defende-se que a educação artística deverá igualmente ser sistemática e ser facultada durante vários anos, uma vez que se trata de um processo a longo prazo. Por isso não nos conformamos com o facto de a disciplina de Teatro ter sido retirada do 9.º ano de escolaridade do sistema educativo português, a partir do ano letivo 2012-2013².

¹ Consulta em: <http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Roteiro.pdf>

² Consulta em: <http://www.dge.mec.pt/index.php?s=noticias¬icia=397>

De acordo com a Convenção sobre os Direitos da Criança³ de 1989, adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas, nomeadamente no artigo 31, menciona-se que:

“Os Estados Partes respeitam e promovem o direito da criança participar plenamente na vida cultural e artística e encorajam a organização, em seu benefício, de formas adequadas de tempos livres e de atividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade.”

A educação através da arte é imprescindível para a formação integral das crianças e jovens, bem como para o exercício de uma cidadania plena.

A educação artística, como defende Alberto B. Sousa (2003, p. 61), *“proporciona uma equilibrada cultura geral, com vivências culturais no domínio das letras, das ciências e das artes, que levará a um melhor desenvolvimento da pessoa, no seu todo.”*

Numa investigação encomendada em 2004-2005 pela UNESCO, em colaboração com o Conselho para as Artes da Austrália e a Federação Internacional dos Conselhos para as Artes e Organismos da Cultura (IFACCA), sobre o impacto dos programas ricos em arte na educação das crianças e dos jovens em todo o mundo, concluiu-se que:

*“A arte tem uma contribuição valiosa na educação global das crianças, especialmente no que se refere ao seu desempenho académico, bem-estar, atitudes em relação à escola e as perceções da aprendizagem mas que o carácter da educação artística varia consideravelmente de país para país.”*⁴

Acreditamos por experiência que o Teatro-educação *“contribui para um currículo localmente relevante que suscita o interesse e o entusiasmo dos educandos.”* (Roteiro para a Educação Artística, 2006).

³ Consulta em: http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

⁴ Consulta em : <http://www.educacao-artistica.gov.pt/interven%C3%A7%C3%B5es/Confer%C3%Aancia%20Anne%20Bamford,%20Portugues.pdf>

Contextualização e problema da pesquisa

No Roteiro para a Educação Artística, 2006, menciona-se que:

“Parte-se do princípio que a educação artística é um dos melhores meios para alimentar a criatividade (quando os métodos de ensino e de aprendizagem a apoiam), mas os mecanismos do processo não estão bem documentados e, por isso, o argumento não é bem recebido por parte dos decisores políticos. Assim, torna-se necessário realizar mais investigação neste domínio.”

Esperamos que a presente pesquisa, centrada na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, seja mais um contributo para a melhoria do Teatro como disciplina de educação artística.

Os participantes na Conferência Mundial sobre Educação Artística (2006), no roteiro, subscreveram várias considerações sobre os benefícios da educação artística, das quais realçamos as seguintes:

“ O desenvolvimento, através da Educação Artística, de um sentido estético, da criatividade e das faculdades de pensamento crítico e de reflexão que são inerentes à condição humana é o direito de todas as crianças e jovens.

Reconhecem o valor e a aplicabilidade das artes no processo de aprendizagem e o seu papel no desenvolvimento de capacidades cognitivas e sociais que estão subjacentes à tolerância social e à celebração da diversidade.

Reconhecem que a Educação Artística contribui para a melhoria da aprendizagem e para o desenvolvimento de capacidades pela importância que dá às estruturas (tais como as matérias e os papéis situados no tempo), à importância para o educando (ligada de modo significativo à vida das crianças e ao seu ambiente social e cultural), e à cooperação entre os sistemas e recursos de aprendizagem formal e não formal.

Registam que um dos grandes desafios para o século XXI passa pela necessidade cada vez maior de criatividade e imaginação das sociedades e que a educação artística pode ter aqui um papel de relevo na satisfação dessa necessidade.

Compreendem que a Educação Artística, ao gerar uma série de competências e de aptidões transversais e ao fomentar a motivação dos estudantes e a participação ativa na aula, pode melhorar a qualidade da educação (...).”

Nesta linha de pensamento, podemos entender a educação artística como uma educação global, isto é, uma educação que possua uma grande ligação interdisciplinar entre todas as áreas de aprendizagem e não apenas as artísticas.

O Teatro como disciplina de educação artística, ao longo destes dez anos letivos na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, tem sido uma área de grande interesse por parte dos sujeitos de aprendizagem. Isto porque o Teatro propicia o desenvolvimento da capacidade de uma atuação mais ativa e autónoma do sujeito, oferecendo a oportunidade de o jovem estudante vivenciar no seu processo criativo diferentes emoções e sensações, abrindo assim, novas possibilidades de relacionamento com o mundo.

De acordo com esta ideia está Peter Brook, ao afirmar que:

“O teatro é, para aquele que o faz, um exercício permanente. Representar, aceitar o desafio do jogo, é, assim, aceitar melhorar-se através do prazer, o que faz do teatro um instrumento fantástico da educação.” (Mencionado na APROTED⁵).

A realização desta pesquisa teve também em consideração alguns aspetos presentes no Projeto Educativo de Escola, na qual procurou desenvolver os seguintes objetivos:

“Incentivar a criatividade individual ou de grupo, bem como as atitudes de constante atenção à inovação científica e pedagógica e de permanente abertura das soluções à nossa realidade;

Promover as formas de expressão técnica, desportiva e artística como meios de compreensão e de intervenção no mundo, por intermédio de iniciativas que apelem à criatividade e à ação efetiva dos envolvidos, expressas na participação dos alunos do ensino regular em pelo menos uma atividade em cada ano escolar.

Contemplar a comunicação das ideias e da informação artística, técnica ou científica como componente significativa das experiências de aprendizagem proporcionadas ao aluno e, conseqüentemente, do processo de avaliação nas várias disciplinas;

Desenvolver projetos de enriquecimento curricular (Clubes) com o espaço na dinâmica da Escola, em coerência com a orientação do Projeto Educativo de Escola;

Proporcionar espaços e atividades colaborativas de criação ou recreação com participação dos diversos grupos que integram a escola: alunos, funcionários, professores e, eventualmente, pais;

⁵ Consulta em: <http://teatronaeducacao.blogspot.pt/>

Instituir formas de comunicação regular e ativa com a comunidade nomeadamente com promoção e divulgação de iniciativas sociais e culturais.”

Passamos agora a enunciar os motivos que nos levaram a desenvolver esta pesquisa.

Motivação da pesquisa

Tudo o que está relacionado com o campo da educação artística, nomeadamente na área do Teatro, cativa-me totalmente e procuro envolver-me de forma participativa e ativa.

O Teatro foi o caminho que me levou a entrar no mundo artístico, que iniciei em 1990 no Colégio Missionário, onde estudei e pisei pela primeira vez as tábuas de um palco, integrando várias peças teatrais. A viagem teatral continuou na Escola do 2.º e 3.º ciclos do Estreito de Câmara de Lobos, pois, no fim de cada período, apresentava-se sempre um espetáculo de Teatro. Seguiu-se a responsabilidade de formação do Grupo de Teatro da Casa do Povo do Estreito de Câmara de Lobos, em 1993. Neste ano participei no II Curso de Diretores e Encenadores de Teatro Amador, promovido pelo INATEL, na Região Autónoma da Madeira, no Teatro Municipal Baltazar Dias⁶.

Em 1994 participei no III Curso de Diretores e Encenadores de Teatro Amador, promovido pelo INATEL, na Região Autónoma da Madeira, no Teatro Municipal Baltazar Dias.

Esta experiência constituiu uma excelente oportunidade de formação e desenvolvimento pessoal, artístico e cultural, sob a orientação de vários professores da área teatral, tais como: Mário Feliciano, Tomás Ribas, Fernando Augusto, Natália Matos, Luís de Matos, Teresa Norton, Eduardo Luís, entre outros. Realmente o desenvolvimento pessoal, artístico e cultural são domínios que têm uma ligação muito próxima com o Teatro, daí o facto de na presente pesquisa os incluir como objetivos específicos.

⁶O Teatro Municipal Baltazar Dias foi construído em 1888 e recebeu vários nomes desde a sua inauguração (Teatro Maria Pia, Teatro Funchalense, Teatro Manuel de Arriaga). O seu atual nome é uma homenagem ao poeta cego da ilha Madeira, Baltazar Dias, autor da segunda metade do séc. XVI. Fonte: http://www.cm-funchal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=222&Itemid=87



Foto n.º 1 – Teatro Municipal Baltasar Dias

De 1996 a 2000 frequentei o 10.º Curso de Formação e Preparação de Artistas de Teatro para o Gabinete Artístico do Teatro Experimental do Funchal⁷, sob a orientação do diretor artístico Eduardo Luís. Entre 1997 e 2003 passei a integrar o elenco fixo como ator, participando em vários espetáculos teatrais, essencialmente infanto-juvenis, da companhia Teatro Experimental do Funchal.

De 2003 a 2012 desempenhei a função de professor de Teatro na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, local onde se centra esta pesquisa. Foi deveras gratificante, encontrar alunos que me reconheceram como ator dos espetáculos infanto-juvenis a que assistiram.

Como professor, animador, observador e participante, tenho constatado que o Teatro tem contribuído para os alunos “*ganharem vida a representar*” (Brook, 2008, p. 60), incluindo aqueles com necessidades educativas especiais, os quais sendo bem orientados, vivem intensamente esta atividade coletiva.

⁷ *Teatro Experimental do Funchal (TEF) é uma Associação Cultural, sem fins lucrativos e de Utilidade Pública, que tem vindo a concretizar, testemunhar e habitar o fenómeno do desenvolvimento do teatro na Região Autónoma da Madeira, desde 1975.* Disponível em: <http://www.tef.pt/TEF/Prologo.html>

Paralelamente à função de professor, tenho trabalhado até à presente data como formador, ator, animador e encenador em vários grupos de Teatro, ligados na sua grande maioria às Casas do Povo da Região Autónoma da Madeira.

Com esta experiência de atuação, ensino e aprendizagem teatral ao longo destes anos, tenho encarado o Teatro como espaço de comunicação, descoberta e de experimentação do Eu, com o Outro e com o mundo envolvente.

Por outro lado, o Teatro suscita-me várias questões no âmbito da minha prática profissional, para as quais tenho procurado encontrar respostas. Continuo a sentir necessidade de aprofundar o conhecimento específico nesta área artística que é dominada pela ação, e por outro lado, tenho a consciência da importância de uma constante formação pedagógica e artística.

A decisão de frequentar o Mestrado em Arte e Educação foi, também, um dos passos marcantes nesta viagem de ensino e aprendizagem.

Como o aprender e o ensinar são dois verbos que não consigo dissociar, considero que o professor de Teatro é um eterno estudante. O professor ensina mas está constantemente em aprendizagem, quer por sua iniciativa, quer por força das circunstâncias de cada ano letivo. Ao longo destes dez anos de lecionação a partir do Teatro-educação, aprendi que a escola é um espaço onde nos devemos sentir felizes e podemos contribuir para a felicidade dos outros. Não fosse o Teatro uma arte que também é de animação da escola, como espaço ideal para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade.

Estou ciente de que uma retroação e avaliação adequadas tornar-me-ão num professor mais competente e mais atento ao desempenho na minha atividade, para que possa continuar de forma mais segura esta viagem de descoberta e de criação expansiva do conhecimento teatral, junto dos sujeitos de aprendizagem. Para que o Teatro-educação cresça tem que estar junto da juventude. E de acordo com Redondo Júnior (1978), “*a juventude pode salvar o teatro.*”

Finalmente, outra das motivações da realização desta pesquisa está intimamente ligada com assuntos relacionados com a educação artística, nomeadamente o ensino do Teatro no sistema educativo português.

Assim, tendo sempre presente a importância do Teatro como disciplina de educação artística, entramos agora, na questão principal da pesquisa.

Questão principal da pesquisa

A questão principal desta pesquisa define-se do seguinte modo:

- Qual é o significado atribuído pelos alunos da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol à sua experiência na disciplina de Teatro, entre 2003 e 2012?

Além da questão principal, outras questões serão pertinentes, tendo em conta que têm uma ligação direta ao tema que orientou a presente pesquisa. Assim, também serão averiguadas a seguintes questões:

- O que leva os alunos a optar pela disciplina de Teatro?
- Qual a influência do Teatro na animação da comunidade escolar?
- Qual o impacto do Teatro na abertura da escola à comunidade?

Para clarificar melhor a finalidade desta pesquisa, traçamos os objetivos em duas categorias:

Objetivo geral

- Descrever o significado atribuído pelos alunos da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol à sua experiência na disciplina de Teatro.

Objetivos específicos

- Identificar elementos que contribuíram para o desenvolvimento pessoal, artístico e cultural dos alunos;
- Relatar qual o nível de participação e relevância atribuído à disciplina de Teatro;
- Descrever as principais atividades e decisões didático-pedagógicas utilizadas na orientação da disciplina de Teatro.

Conhecidas as questões e respetivos objetivos que norteiam esta pesquisa, passemos de seguida à forma como a mesma se encontra organizada.

Estrutura da pesquisa

Para cumprir os objetivos enunciados e responder à questão principal desta pesquisa, o trabalho foi organizado em quatro capítulos.

O trabalho inicia-se com uma introdução que contextualiza a pesquisa, identifica as questões orientadoras e define os objetivos. De seguida, é apresentada a motivação para esta pesquisa através de uma breve retroação desde os meus primeiros contatos com o Teatro até a atualidade. Assim, enuncia-se as principais linhas de força que norteiam esta pesquisa pelas fases de conceção, implementação, retroação e avaliação. De uma forma sucinta, passamos a enunciar as temáticas que compõem os vários capítulos desta pesquisa.

No primeiro capítulo refere-se a metodologia selecionada para este trabalho de pesquisa. Apresenta-se também o modelo de relação pedagógica, baseado em Renald Legendre (1993, 2005), os instrumentos de recolha de dados e análise de conteúdo e cruzamento de dados.

No segundo capítulo debruça-se sobre a fundamentação e conceção do projeto da disciplina de Teatro. Estuda-se alguns conceitos de Teatro e o binómio Teatro-educação, onde se verifica o quanto esta arte enriquece os sujeitos de aprendizagem nas dimensões pessoais, artísticas e culturais. Ainda neste capítulo aborda-se algumas perspetivas sobre o perfil e funções do professor de Teatro. A fechar o capítulo expõe-se as linhas de força que caracterizam o currículo da disciplina de Teatro no 3.º ciclo do ensino básico.

No terceiro capítulo descreve-se a forma como foi implementado o projeto de Teatro na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol. Enuncia-se ainda, as principais atividades desenvolvidas em contexto de sala de aula e extra sala de aula, para os três níveis de ensino, nomeadamente 7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade.

Dá-se enfoque aos espetáculos apresentados no Centro Cultural John dos Passos⁸ e à

⁸ *Centro Cultural John dos Passos é uma casa que foi construída no século XIX e foi propriedade de familiares do escritor. Atualmente, o Centro Cultural John dos Passos conta com espaços que acolhem exposições temporárias, uma sala de exposição permanente dedicada a John dos Passos, dois espaços museológicos sempre visitáveis, uma sala de reservados, uma biblioteca que conta também com a extensa obra do autor e um auditório onde se desenvolvem as mais variadas atividades culturais.* Fonte: <https://www.facebook.com/CCJohnDosPassos/info>

experiência dos sujeitos de aprendizagem, em atividades extracurriculares, no Núcleo de Teatro do Sol, através do participação no Festival Regional de Teatro Escolar “Carlos Varela⁹” e no nosso Encontro-Te (Encontro de Teatro do Sol¹⁰).

Encontra-se ainda, neste capítulo, imagens significativas de momentos de relevância do projeto desenvolvido dentro e fora do contexto de sala de aula.

Tendo em conta o significado, participação e relevância atribuído ao Teatro escolar e o papel desta arte no desenvolvimento pessoal, artístico e cultural dos alunos, inicia-se o quarto capítulo desta pesquisa.

Assim, neste último capítulo apresenta-se uma retroação e reflexão sobre o projeto, a partir dos depoimentos dos sujeitos da aprendizagem, encarregados de educação, ex-presidente do conselho executivo, presidente da comissão¹¹ e técnico responsável pelo auditório do Centro Cultural John dos Passos.

Seguidamente, apresentamos as conclusões com os limites do estudo e os principais resultados obtidos, que respondem essencialmente à questão orientadora e aos objetivos propostos para esta pesquisa. Ainda deixamos algumas recomendações para futuras pesquisas, nesta área do Teatro escolar.

Finalmente, para a fundamentação teórica da pesquisa recorre-se às referências bibliográficas e à recolha de documentos da escola e pessoais, que se encontram nos anexos.

Passamos de seguida à descrição da abordagem metodológica, escolhida para a nossa pesquisa.

⁹ *Carlos Varela foi docente da Escola Secundária Jaime Moniz e fundou o grupo de teatro O Moniz em 1990. O Festival de Teatro Escolar Carlos Varela iniciou-se em 1993, com a designação de I Encontro de Grupos de Teatro Escolar da RAM, sendo uma iniciativa do Grupo de Teatro O Moniz e tendo como grande impulsionador o professor Carlos Varela. Em 2001, em homenagem ao professor Carlos Varela, o Festival passa a designar-se de Festival Regional de Teatro Escolar Carlos Varela e o grupo organizador O Moniz – Carlos Varela. Fonte: <http://historialomonizcarlosvarela.wordpress.com/>*

¹⁰ Encontro-Te (Encontro de Teatro do Sol) – criado pelo Núcleo de Teatro do Sol, da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, no ano letivo 2005-2006.

¹¹ A gestão da escola está a cargo de uma Comissão nomeada pela Secretaria Regional de Educação e Recursos Humanos conforme o Despacho n.º 2 de 2013. Consulta em: <http://www.ebpsol.com/noticias.aspx?page=2>

Capítulo I – ABORDAGEM METODOLÓGICA

1.1 – Tipo de pesquisa

Recorreu-se a um método de pesquisa qualitativa que é utilizado em diversos estudos na área da educação em contexto escolar e que acentuam o papel do investigador enquanto observador e participante. Escolheu-se esta via por estar diretamente relacionada com a minha própria experiência, como professor de Teatro, observador e participante nas aulas teórico-práticas da disciplina de Teatro, dos 7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade, ao longo de dez anos letivos na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol.

Devido à natureza desta pesquisa focada na reflexão sobre a minha prática profissional na educação, a mesma assentará numa metodologia de investigação-ação já realizada e, portanto, *pós-facto*.

Já Isolina Oliveira e Lurdes Serrazina no artigo *A Reflexão e o Professor como Investigador*¹² mencionam:

“Ao envolver-se em projetos de investigação-ação sobre a prática numa abordagem reflexiva, o professor está a refletir sobre a sua prática, aumentando o seu conhecimento profissional à medida que consegue explicitar diferentes aspetos do seu conhecimento tácito.” (Oliveira, I; Serrazina, L. (s/d), p. 13).

Ainda segundo estas autoras, *“É ao refletir sobre a ação que se consciencializa o conhecimento tácito, se procuram crenças erróneas e se reformula o pensamento.”*

Acrescentam ainda que

“ (...) a ideia de reflexão surge associada ao modo como se lida com problemas da prática profissional, à possibilidade da pessoa aceitar um estado de incerteza e estar aberta a novas hipóteses dando, assim, forma a esses problemas, descobrindo novos caminhos, construindo e concretizando soluções.” (Oliveira, I; Serrazina, L. (s/d), p. 4).

¹² Consulta em: http://apm.pt/files/127552_gti2002_art_pp29-42_49c770d5d8245.pdf

Segundo alguns autores, esta metodologia tem a particularidade de o trabalho não estar concluído quando o projeto termina, ou seja, “*os participantes podem continuar a rever, a avaliar e a melhorar a sua prática.*” (Bell, 1993, p. 22).

Considera-se ser esta a metodologia mais pertinente neste trabalho, pois permite agir, observar e refletir de forma constante e contínua sobre a nossa prática pedagógica e artística, desenvolvida ao longo da nossa trajetória profissional, com vista a melhorá-la. Esta metodologia permite encontrar novas formas pedagógicas e criar novos materiais didáticos, ficando assim munido para poder responder, de uma forma mais eficaz e coerente, aos problemas e desafios que enfrentamos no decorrer da nossa profissão, melhorando desta forma a qualidade da oferta de educação artística através do Teatro.

O carácter descritivo da investigação qualitativa apresenta um resultado mais minucioso, onde não interessam somente as palavras, mas também os gestos, atitudes, comportamentos e expressões. É importante na investigação qualitativa o que os sujeitos sentem, o que pensam e como atuam.

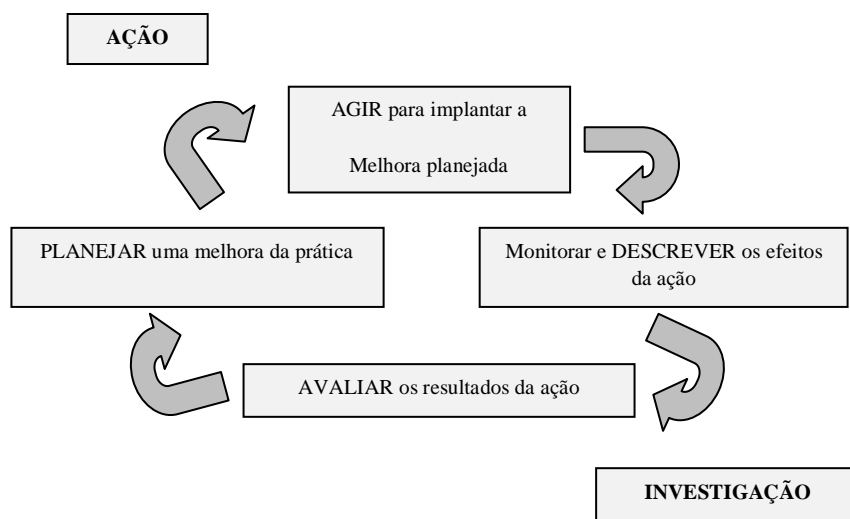


Figura 1 – Representação de quatro fases do ciclo básico da investigação-ação (Deshler e Ewart, 1995, citado por David Tripp, 2005, p. 446)¹³

¹³ Consulta em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>

Regressando ao artigo *A Reflexão e o Professor como Investigador*, as suas autoras mencionam:

“Os estudos (por exemplo, Loudon, 1991; Serrazina, 1998) que destacam a importância da reflexão sobre as práticas consideram que, deste modo, os professores desenvolvem novas maneiras de pensar, de compreender, de agir e de equacionar os problemas da prática, adquirindo uma maior consciencialização pessoal e profissional sobre o que é ser professor e como ser um professor que, de modo consistente, questiona as suas próprias práticas.” (Oliveira, I; Serrazina, L. (s/d), p. 12).

Face o exposto anteriormente, esperamos que a esta pesquisa baseada na reflexão sobre a nossa prática de professor de Teatro possa abrir novas possibilidades para a ação, melhorando assim aquilo que fazemos em prol do êxito do Teatro-educação.

Vamos seguidamente concentrar-nos nos pólos do modelo de relação pedagógica de Renald Legendre (1993, 2005), que adotamos como elementos orientadores para a presente pesquisa.

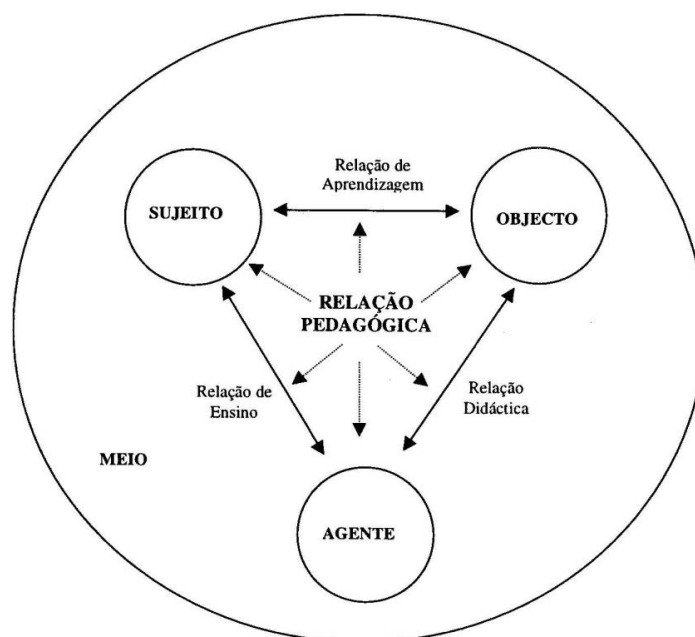


Figura 2 – Modelo Sistémico de Relação Pedagógica.

(Fonte: Legendre, 1993, mencionado por Martins, 2002, p. 41)

1.2 - Modelo de Relação Pedagógica

O processo da pesquisa teve como princípios e linhas de força os vários elementos que compõem o modelo de relação pedagógica de Renald Legendre (1993, 2005), mencionado de forma clara e concisa por Martins (2002), na sua obra *Didática das Expressões*.

Em determinada altura, o autor afirma: “*a relação Pedagógica (RP) tem lugar em situações e actos pedagógicos que emergem de um contexto específico em que se desenrolam os processos de ensino-aprendizagem*” (Martins, 2002, p. 38). Passaremos, de seguida, a um esclarecimento breve dos pólos que fazem parte deste modelo de Relação Pedagógica.

1.2.1 – O(s) Sujeito(s) de aprendizagem

“O Sujeito (S) que corresponde ao ser humano numa situação de aprendizagem.” (Martins, 2002, p. 39).

Esta pesquisa envolveu de certa forma todos os alunos que durante estes 10 anos letivos puderam vivenciar uma nova experiência de educação artística, através do Teatro.

Calculamos que mais de dois mil sujeitos de aprendizagem tiveram uma experiência de prática teatral, no 7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade.

De acordo com João Mota (2008, mencionado em Lopes, R. p. 208), “*hoje fala-se mais em estarmos uns com os outros*” e realmente no Teatro só é possível desenvolver-se boas práticas se tivermos bem assente esta relação de proximidade do Eu com o Outro.

1.2.2 – O(s) Agente(s) de ensino

“O Agente (A) que é responsável pelo planeamento, animação e avaliação do processo de ensino e da progressão e qualidade das aprendizagens.” (Martins, 2002, p. 39).

O professor da disciplina de Teatro foi o principal agente de ensino. Mas os sujeitos de aprendizagem tiveram contacto com outros recursos humanos além do professor, como foi o caso do técnico de som e luz, que colaborou ativamente durante estes anos no desenho,

montagem e operação técnica em vários espetáculos levados à cena, pelos alunos, no auditório do Centro Cultural John dos Passos.



Foto n.º 2 – Professor Fernando Pinho na régie colaborando na operação de som e luz.

É importante salientar o papel do professor de música que além de colaborar no ambiente musical dos espetáculos, também teve um papel de ação ao executar instrumentos musicais em espetáculos de teatro musical e performances de poesia. Finalmente, destaca-se o técnico responsável pelo auditório do Centro Cultural John dos Passos que, desde o ano de 2003, acompanhou todas as montagens e respetivas apresentações teatrais levadas à cena.

Os sujeitos de aprendizagem usufruíram de diversos recursos de natureza material de fortalecimento do processo de ensino e aprendizagem, nomeadamente o visionamento de filmes relacionados com a história do Teatro; criação de máscaras, fantoches e maquetas de cenários que foram aproveitadas para exposições no dia mundial do Teatro. Os alunos tiveram ainda contacto com material de luminotecnia (foco de perseguição, projetores diversos, filtros, mesa de luz) e realizaram experiências com sonoplastia (programas de gravação de som e operação de mesa de som). Foi-lhes ainda proporcionada a utilização de alguns instrumentos

de percussão como bombos, caixas e maracas, assim como a aprendizagem de técnicas circenses, principalmente manuseamento de malabares (bolas, lenços, massas, arcos, disco chinês, diablo, devil stik, pios) e ainda lançamento de fogo e atuação em andas.

Seguindo o pensamento de Legendre (1993), Amílcar Martins (2002), na sua obra *Didática das Expressões*, sublinha que:

“Em certas condições, podemos igualmente admitir, com a função de Agente (A), os recursos de apoio, quer sejam humanos, como o educador, o professor e/ou o animador, quer sejam de natureza material, como jogos, brinquedos, fantoches, aparelhos, filmes, programas de computador...” (Martins, 2002, p. 39).



Foto n.º 3 – Momento de malabarismo com lenços

1.2.3 – O Objeto de estudo

“O Objeto (O) que corresponde à natureza, ao conteúdo e aos objetivos dessa aprendizagem.” (Martins, 2002, p. 39).

O Teatro como disciplina de educação artística no 3º ciclo do ensino básico, na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, no período correspondente a 2003-2012.

1.2.4 – O Meio

“O Meio (M), ou um contexto, que envolve o Sujeito (S), o Agente (A), e o próprio Objeto (O).” (Martins, 2002, p. 39).

O principal meio foi a sala de aula, onde desenvolvemos a maioria das atividades teórico-práticas, trocou-se experiências, rimos, concordámos, discordámos, brigámos, sonhámos e acima de tudo criámos através do Teatro.



Foto n.º 4 – Sala de aula na função comum

Torna-se imperioso, contudo, incluir referências aos espaços envolventes da escola onde decorreram vários momentos de prática teatral; estes vão desde um simples vão de escada, à sala de convívio dos alunos, ao hall de entrada, ao pátio exterior, ou aos polidesportivos.



Foto n.º 5 – Hall de entrada da escola

Foto n.º 6 – Pátio exterior

Nas atividades realizadas extra sala de aula, o Centro Cultural John dos Passos foi um dos meios mais utilizados pelo Teatro, essencialmente nas apresentações práticas. O Centro Cultural tem um auditório com umas dimensões adequadas e um bom equipamento técnico para a realização de qualquer espetáculo de Teatro-educação. A aposta nas apresentações públicas (ver registos fotográficos no anexo III, em CD) foi uma constante, pois acreditamos que a ação em palco é realmente um meio privilegiado de aprendizagem, de fortalecimento de relações pedagógicas e de desenvolvimento pessoal, artístico e cultural.



Foto n.º 7 – Auditório do Centro Cultural John dos Passos

Finalmente, o palco do ginásio da Escola Secundária Jaime Moniz, onde se realiza anualmente o Festival Regional de Teatro Escolar “Carlos Varela” foi certamente um excelente meio de experiências para os sujeitos de aprendizagem, que atuaram em vários espetáculos, perante um público estudantil e um júri na área do Teatro.

De acordo com Martins (2002, p. 39), *“deve considerar-se todo o ambiente educativo humano próximo, como o educador, a família e a comunidade local, e ainda a comunidade regional, nacional e mesmo internacional.”*

Na linha de pensamento que temos vindo a mencionar sobre a relação pedagógica, segundo Renald Legendre (1993), *“a aprendizagem desenvolve-se em função das características pessoais do Sujeito aprendiz (S), da natureza e do conteúdo do Objeto (O), dos fatores e condições do Meio (M), e da ação exercida por um Agente (A).”* (Martins, 2002, p. 39).

Seguidamente, passamos a mencionar os instrumentos de recolha de dados usados na nossa pesquisa.

1.3 – Instrumentos de Recolha de Dados

Estando esta pesquisa inserida no paradigma qualitativo, houve a necessidade de determinar meios de obtenção de dados para análise e reflexão sobre o tema central. Os dados recolhidos permitiram realizar a triangulação de informações obtidas através das entrevistas semiestruturadas, fotografias, vídeos e registos do docente. Estes dados alimentam a construção de uma teia de informações criada a partir das várias fontes. Ora, *“um dado suporta uma informação sobre a realidade, implica uma elaboração conceptual dessa informação e o modo de expressá-la que possibilite sua conservação e comunicação.”* (Flores, 1994, p. 16, citado por Calado & Ferreira, 2004, p. 2).

1.3.1 – Documentos

Bell (1993, p. 103) refere que um documento é:

“Um termo geral que designa uma impressão deixada num objeto físico por um ser humano. A investigação pode envolver a análise de fotografias, de filmes, de vídeos, de diapositivos e de outras fontes não escritas, todas elas classificáveis como documentos, mas os tipos mais comuns de documentos na investigação educacional são impressos.”

No presente estudo, foram analisados documentos diversos tais como atas do conselho pedagógico, conselhos de turma e do departamento de expressões, assim como artigos de jornais e revistas com informações alusivas à prática teatral na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol.

Efetuámos também a recolha e organização de diverso material produzido pelos alunos de Teatro, ao longo destes dez anos letivos, nomeadamente programas, folhetos, cartazes e textos dramáticos dos espetáculos realizados.

Esta foi uma excelente oportunidade para reunir toda documentação que até à data se encontrava dispersa e desorganizada. Tornou-se muito relevante recorrer a estes documentos e reunir desta forma dados importantíssimos para a nossa pesquisa.

1.3.2 – Jornal de bordo

Por hábito sempre tive um caderno presente nas aulas, onde registava as tarefas a realizar, exercícios específicos de Teatro, descobertas, dificuldades encontradas, o desempenho dos sujeitos de aprendizagem, a sua disponibilidade, concentração, o seu sentido de coletivo, entre outras tantas particularidades.

Seguidamente podemos ver uma nota retirada do caderno diário, relativa a uma minha apreciação sobre um ensaio:

“Atenção que não há disciplina durante o ensaio. Há muita indecisão nas vossas interpretações. Quando se tem uma branca, improvisa-se algo parecido para o ensaio não parar... Quero ver mais entrega e energia na representação.” (Caderno diário de Zé Abreu, 2003-11-04).

O caderno sempre foi um jornal de bordo que serviu de apoio à minha função de professor, pois o Teatro exige que o professor seja um agente de ensino, animador-observador-participante. Assim, tanto nas atividades em contexto de sala de aula como nas realizadas extra sala, anotei no caderno diversas informações que me ajudaram a orientar e avaliar de forma contínua o individual e o coletivo.

Realço que estes registos pessoais, na sua grande maioria ordenados por datas de aulas, é utilizado há muitos anos por mim, até nos cadernos de encenação, como um recurso de organização, segurança e eficácia.

Além de ter os meus próprios registos no caderno com memórias e anotações que fui criando e guardando, sempre apelei aos alunos para a importância do registo das atividades realizadas como elemento reflexivo em práticas artísticas como o Teatro. Esta ação permitiu-me lembrar de uma forma mais eficaz o desempenho de cada sujeito de aprendizagem, durante os exercícios propostos e até a melhorar o meu método de orientação.

1.3.3 – Registos fotográficos

As fotografias (anexo III) revelaram-se como documentos de grande importância, visto que contribuíram para lembrar, confirmar, apoiar e clarificar as experiências relatadas através das palavras.

A partir destes registos, foi possível uma visualização mais próxima das vivências, experiências e espetáculos teatrais realizados, na sua grande maioria, em atividades extra sala de aula.

1.3.4 – Registos videográficos

Alguns espetáculos foram registados para serem visionados na sala de aula. Foi uma forma até de corrigir determinadas situações técnicas e artísticas. Porém muitos espetáculos, infelizmente, não foram gravados, perdendo-se assim a oportunidade de serem visionados e melhorados.

1.3.5 – Entrevistas individuais

As entrevistas realizadas foram neste caso semiestruturadas. Os entrevistados foram nove sujeitos de aprendizagem, três encarregados de educação, a ex-presidente do Conselho Executivo da Escola, a atual presidente da Comissão e o técnico responsável pelo auditório do Centro Cultural John dos Passos. As entrevistas serviram para compreender perspectivas,

experiências e de como as pessoas sentem, expressam e vivem determinadas situações à volta do Teatro.

Apesar de um guião norteador (anexo I), as entrevistas seguiram um modelo de conversação informal; deste modo as pessoas sentiram-se mais confortáveis e livres para falar.

1.3.6 – Entrevistas de grupo

Realizámos entrevistas a dois grupos de quatro alunos, num total de oito, que frequentaram a disciplina de Teatro nos seguintes anos letivos: 2003 a 2006 e 2007 a 2012. Os entrevistados tiveram a oportunidade de exprimirem livremente os seus pensamentos e as suas experiências teatrais. Para conseguir este tipo de informação, é determinante que o investigador usufrua da confiança das pessoas envolvidas.

1.4 – Análise de conteúdo e cruzamento dos dados

Procedemos ao registo áudio das entrevistas, com a devida autorização de todos os entrevistados, através de conversas seguidas por um guião (anexo I). Todas as entrevistas foram posteriormente transcritas na íntegra. Desta forma, foi possível averiguar os diferentes pontos de vista presentes, e, sobretudo, analisar o problema específico desta pesquisa. Todos os elementos extraídos das entrevistas foram materiais de análise sistemática de conteúdos.

Após diversas leituras, realizámos a seleção dos textos, eliminando aspetos supérfluos e delimitando-se as categorias de análise com o objetivo de organizar os dados recolhidos, sendo identificadas e relacionadas as informações obtidas em unidades mais concretas. (Cf. Bogdan & Biklen, 1994).

Tendo em conta a questão principal e os objetivos da pesquisa, foi criado um modelo de análise de conteúdos através de categorias e subcategorias que organizaram a recolha de dados e posterior análise, bem como a interpretação de resultados.

Capítulo II – FUNDAMENTAÇÃO E CONCEÇÃO DO PROJETO

DA DISCIPLINA DE TEATRO

Introdução

No decorrer deste capítulo debruçamo-nos sobre alguns conceitos, princípios e ideias de Teatro de autores conceituados como Constantin Stanislaski, Patrice Pavis, Peter Brook e Richard Courtney, que de certa forma têm sido exemplos na orientação da nossa prática teatral.

Algumas noções e princípios inerentes ao binómio Teatro-educação também são abordados neste capítulo, com um breve enquadramento sobre a introdução do Teatro/expressão dramática como disciplina curricular do Sistema Educativo Português.

Ao refletirmos sobre a presença do Teatro na escola portuguesa, achamos pertinente partilhar alguns dos argumentos defendidos pela APROTED (Associação de Professores de Teatro-Educação).

Deixamos ainda algumas perspetivas sobre o perfil e funções do professor de Teatro, nas quais se incluem qualidades pedagógicas e artísticas de um agente de ensino que seja um *animador-observador-participante* (Barret, 1992, citado por Martins, 1998, p. 129).

A fechar o capítulo damos a conhecer as orientações curriculares da disciplina de Teatro no 3.º ciclo do ensino básico na escola portuguesa.

2.1 – Conceitos de Teatro

“ O teatro é um excelente meio de civilização, mas não prospera onde não há.”

Almeida Garrett

Ao consultarmos o significado da palavra Teatro no Grande Dicionário da Língua Portuguesa (2004, p. 1477), da Porto Editora encontramos o seguinte:

*“Teatro é o lugar ou edifício onde se representam obras dramáticas e outros espetáculos; arte de representar; profissão de ator ou atriz; coleção de obras dramáticas de um autor, época ou país; conjunto da literatura dramática. Do grego *théatron*, “lugar donde se vê um espetáculo”, pelo latim *teatru*.“*

Como se constata, a palavra Teatro tem vários significados consoante o contexto em que é utilizada.

Para Stanislaski, citado por Kusnet (1968, p. 18), *“a arte dramática é a capacidade de representar a vida do espírito humano, em público e em forma artística.”* Por outro lado, Grotowski, citado por Barbosa (1982, p. 81), afirma que *“o teatro é um encontro.”*

Já Fonseca (2012, p. II) sublinha que o Teatro é uma:

“Forma de arte dinâmica, em que vemos homens e mulheres em ação (...) É uma forma de expressão humana, partilhada entre público e atores, que tem lugar no presente, mas que nos transporta para outros tempos e lugares.”

De acordo com Patrice Pavis (1990, p. 39):

*“La riqueza infinita de formas y de tradiciones teatrales a lo largo de la Historia vuelve imposible una definición, incluso muy general, del arte teatral. La etimología de la palabra griega *theatron*, que designaba el lugar donde se situaban los espectadores para ver la representación, da cuenta solo parcialmente de un componente de este arte. (...) El origen del teatro sería ritual y religioso, y el individuo, fundido en el grupo, participaría en una ceremonia, antes de delegarle poco a poco esta tarea al actor o al sacerdote. (...) a nu El teatro se há diversificado hasta el punto de responder a numerosas funciones estéticas y sociales nuevas”.*

Ainda segundo este autor francês, o Teatro:

“Siempre presenta una acción (o la representación mimétrica de una acción) gracias a los actores que encarnan o muestran personajes a un público reunido a un espacio y un tiempo más o menos organizado para recibirlo. Un texto (o una acción), el cuerpo de un actor, una escena, un espectador: ésta parece ser la cadena obligatoria de toda comunicación teatral. (...)

La escena no será un edificio teatral construido específicamente para la presentación de obras: la plaza pública, un galpón o cualquier otro lugar “impropro” se prestan perfectamente para la actividad teatral.” (Pavis, 1990, p. 40).

Como temos vindo a verificar, a procura de um conceito de Teatro leva-nos ao encontro de vários pontos de vista; pois o Teatro é uma forma ou género de arte que tanto se aplica à peça

dramática para a apresentação em público, como ao próprio edifício onde são representados os espetáculos teatrais.

Peter Brook (2008, p. 7), apresenta-nos uma definição muito interessante de Teatro: *“alguém atravessa um espaço vazio, enquanto outro observa e nada mais é necessário para que ocorra uma ação teatral.”*

Brook remete-nos para a especificidade do Teatro ser concebido e apresentado por pessoas, tendo como principal recurso o corpo. Defende um Teatro onde os intervenientes atuam no preenchimento do espaço vazio com inteira disponibilidade. Realmente ao interpretar uma personagem o aluno aprende a escutar, a utilizar todos os sentidos, a refletir, tornando-se mais criativo.

Ainda segundo este autor, *“a arte de representar é, de certa forma, a mais exigente de todas; o teatro exige um trabalho constante e sem uma aprendizagem constante, o ator ficará sempre a meio caminho.”* (Brook, 2008, p. 39).

Este argumento de Peter Brook transporta-nos logo para a importância do Teatro-educação se aplicar de forma constante em todos os níveis de escolaridade do 3.º ciclo do ensino básico e não somente de forma semestral e opcional, no 7.º e 8.º anos de escolaridade, como acontece atualmente em Portugal.

Peter Brook (2008, p. 200) criou uma fórmula para o Teatro de que gostamos muito e que se lê assim: *“Teatro = Rra. Repetição, representação, assistência.”* Pois o Teatro passa pela repetição ao longo do processo de ensaios, com o objetivo de obter-se a melhor representação, que será fruída pela assistência. E como afirma Brook (2008, p. 203), *“sem público não há objetivo, nem sentido.”*

Segundo Frederico Garcia Lorca *“o teatro é um dos mais expressivos e úteis instrumentos para a edificação de um país e o barómetro que marca a sua grandeza ou o seu declínio. O teatro é uma escola de pranto e de riso (...).”* (Mencionado por Filho, 1960, p. 63).

Também podemos ver que Richard Courtney (1980, p. 56) aponta o Teatro como uma importante ferramenta social na formação humana:

“A imaginação dramática capacita a criança (e o adulto, de outra maneira) a ver a relação entre ideias e a sua mútua interação. E que, através da personificação e

identificação, a criança pode compreender o mundo que a rodeia. Dessa maneira, é importante que ela possa expressar através do movimento e do discurso e linguagens espontâneas, e também que use estes na identificação, para relacionar-se com o seu meio. Além, disso, a educação dramática considera que as disciplinas relativas ao teatro permitem ao adolescente e ao adulto, sob certas condições, crescerem e se desenvolverem da mesma maneira que o jogo dramático auxilia a criança pequena.” (Mencionado por Costa, A. 2005, p. 102).

Courtney tem um notável trabalho que evidencia a relação direta entre o Jogo Dramático e o processo criativo essencial para o desenvolvimento da imaginação.

Poderíamos mencionar outras perspectivas e contributos de vários autores que ajudaram a definir o universo do Teatro, mas os autores supracitados têm sido os mais significantes na nossa prática teatral.

No seguimento destas reflexões à volta do conceito de Teatro, todas elas interligadas, passaremos, de seguida, a debruçar-nos sobre algumas considerações à volta do binómio Teatro-Educação.

2.2 – Teatro-Educação

“O teatro precisa de pessoas vivas.” (Brook, 2008, p. 213).

O Teatro na educação tem uma função criativa que contribui para todo o processo de aprendizagem. Como se realça no programa de Oficina de Teatro para o 3.º ciclo, (Bezelga; Correia; Machado & Tavares (2002), não se pretende descobrir vocações, formar atores ou consumidores de produtos artísticos, antes, deseja-se que o Teatro, na escola, enquanto prática criativa, seja instrumento de descoberta das capacidades individuais e de grupo, que seja um espaço de diálogo e de experimentação.

“O teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente de expressão e comunicação.” (Koudela, 1998, p. 78, mencionado por Martins, 2008, p. 22).

De acordo com a Constituição da República Portuguesa¹⁴, artigo 70, n.º 2:

“A política de juventude deverá ter como objetivos prioritários o desenvolvimento da personalidade dos jovens, a criação de condições para a sua efetiva integração na vida ativa, o gosto pela criação livre e o sentido de serviço à comunidade.”

Fazendo um enquadramento da educação artística na escola atual, com a introdução do Teatro/expressão dramática como disciplina curricular do Sistema Educativo Português, detetamos facilmente que a inclusão do Teatro na escola portuguesa tem sido feita de forma lenta e pouco sistemática.

Se repararmos, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, a Expressão Dramática faz parte do currículo, mas é essencialmente desenvolvida no âmbito de Atividades de Enriquecimento Curricular ou com as expressões integradas. Embora entendamos que a Educação Artística deverá ser desenvolvida nas aulas regulares, estando ao acesso de todas as crianças.

No 2.º ciclo do Ensino Básico, não existe qualquer disciplina com ligação ao teatro. No 3.º ciclo, existe a Oficina de Teatro, somente no 7.º e 8.º anos, como opção de escola.

Achamos pertinente referir que com a *Revisão da Estrutura Curricular*, a partir do presente ano letivo, no 9.º ano de escolaridade o Teatro foi extinto como disciplina de educação artística.

No Ensino Secundário, existiu até há pouco tempo a disciplina de Oficina de Expressão Dramática, mas que entretanto terminou. No ensino profissional, existem cursos de Teatro em poucas escolas. São várias as instituições de ensino superior que têm na sua oferta formativa o curso de Teatro.

À luz destas transformações, interessa refletir sobre a aplicação e o exercício da disciplina de Teatro no meio escolar; pois conhecer processos, identificar problemas, analisar conceções e motivações pode ser um contributo para a consolidação do Teatro como prática comum na escola.

¹⁴ Consulta em: <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

Importa agora focarmo-nos na disciplina de Teatro no 3.º ciclo que é onde incide esta pesquisa. Na realidade em relação à opção de Teatro no 3.º ciclo de ensino básico, o passo mais firme foi dado com Decreto-Lei n.º 344/90, de 2 de Novembro¹⁵, onde se definem as linhas gerais da organização das expressões artísticas na educação.

No preâmbulo deste Decreto-Lei, podemos ver a importância que o governo dá à educação artística como parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do destino profissional que venha a ter.

No respetivo decreto, as áreas da educação artística estão categorizadas desta forma: Música; Dança; Teatro; Cinema e Audiovisual; Artes Plásticas.

Em relação ao Teatro como disciplina opcional, a Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol teve durante estes dez anos em análise a seguinte distribuição da carga horária:

- No 7.º e 8.º ano o Teatro dividiu com Educação Tecnológica a carga horária, ficando 90 minutos semanais para cada disciplina. No primeiro semestre, metade da turma frequentou uma das disciplinas de opção artística, enquanto a outra metade frequentou Educação Tecnológica. No segundo semestre, os alunos trocavam de disciplina.

- No 9.º ano os alunos escolheram uma das disciplinas artísticas que frequentaram no 7.º e 8.º anos, que passou a ser anual, com uma carga horária semanal de 135 minutos (dividida em dois blocos: um de 90 minutos, outro de 45 minutos). Realmente no 9.º ano com esta carga horária disponibilizada para o Teatro era possível trabalhar-se mais incisivamente a disciplina.

Tendo em conta o acima exposto, constatamos a escassa presença do teatro, como área essencial, nos vários ciclos de ensino em Portugal.

¹⁵ Consulta em: <http://www.educacaoartistica.gov.pt/documentos/legisla%C3%A7%C3%A3o/344-1990.pdf>

Podemos verificar que o Currículo Nacional do Ensino Básico¹⁶ considera as artes como sendo “*elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam a imaginação, razão e emoção.*” E ainda que a vivência artística “*contribui para o desenvolvimento de diferentes competências refletindo-se no modo como se pensa e no que se produz com o pensamento.*”

Já Cardozo, Lopes e Giacomelli (s/d, p. 3) assinalam que:

“Utilizar o teatro aliado à educação, oportuniza-se aos educandos um conhecimento diversificado e lúdico, existindo um clima de liberdade onde o aluno liberta as suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições e sensações, pois é um meio de expressão para o aluno.”

O Teatro ao serviço da educação dá ao estudante o ensejo de valorizar-se, de integrar-se harmoniosamente no grupo, aumentando o senso de responsabilidade e o sucesso do trabalho. “*Não há dúvida que o teatro pode ser um sítio muito especial*” (Brook, 2008, p. 139) e a escola é certamente um sítio muito especial, para o florescimento do Teatro-educação.

A atividade teatral como afirma Lopes (1999, p. 7), “*visa a formação global do aluno que, enquanto ser em crescimento, tem necessidade de atuar num contexto que lhe permite desenvolver capacidades, adestrar aptidões, fazer experiências e que lhe possibilite um melhor crescimento de si e dos outros.*”

Na 86.^a sessão do ciclo “*A Dramaturgia e a Prática Teatral*”, dedicada ao Teatro na escola, realizada no dia 08 de Abril de 2008, no Auditório Maestro Frederico Freitas, com organização do dramaturgo Jaime Salazar Sampaio, em colaboração com a Sociedade Portuguesa de Autores, o professor António Silva, da APROTED, fez uma apresentação sobre o percurso do Teatro escolar no nosso sistema de ensino, que na sua opinião:

“Os sucessivos governos nunca apostaram, com sinceridade, na educação artística. Em relação ao teatro na escola, há uma persistente descontinuidade nos projetos para esta área artística que tem impossibilitado a implementação e desenvolvimento da disciplina nas escolas.” (APROTED)

¹⁶ Consulta em: <http://historianove.no.sapo.pt/LivroCompetenciasEssenciais.pdf>

A título de exemplo, podemos referir a retirada da disciplina de Teatro do currículo de 9.º ano de escolaridade, o que veio empobrecer o desenvolvimento do Teatro-educação no nosso sistema de ensino.

A Associação de Professores de Teatro-Educação norteia a sua atividade à volta de vários princípios, dos quais destacamos os seguintes:

“Lutar pela implementação do Teatro Educação/Expressão Dramática, como disciplina curricular, em todos os ciclos e níveis de ensino do Sistema Educativo Português.

Promover iniciativas com o objetivo de divulgar e demonstrar as potencialidades do Teatro Educação/ Expressão Dramática, enquanto instrumento pedagógico-educativo fundamental para a formação do aluno.

Incentivar as escolas que não têm oferta artística na área do Teatro Educação a disponibilizá-la aos seus alunos, e às que a têm de forma reduzida, a intensificá-la.”

No âmbito do debate sobre Teatro-Educação e o Ensino Artístico Generalista no Sistema Educativo, realizado no dia 16 de Dezembro, de 2007, em Lisboa, organizado pela APROTED, onde participaram professores do ensino superior da área do Teatro-Educação/Expressão Dramática e do ensino artístico, foram sugeridas algumas medidas para o desenvolvimento do Teatro escolar, das quais realçamos as seguintes:

“Foi considerado imprescindível a criação de um grupo disciplinar/recrutamento da área do Teatro-Educação, possibilitando a criação de um quadro de professores com habilitação académica e profissional nesta área, em comum com as demais disciplinas.

A alteração para disciplina anual, mas mantendo a divisão das turmas em dois grupos, da Oficina de Teatro dos 7.º e 8.º anos.

A inclusão urgente do teatro/expressão dramática no currículo do 2º ciclo.

A inclusão urgente do teatro/ expressão dramática no currículo do secundário.”

Achamos também ser indispensável o regresso do Teatro como disciplina de educação artística ao 9.º ano de escolaridade.

Assim pretendemos evidenciar que a escola pode ser palco e espaço para o conhecimento, aprendizagem e o desenvolvimento do Teatro-educação, assumindo o seu verdadeiro papel, que é o de contribuir para o pleno desenvolvimento pessoal, artístico e cultural das crianças e jovens. O Teatro, segundo Carlos Fragateiro, mencionado na APROTED “ *deve ser um*

espaço e um tempo privilegiado de troca com o outro ou os outros (...).” Este autor apresenta-nos uma série de argumentos pertinentes sobre o Teatro:

“No fundo, estamos à procura de uma prática teatral que conte histórias que nos emocionem, de um teatro que provoque e obrigue a trabalhar o cérebro.

Um teatro que se quer afirmar como espaço da condição humana, onde cada pessoa é incentivada a desenvolver as suas capacidades de pensar e de inventar o seu quotidiano social e de aí intervir ativamente.

Um teatro que produza espetáculos capazes de motivar cada espetador a iniciar uma viagem ao interior de si próprio, uma prática teatral capaz de tornar o teatro num efetivo espaço de comunhão.

Uma prática teatral que traz a pessoa para o centro dos processos de mudança e a confronto com personagens e situações desconhecidas capazes de despertar em cada um capacidades adormecidas ou desconhecidas, num processo que nos leva à procura e ao encontro com o outro que é também o eu.”

Temos constatado a partir da nossa prática teatral que:

“O teatro-educação traz ainda para os processos educacionais o favorecimento de crianças e adolescentes compartilharem descobertas, ideias, sentimentos, desejos, sofrimentos e conquistas, pois permite a relação do indivíduo com o coletivo e desenvolve assim, a noção de socialização.” (Lopes, 2005, p. 110).

2.3 – Teatro como forma de produção de conhecimento na escola

De acordo com Martins, G. (2006, p. 11):

“O teatro é uma área específica do conhecimento humano, e que as suas atividades características proporcionam a transcendência do mundo real para o mundo do sonho, da fantasia: um espaço fértil para novas experiências.”

O teatro como género de arte é *“simultaneamente manifestação de cultura e meio de comunicação do conhecimento cultural.”* (Roteiro para a Educação Artística, 2006).

Na nossa escola com os alunos de Teatro, criámos e apresentámos vários espetáculos sobre a cultura universal, com textos de Gil Vicente, Eurípedes, Ésquilo, Sófocles. Adicionalmente, foram realizados espetáculos alusivos à cultura local a partir de adaptações teatrais de contos populares ponta-solenses.

Ainda concebemos um espetáculo de Teatro, tendo por base a adaptação da obra “*Da Choça ao Solar*” da autoria do Padre João Vieira Caetano¹⁷, que é um romance do século XVIII e que nos relata uma história de amores, cuja ação se desenrola na vila da Ponta do Sol.

O Teatro na educação é um processo de aprendizagem que exige disponibilidade para desenvolvermos a nossa capacidade cognitiva e expressiva; pois atuamos com os saberes, sentimentos, sensações, perceções e compreensões ao entrarmos em contacto com um texto, um personagem ou um jogo dramático. Com a prática teatral, vive-se algo de novo, que desafia, desperta e avança com ideias.

Como consta no Roteiro para a Educação Artística (2006):

“A educação na arte e pela arte estimula o desenvolvimento cognitivo e pode tornar aquilo que os educandos aprendem e a forma como aprendem, mais relevante face às necessidades das sociedades modernas em que vivem.”

Podemos ver que o Roteiro caracteriza a Educação Artística em três dimensões:

- *O estudante adquire conhecimentos interagindo com o objeto ou a representação de arte, com o artista e com o seu professor;*
- *O estudante adquire conhecimentos através da sua própria prática artística;*
- *O estudante adquire conhecimentos pela investigação e pelo estudo (de uma forma de arte, e da relação entre arte e história).”*

O aluno, além de adquirir conhecimentos teatrais, tem a oportunidade de trabalhar no Teatro temáticas que são abordadas noutras disciplinas, tornando a atividade dramática numa área interdisciplinar.

Como se refere nas Orientações Curriculares para a Oficina de Teatro no 3º ciclo, da autoria de Bezelga; Correia; Machado & Tavares (2002, p. 5):

“A Oficina de Teatro introduz os alunos na aprendizagem da linguagem teatral, seus códigos e convenções, ao mesmo tempo que proporciona formas e meios expressivos para explorar conteúdos e temas de aprendizagem que podem estar articulados com outras disciplinas do currículo escolar. O teatro e as práticas dramáticas são um meio de aprendizagem (...).”

¹⁷ Consulta em: <http://pontadosol.wordpress.com/2010/05/12/caetano-joao-vieira-1883-1967/>

2.4 – Perspetivas sobre o perfil e funções do professor de Teatro

“O educador deve propiciar o meio adequado para que os educandos em suas relações intrapessoais e interpessoais busquem assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de amar e, nesse sentido, o teatro é um recurso valioso.” (Freire, 1996, p. 46. Mencionado por Cardozo, Lopes & Giacomelli, s/d, p. 3).

Qualquer professor de Teatro deve considerar esta arte como uma mais-valia e uma fonte de aprendizagem e crescimento para todos os alunos. Por esta razão, nas orientações curriculares para a oficina de Teatro no 3º ciclo, explicita-se que o professor de Teatro deverá ser um profundo conhecedor desta área, nos seus vários domínios, desde os conteúdos teóricos e práticos e ainda do ponto de vista pedagógico que lhe permita situar-se conscientemente ao nível das abordagens metodológicas.

O Teatro como disciplina de educação artística está ancorado na vivência e experiência individual e de grupo, assim, compete ao professor unir os alunos na participação ativa.

É fundamental o professor ser um agente de ensino interveniente e atento às necessidades dos alunos, para que tenham gosto em aprender e que se sintam parte importante na construção de si próprios e da escola como espaço de partilha de saberes.

É de uma grande importância que professor de Teatro tenha algum conhecimento de prática teatral para que possa intervir com toda a confiança transmitindo aos alunos algumas *“(…) técnicas para encenar, para falar, para atravessar um palco.”* (Brook, 2008, p. 41).

E no caso da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, que sempre pautou como uma instituição educativa que produziu espetáculos teatrais, partilhando-os com a comunidade local, só foi possível, pelo facto de os professores de Teatro terem também esse conhecimento artístico.

Martins (1998, p. 108) refere que *“esta dinâmica de funcionamento conduz a que o educador e o professor assumam o papel de ensaiador e de encenador dos produtos artísticos que se apresentam num de terminado momento.”*

Para que o Teatro na educação possa ser orientado num ambiente criativo e desenvolvido de uma forma contínua e sistemática é imprescindível professores com um conhecimento artístico adequado e comprometidos com a formação educacional dos alunos.

Um professor de Teatro com formação sólida atuará nas escolas com consciência e qualidade por um ensinar com arte, tal como um gênero de saltimbanco (Martins, 2002, p. 21), *“improvisador, flexível, adaptável, eclético, que intervém e atua com vários recursos e meios. É um integrador de linguagens.”*

O professor deve ser um verdadeiro *“saltimbanco que sente e compreende, por vezes intuitivamente, que é no aqui e agora das situações que se passa o essencial da comunicação visível, mas também a invisível, sublimar, misteriosa, capaz de impulsionar sonhos, viagens e aventuras.”* (Martins, 2002, p. 22).

Ainda recorrendo a este autor, entendemos o professor de Teatro como um impulsionador e ator-fazedor de educação e de animação, de ensino e de aprendizagem.

Uma formação em Teatro nunca está completa, assim uma adequada reflexão sobre a prática aumenta claramente a segurança e a autoconfiança do agente de ensino.

“Quando se trata de preparar professores de Educação Artística, é também necessário ter em atenção a utilização das novas tecnologias na criação artística, música eletrónica e novos media, bem como o ensino à distância. O recurso às novas tecnologias veio alargar o papel da Educação Artística e atribuir novas funções aos professores de arte do século XXI. Estas tecnologias podem constituir uma plataforma fundamental de colaboração entre os professores de artes e entre estes e os artistas, cientistas e outros educadores.” (Roteiro para a Educação Artística, 2006).

Este Mestrado em Arte e Educação veio certamente melhorar o meu perfil e função de professor de Teatro.

O professor é aquele orientador que *“percebe que tudo tem um tempo certo e que a sua arte consiste em reconhecer esses momentos... um processo na qual está envolvido. Só assim descobrirá, então, que só precisa de esperar e não pressionar exageradamente.”* (Brook, 2008, p. 151).

O professor de Teatro não busca talentos, é excelente quando estes surgem, mas o principal objetivo é educar com o Teatro, educar com “ *práticas artísticas que remetem para a criatividade, para a reflexão na ação, para a valorização dos tempos de retroação, para uma formação baseada na experimentação e em vivências pessoais (...)* ” (Nóvoa, mencionado por Martins, 1998, p. 21).

O professor de Teatro é um artista que tem uma “*função de animador-observador-participante*” (Barret 1992, citado por Martins 1998, p. 129), que orienta, dirige, mas que também atua junto do grupo, passando saberes, conceitos, sensações que também vivencia ou já vivenciou.

O meu trabalho como ator influenciou em muito a minha forma de agir como docente. E tal como o ensino dessa arte deve ser desenvolvido de forma contínua e sistemática, também deve ser assim a formação do professor.

Tanto o professor como os sujeitos de aprendizagem, envolvidos num projeto de Teatro-educação, se encontram em permanente estado de (des)construção. Assim, professor e aluno caminham juntos e “*o professor deverá ser mais criativo e aprender com o aluno e o mundo.*” (Gadotti, 2000, p. 107, mencionado por Cavassin, 2008, p. 8).

2.5 – Currículo da disciplina de Teatro no 3º ciclo do ensino básico

Ao debruçarmos sobre a introdução da disciplina de oficina de Teatro, no 7.º, 8.º e 9.º anos em Portugal, temos que mencionar obrigatoriamente o documento experimental para a oficina de Teatro com Orientações Curriculares para o 3.º Ciclo¹⁸, da autoria de Bezelga; Correia; Machado & Tavares (2002).

Na realidade, este documento tem sido o plano orientador para muitos professores que lecionam a disciplina de Teatro no 3.º ciclo do ensino básico.

¹⁸ Consulta em : http://aege.pt/Programas/Of_Teatro_3Ciclo.pdf

Logo na introdução deste documento afirma-se que “ *conhecer as convenções e as regras da linguagem dramática e teatral habilita os alunos a criar formas que tornam mais concretas as suas ideias e sentimentos, consolidando assim o conhecimento de si, dos outros e do mundo.*” (Bezлга et al; 2002, p. 2). Estas ideias são igualmente defendidas por vários autores, como em Martins (2002, p. 54), ao afirmar que o “*jogo e as atividades dramáticas significam uma possibilidade de experimentação do Eu através do Outro.*”

Como professor sempre encarei o Teatro como uma arte que promove a integração, a criatividade e a comunicação entre os seus intervenientes.

Ao encontro deste propósito vão as orientações curriculares para oficina de Teatro no 3.º ciclo, onde se argumenta que “*a exploração de atividades dramáticas pode ajudar o aluno na construção da sua visão do mundo, articulando ideias, experiências e observando diferenças e semelhanças com os outros elementos do grupo.*”

A equipa coordenada por Bezлга (Bezлга et al; 2002, p. 7) traçou algumas competências essenciais para a oficina de Teatro ao longo do 3.º ciclo, que passamos a mencionar:

- *Evidenciar aprendizagens significativas do conhecimento de si, do outro e do mundo, através dos processos dramáticos;*
- *Desenvolver estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão;*
- *Adquirir e desenvolver capacidades nos domínios da expressão e comunicação vocal e corporal;*
- *Aprender estruturas dramáticas e códigos teatrais;*
- *Desenvolver a consciência e o sentido estético;*
- *Desenvolver uma prática reflexiva tendente a romper com estereótipos culturais e preconceitos raciais, de género, entre outros.*

Esta equipa apresenta ainda a organização da disciplina de Teatro, segundo três dimensões orientadoras:

- *Dimensão sócio afetiva, onde se inclui o desenvolvimento de experiências e competências pessoais e relacionais através de uma aprendizagem cooperativa.*

- *Dimensão integradora numa aposta clara na articulação com outras áreas de conhecimento e outras linguagens artísticas.*
- *Dimensão estética para o domínio da linguagem artística específica e o desenvolvimento da sensibilidade estética, ao nível experimental e ao nível de apreciação e de fruição (Bezelga et al; 2002, p. 7).*

Com o desenvolvimento da disciplina de Teatro ao longo de três anos (atualmente em dois anos, como mencionamos anteriormente) pretende-se que ocorra uma progressiva aquisição de competências, ferramentas e linguagens específicas como contributo para o desenvolvimento pessoal, artístico e cultural dos sujeitos de aprendizagem.

Ora a aquisição de competências e linguagens artísticas no âmbito da disciplina de Teatro passa obrigatoriamente por um processo de avaliação dos sujeitos de aprendizagem, que passamos a descrever.

A Avaliação na Disciplina de Teatro

No documento das Orientações Curriculares da Oficina de Teatro para o 3.º ciclo, apresentam-se alguns princípios e propostas de reflexão alusivas à avaliação, que passamos a mencionar:

“A avaliação deve estimular o sucesso educativo de todos os alunos, favorecer a autoconfiança, contemplar os vários ritmos de desenvolvimento e progressão.

O aluno deve permanecer no centro do processo ensino/aprendizagem e não os conteúdos, o que não deverá ser entendido como uma menor valorização dos saberes.

O objetivo é o sucesso de todos e de cada um e não a revelação dos melhores. Este tipo de avaliação pressupõe a circulação de informação entre todos os parceiros implicados no processo educativo, assim como a ajuda individualizada ao aluno, ou a um grupo de alunos, na superação das suas dificuldades, cabendo ao professor uma contínua reavaliação das metodologias utilizadas.

Tendo em conta que as crianças e jovens crescem e amadurecem a velocidades diferentes, o professor de teatro deve ter em conta este pressuposto durante todo o processo avaliativo.

Alunos e professor precisam refletir sobre as experiências da sala de aula tendo a oportunidade de avaliar a sua progressão.

Envolver os alunos no processo de avaliação é também uma forma de responsabilização no desenvolvimento do trabalho.

A avaliação deverá assentar sobre o desenvolvimento de capacidades, no progresso alcançado na realização de tarefas e no atingir de metas propostas.


Pelo facto de alguns alunos, demonstrarem algumas inibições e dificuldades de trabalhar em grupo, as reflexões escritas, que deverão fazer parte das atividades da disciplina, bem como trabalhos desenvolvidos através de outros suportes expressivos, podem ser ótimos indicadores do envolvimento do aluno com a disciplina.” (Bezelga et al; 2002, p. 11).

A melhor avaliação num projeto de Teatro-educação é podermos constatar que o grupo de alunos ficou encantado com o resultado do seu projeto artístico, no qual foram uns autênticos fazedores do espetáculo, dedicando-se com alma e coração. É fundamental que os alunos percebam que o Teatro como disciplina de educação artística os ajudou crescer como pessoas cultas, criando e gerindo laços de afetividade.

Descrevemos seguidamente três exemplos concretos de avaliações descritivas de Teatro referente ao 8.º ano, na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol:

- 1) A aluna revelou pouco interesse por esta disciplina de educação artística, tendo uma participação pouco satisfatória nas tarefas propostas. Deverá participar mais ativamente nas atividades solicitadas. É assídua, mas não é pontual.*
- 2) O aluno demonstrou interesse por esta disciplina de educação artística, tendo uma participação satisfatória nas tarefas propostas em contexto de sala de aula. Terá que participar mais ativamente nas atividades realizadas fora da sala de aula. Tem muita falta de concentração.*
- 3) A aluna demonstrou total interesse por esta disciplina de educação artística, tendo uma participação excelente nas tarefas propostas. Tem evoluído claramente a sua capacidade de interpretação teatral. Cooperava muito bem com os colegas e o professor. É criativa, pontual e assídua.”*

No quadro seguinte, apresentamos um exemplo de uma avaliação sumativa de 9.º Ano, onde se mencionam os níveis atribuídos aos sujeitos de aprendizagem que frequentaram a disciplina de Teatro no ano letivo 2011-2012.

Escola Básica e Secundária de Ponta do Sol Ano Letivo 2011/2012	Avaliação 
Departamento de Expressões	

Disciplina: Teatro	Docente: José Gouveia Abreu
---------------------------	------------------------------------

Balço da Avaliação Sumativa do 3.º Período

Níveis atribuídos	Ano(s) e Turma(s)				
	9.ºA	9.ºB	9.ºC	9.ºD	
1					
2					
3	5	3	3	3	
4	8	11	2	3	
5	7	8	1	1	
Total de alunos	20	22	6	6	
N.º de níveis inferiores a três	0	0	0	0	

Veja-se também uma apreciação global sobre o desempenho na disciplina de Teatro de uma turma de 9.º ano referente ao ano letivo 2007-2008:

Apreciação global – 9.º ano

De forma geral o desempenho é bastante satisfatório, a turma consegue apresentar trabalhos práticos com muita boa qualidade.

Destacam-se pela positiva os alunos José Faria e Micaela Mendes que participaram e cooperaram em todos os momentos de avaliação de forma ativa e criativa.

Os discentes Roberto Santos e João Andrade devem participar mais ativamente nas atividades propostas.

Encontra-se ainda no anexo II, os critérios de avaliação da disciplina de Teatro de 8.º ano de escolaridade do ano letivo 2011-2012.

Resumo do capítulo

Acabamos de mencionar as linhas de força que utilizámos na fundamentação e conceção do projeto da disciplina de Teatro, na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol. Tivemos a oportunidade de apresentar algumas ideias de vários autores sobre os conceitos de Teatro, bem como traçarmos algumas visões sobre o Teatro-educação.

No capítulo seguinte passaremos a enunciar como se procedeu a implementação do projeto de Teatro.

Capítulo III – IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

Introdução

“Se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos conhecedores da arte e para a melhoria da qualidade da educação escolar, artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte esteja presente nas aulas.”

(Ferraz e Fusari, 1991, p. 15, mencionado por Sousa, M. 2008, p. 93).

O processo norteou-se por uma prática teatral que proporcionou o desenvolvimento de atitudes pró-ativas, que despertou a união de grupo, o entendimento do papel do indivíduo em grupo, que trabalhou a capacidade de expressão em público, que desenvolveu a autoestima, que aprimorou a capacidade de improvisação, concentração, a criação, a consciência vocal, corporal e facial, que melhorou a leitura, a dicção e a postura.

No processo teatral implementado na escola, recorreu-se muito a uma metodologia baseada nos jogos e improvisações teatrais desenvolvidas por Augusto Boal e outros por Viola Spolin, que fomos recolhendo, adaptando e aplicando. Isto porque os jogos e improvisações dramáticas possibilitam uma melhor aprendizagem das crianças e adolescentes na linguagem teatral.

Os jogos teatrais de improviso desenvolvidos pela diretora teatral norte-americana Viola Spolin visam a preparação de atores profissionais, para utilização do ensino de teatro para iniciantes ou dentro da escola.

Pois como considera Viola Spolin, *“todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco.”* (Mencionado por Costa, 2005, p. 105).

Como refere Costa (2005, p. 103), “*o jogo teatral baseia-se em elementos estruturantes do teatro, que facilitam a compreensão e a utilização do teatro como forma expressiva e comunicativa.*”

Muitos jogos dramáticos e improvisações teatrais foram linhas orientadoras para a implementação e desenvolvimento do Teatro-educação na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, pois a partir do prazer do jogo, foi possível os jovens estudantes, praticarem, descobrirem, incentivarem, criarem e apresentarem narrativas teatrais.

Segundo Alexandra Costa (2005, p. 104), “*a gente vai dando o tema e as pessoas vão improvisando, a gente estimula, assenta e discute. A partir daí a gente vai construir, alguns passos, de uma linha (...).*”

Num projeto de Teatro-educação temos que procurar envolver o aluno em experiências pessoais e coletivas que contribuam para o desenvolvimento sensorial e de acordo com Spolin:

“*(...) é imperativo preparar todo o equipamento sensorial, livrar-se de todos os preconceitos, interpretações e suposições, para que se possa estabelecer um contato com o meio criado e com os objetos e pessoas dentro dele. Quando isto é aprendido dentro do mundo do teatro, produz simultaneamente o reconhecimento e contato direto com o mundo exterior. Isto amplia a habilidade do aluno-ator para envolver-se com o seu próprio mundo fenomenal e experimentá-lo mais pessoalmente.*” (Mencionado por Costa, 2005, p. 108).

Existem muitas possibilidades para se trabalhar os jogos teatrais na sala de aula consoante os objetivos que se pretende. O nosso processo foi realizado muitas vezes a partir do jogo ou improvisação teatral com a finalidade de criarmos ações educativas através do Teatro.

Optando pelo jogo dramático para o crescimento e transformação pessoal e coletiva com regras e objetivos claros, é possível promover o fortalecimento da linguagem teatral.

Segundo Mareba (2011, p. 292), “*com o jogo teatral é possível trabalhar sentimentos, emoções, habilidades, convivência, valores e é possível, acima de tudo, proporcionar momentos profundos de reflexão.*”

Assim, realizámos ao longo destes dez anos atividades, exercícios e jogos teatrais (Anexo III), em que os sujeitos de aprendizagem puderam experimentar ativamente com os outros elementos do grupo significados e noções de prática teatral.

3.1 – Projeto da disciplina de Teatro na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol

Tal como o professor de Teatro, os seus alunos também são uns verdadeiros Artenautas que aprendem, ensinam e viajam através da arte. No nosso caso, a arte que nos uniu ao longo desta viagem foi o Teatro das palavras, dos sons, dos gestos, das cores e das emoções.



Figura 3 – Figuras de Artenautas teatrais criados pelos sujeitos de aprendizagem

O projeto de Teatro na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol iniciou-se no ano letivo 2003-2004. Assim, muitas crianças e jovens viajaram como artenautas pelo mundo do Teatro; fazendo desta arte um complemento essencial na sua formação pessoal, artística e cultural.

Bendita a hora que o conselho pedagógico da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol deliberou oferecer a opção de Teatro como disciplina de educação artística para o 3.º ciclo do ensino básico a partir do ano letivo 2003-2004. Pois, até à data os alunos não tinham opção, visto que a única disciplina de oferta de escola era a Educação Musical. É de salientar que a nossa escola foi pioneira na ilha da Madeira a ter o Teatro como disciplina de educação artística. Assim no ano letivo de 2003-2004, o Teatro foi lecionado a seis turmas de 7.º ano de escolaridade. No ano letivo de 2004-2005, houve sete turmas de 7.º ano e cinco turmas de 8.º ano a frequentar o Teatro.

Nestes dois primeiros anos a disciplina de Teatro foi lecionada por só um professor.

Já no que concerne ao ano letivo de 2005-2006, passámos a ter o Teatro como disciplina de educação artística, em todo o 3.º ciclo do ensino básico. Ficando sete turmas no 7.º ano, seis no 8.º ano e quatro no 9.º ano.

Este mesmo número de turmas a frequentar a disciplina de Teatro manteve-se nos seguintes anos letivos até 2011-2012.

Constata-se que houve claramente, ao longo destes dez anos, uma grande procura pelo Teatro como disciplina de educação artística, por parte dos sujeitos de aprendizagem e segundo Brook (1993, p. 22) *“a matéria humana é o principal para fazer teatro.”*

A partir do ano letivo 2006-2007 a escola passou a contar com dois professores a lecionar a disciplina de Teatro. Este número de docentes mantém-se até ao presente ano letivo.

Importa ainda referir que no atual ano letivo o Teatro é frequentado por seis turmas de 7.º ano e seis turmas de 8.º ano. Em relação ao 9.º ano de escolaridade deixou de existir a disciplina de Teatro, medida imposta pela nova revisão curricular.

Verifica-se que ao longo destes dez anos letivos houve uma grande procura dos alunos pelo Teatro como disciplina de educação artística. O Teatro manteve-se em todo o 3.º Ciclo do Ensino Básico nos últimos anos, como oferta de escola; à exceção do presente ano letivo,

devido a não existir a disciplina de teatro no 9.º de escolaridade. Assim, contrariamente ao desejo dos sujeitos da aprendizagem, a partir do ano letivo 2012-2013, o Teatro deixou de ser uma opção no 9.º ano.

3.2 – Como implementei o projeto de Teatro na escola

Tudo começou em Outubro de 2003, com a responsabilidade de orientar seis turmas de 7.º ano de escolaridade.

O primeiro impacto que tive foi de uma grande estranheza, pelo facto de me encontrar pela primeira vez numa sala de aula convencional, com a responsabilidade de lecionar Teatro a vários grupos de jovens.

O Teatro é uma área que necessita de alguns recursos materiais para o seu melhor desenvolvimento. Assim, desde início foi imprescindível encontrar na escola um espaço para guardar o material de apoio, desde adereços, tecidos, tintas, figurinos, biombos, aparelhagem de som, projetores, entre outros.

Também para podermos ter uma linha orientadora dos conteúdos a abordar, delineámos logo uma planificação semestral para a disciplina de Teatro, baseada nas orientações curriculares de Bezelga, I., Correia, J., Sandra, M., & Tavares, M. (2002).

Esta planificação foi modificada e adaptada ao longo dos anos, com a finalidade de melhorar cada vez mais os objetivos e resultados do Teatro. Pois como assegura Brook (2008, p. 141) *“o teatro afirma-se sempre no presente. No aqui-e-agora.”*

As planificações foram sempre adaptadas às diferentes situações que foram surgindo, e esta medida fez com que os alunos desenvolvessem uma série de competências pessoais, artísticas e culturais, de forma a expressarem-se criativamente, improvisando e interpretando.

O professor deve procurar que o aluno não fique na sala de uma forma passiva, esperando receber por parte do professor todo o conhecimento. Pois o Teatro exige claramente atividade por parte de todos os envolvidos.

Além de conceber-se a realização de um projeto mais estruturado do ponto de vista da concepção e produção, durante o 9.º ano, concretizou-se no decorrer do 7.º e 8.º anos pequenas apresentações práticas de exercícios teatrais.

O projeto de Teatro desenvolvido na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol alicerçou-se nestes princípios: Sensibilizar, desenvolver e aplicar os conhecimentos adquiridos em projetos de índole teatral como contributo para o desenvolvimento pessoal, artístico e cultural dos sujeitos de aprendizagem.

Ao longo da implementação do projeto de Teatro, fomos constantemente surpreendidos pela entrega, energia, criatividade e interpretação de muitas crianças e jovens que ansiavam apresentar os trabalhos coletivos em palco.

Assim, a parte mágica do teatro passou também com grande incidência pela componente prática. A maioria dos alunos quis ir ao palco. Manifestaram esse desejo de se exprimir em público. É uma satisfação enorme para o professor quando vê os alunos integrarem diversos projetos artísticos e até encontrá-los posteriormente em espetáculos teatrais ou mesmo a assistir peças fora da escola. Isso é uma prova que a educação para o Teatro vingou.

Pois como refere Ferreira (2006, p. 12):

“A grande maioria das crianças tem os seus primeiros ou únicos contatos com o teatro por meio das escolas. Embora haja algumas crianças que frequentem salas de teatro com os seus familiares desde muito cedo, é na escola que a prática de ver e também de fazer teatro passa a existir na vida da maioria das crianças espectadoras.” (Mencionado por Martins, G. 2008, p. 13).

O Teatro por ser uma área com grande enfoque prático, faz com que a ação seja um dos fatores mais importante no trabalho de um aluno; pois envolver-se numa atividade teatral é uma aposta clara no desenvolvimento dos vários instrumentos de expressão. De acordo com Martins (1998, p. 242), *“os instrumentos das atividades dramáticas - corpo, voz, linguagem, espaço e objetos (...) equilibradamente explorados (...) privilegia a funcionalidade da comunicação.”*

O corpo é um aspeto importante no desenvolvimento do trabalho teatral realizado por adolescentes, sendo estes particularmente sensíveis aos efeitos da sua imagem. De acordo com Lopes (1999, p. 25), *“o teatro é corpo, porque se opera sob o signo da ostensão e joga na visibilidade.”*

O aluno tem que se sentir feliz no seu todo. Sentir-se bem com a sua personagem, com o aspeto visual da figura que vai interpretar, como caminha, com que ritmo, que movimentos efetua, que postura terá em cena. É necessário realmente muita persistência e aplicação da parte do professor que orienta adolescentes num projeto de Teatro-educação, pois é importante ter consciência sobre cada elemento do corpo que constitui a personagem, para a agir com naturalidade, sem constrangimentos.

Seguidamente, lançamos um olhar sobre as planificações da disciplina de Teatro, para o 7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade, aplicadas ao longo destes dez anos letivos. Parece-nos importante realçar que as mesmas planificações foram sempre adaptadas de acordo com as diferentes turmas, casos individuais específicos e também em relação aos eventos da escola.

Tal como é sugerido nas Orientações Curriculares para a Oficina de Teatro, cabe:

“(...) ao professor a competência e liberdade de gerir adequadamente, tendo em conta o grupo particular de alunos (níveis de desenvolvimento, motivações, experiências anteriores e expectativas) e o contexto em que decorre a disciplina.” (Bezelga et al; 2002, p. 17).

Planificação semestral da disciplina de Teatro para o 7.º ano de escolaridade

Indo ao encontro das indicações previstas nas Orientações Curriculares para a Oficina de Teatro elaboramos a planificação para o 7.º ano focalizando as nossas intenções para uma *“sensibilização e introdução à linguagem e códigos teatrais, assim como na exploração das ferramentas expressivas, individualmente e em grupo.”* (Bezelga et al; 2002, p. 8).

Com os sujeitos de aprendizagem de 7.º ano, procurámos educar e sensibilizar para o teatro, através de uma presença muito forte dos jogos e exercícios dramáticos que permitissem desenvolver uma relação do indivíduo com o grupo, como base fundamental para o funcionamento de qualquer atividade teatral.

Planificação semestral da disciplina de Teatro para o 8.º ano de escolaridade

De acordo com as orientações curriculares elaborámos a planificação para o 8.º ano de escolaridade focalizando os objetivos para o *“desenvolvimento da utilização dos instrumentos e conhecimentos das técnicas e suportes da linguagem teatral.”* (Bezelga et al; 2002, p. 8).

Além de continuarmos a aplicar e a sedimentar os conteúdos do ano anterior, procurámos incutir no 8.º ano um maior número de apresentações práticas em contexto de sala de aula e também no próprio espaço escolar.

Planificação anual da disciplina de Teatro para o 9.º ano de escolaridade

Como professor sempre procurei que o Teatro-educação não se limitasse às quatro paredes da sala. A atividade teatral precisa de sair da sala de aula e procurar espaços não convencionais, que possam estimular a criatividade. Intervimos de maneira que todos os jovens pudessem “*ser, viver e criar o momento, aqui e agora*”, conforme afirma Aguilar (1969), citado por Martins, A. (1998, p. 128).

Tendo em conta que a carga horária semanal disponibilizada para o Teatro no 9.º ano era de 135 minutos, esta permitiu que se aprofundasse mais os conteúdos abordados e houvesse mais tempo para se dedicar à prática teatral.

Para Desgranges (2003, p. 72), as aulas de Teatro precisam ser “*um espaço imaginativo e reflexivo em que se inventem novas relações sociais, dentro e fora da escola.*” (Mencionado por Martins, G. 2008, p. 11).

É de salientar que muitos dos sujeitos de aprendizagem de 9.º ano passaram a integrar, ao longo do ano letivo, vários projetos do Núcleo de Teatro do Sol, nomeadamente a participação no Festival Regional de Teatro Escolar e no Encontro-Te (Encontro de Teatro Escolar), o que veio complementar o desenvolvimento da capacidade de representação.

Nas orientações curriculares da disciplina de Teatro do 3.º ciclo do ensino básico argumenta-se que “*a partir da exploração de um tema ou conteúdo do programa podem concretizar-se ações de índole teatral que envolvam a comunidade escolar e local*” (Bezelga et al; 2002). E realmente os sujeitos de aprendizagem de 9.º ano, da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, envolveram-se ativamente ao longo destes dez anos, em vários espetáculos teatrais que foram apresentados no Centro Cultural John dos Passos.

3.3 - Atividades desenvolvidas em contexto de sala de aula

Desenvolver um projeto de Teatro-educação, em contexto de sala de aula, onde na maioria das vezes os únicos recursos que dispomos são as cadeiras e as mesas, torna-se numa tarefa que exige muita criatividade porque qualquer que seja o tema tratado, devemos encontrar, no aqui e agora, os melhores meios, para dar vida a esse tema.

Na sala de aula deve existir um clima de liberdade que contribui para a expressão dos sentimentos e sensações dos sujeitos da aprendizagem, sem receio de reprovações por parte dos envolvidos, pois só assim se consegue desenvolver a criatividade teatral.

Como referem (Cardozo, Lopes & Giacomelli. s/d, p. 5), *“a escola não precisa de um espaço com poltronas confortáveis ou ricos figurinos para montar uma peça, podem começar em sala de aula, o educador pode estar utilizando alguns recursos da linguagem teatral.”*

Incutimos nos sujeitos de aprendizagem, que durante as aulas de Teatro, a sala de aula é um palco, um espaço que é recriado a todo o momento. Pois todos os trabalhos teatrais levados ao palco pelos alunos se iniciaram em contexto de sala de aula, desde a criação de textos, leituras, marcações cénicas e respetivos ensaios.

É dentro da sala de aula que se inicia a trajetória da montagem teatral e onde todos os elementos têm que compreender que a disciplina significa ordem, respeito, organização e obediência a determinados códigos de conduta, sem os quais não atingiriam os seus objetivos. O professor de Teatro deve oferecer aos alunos desafios para que eles possam encontrar soluções criativas, que contribuam para o desenvolvimento das suas potencialidades expressivas e comunicativas. Tratando-se de projetos colaborativos, cada um deve saber qual o seu papel, para que possa contribuir ativamente para o crescimento individual e coletivo.

Houve sempre o cuidado de envolver todos os sujeitos de aprendizagem em exercícios de espontaneidade, criatividade, empatia e resolução de problemas, através de improvisações e dramatizações.

Procurámos ao longo destes anos que o Teatro tivesse também uma vertente de atuação para uma assistência, numa primeira fase direcionada para os próprios colegas de sala de aula, seguindo-se para a comunidade escolar apresentando-se pequenos trabalhos em vários

espaços da escola e numa fase mais avançada mostrando os trabalhos teatrais no exterior da escola para toda a comunidade educativa.

Ao trabalharmos atividades dramáticas numa sala de aula normal estamos em contacto com um verdadeiro espaço vazio, que precisa de ser preenchido com muita criatividade e de acordo com Brook (1993, p. 12), *“um espaço vazio permite o nascimento de um fenómeno novo.”*

Na descrição das atividades desenvolvidas em contexto de sala de aula, apresentamos alguns jogos e exercícios teatrais, baseados numa recolha que fomos criando ao longo da nossa viagem artística. Trata-se de uma “Cartilha de Jogos e Exercícios Teatrais” (anexo III no CD) em que participei ativamente, quer na minha formação de artista de teatro, quer agora no papel de orientador onde adaptei e apliquei o processo com os alunos. Esta recolha de fazeres no Teatro foi uma útil forma de ajudar o ensino do agente e também a aprendizagem dos sujeitos, pois *“a constituição de um reportório pessoal e eclético de atividades deve ser uma preocupação permanente de todo o educador, professor e animador.”* (Martins, 2002, p. 158).

Tendo em conta o contexto do Teatro na educação artística procurámos encontrar sempre variantes para cada exercício ou jogo dramático, de forma a ajudar cada sujeito de aprendizagem a melhorar o seu desenvolvimento pessoal, artístico e cultural.

Perante o supracitado, passamos seguidamente a descrever o processo utilizado nas atividades teatrais em contexto de sala de aula, com os alunos de 7.º ano de escolaridade.

3.3.1 – 7.º ano de escolaridade

A disciplina de Teatro no 7.º ano de escolaridade é desenvolvida num período de seis meses, com uma aula semanal de noventa minutos. Esta reduzida carga horária disponibilizada para o desenvolvimento do Teatro para este nível de ensino implica uma preparação muito precisa por parte do professor para que se consiga alcançar os objetivos propostos.

Por norma, nas primeiras aulas apostámos numa série de jogos preparatórios, com o intuito de desenvolver algumas competências necessárias para o Teatro, como a observação, escuta, concentração e acima de tudo uma adequada integração.

3.3.1.1 – Exercícios de integração

Um processo de integração de grupo é um passo fundamental para o bom funcionamento de qualquer atividade. E quando se trata de uma atividade de Teatro na escola, o valor de uma eficaz integração torna-se imprescindível para que se consiga os melhores resultados. Ao longo destes anos, apostámos imenso numa panóplia de exercícios de integração, com uma incidência nos jogos que exigissem o toque. Esta prioridade decorreu da constatação de que o outro é uma barreira muito presente nas crianças e jovens, o que prejudica um desenvolvimento integral numa disciplina como o Teatro.

A forma como tocamos e lidamos com o outro no Teatro-educação deve ser levada muito a sério, pois é nestas relações que se cria a grande fonte de energia que gera o impulso para ideias e criações artísticas.

Um bom espetáculo teatral só é possível se houver uma integração harmoniosa e responsável durante todo o processo de ensaios. E para que o jovem intérprete possa exprimir-se bem teatralmente, tem primeiro que sentir-se bem consigo e com o outro.

O jogo teatral é um recurso altamente produtivo para conseguirmos uma boa integração de jovens e crianças, que estão a iniciar uma viagem através da arte dramática. O intervir com o Teatro significa trabalhar consigo mesmo e com o outro.

E como a atividade teatral exige comunicar também com o corpo, passamos seguidamente a debruçar-nos sobre a importância da expressão corporal.

3.3.1.2 – Expressão corporal

O nosso corpo é um sítio onde estão sempre a acontecer histórias. Por isso é que o corpo está vivo e fala por nós e transforma-se naquilo que quisermos. Por vezes no Teatro o corpo transforma-se em vento, rio, outras vezes, numa semente, ou noutra coisa qualquer.

Brook (2008, p. 28), refere que *“o ator deve ter um corpo disponível para agir”*, pois a ação é a palavra-chave do Teatro.

Assim achamos aconselhável que os alunos usem vestuário adequado para aulas de Teatro. Devem utilizar roupas que facilitem toda a movimentação especialmente nas sessões de

expressão corporal. Os sujeitos de aprendizagem numa atividade de expressão corporal têm que usar roupas práticas, tal como nas aulas de educação física.

Por vezes torna-se necessário “desconstruir” determinadas posturas corporais para tornar-se a construir uma postura mais assertiva. Daí recorrer-se a um leque variadíssimo de exercícios individuais e de grupo, direcionados para o aquecimento, alongamento, relaxamento, ritmo, movimento no espaço cénico, coordenação, sincronia, equilíbrio, flexibilidade, exercícios de precisão, ação e reação. Sempre numa linha orientadora para a descoberta do corpo expressivo e dos seus movimentos para uma melhor performance do aluno na prática teatral.

Mas se trabalhar a expressão corporal no Teatro-educação é uma tarefa importantíssima para que os alunos estejam mais à vontade na criação e interpretação das personagens, há que também trabalhar constantemente a expressão vocal.

3.3.1.3 – Expressão vocal

Como o Teatro é uma arte de bem falar, temos que ter um cuidado muito especial na forma como pronunciamos e interpretamos as palavras. Daí, recorreremos a uma série muito variada de exercícios para aperfeiçoarmos a expressão vocal dos estudantes de Teatro, visando acima de tudo sensibilizá-los para a importância do conhecimento da voz, das suas potencialidades e dos principais cuidados a ter com a mesma.

Para podermos ser bem entendidos, temos que ter uma boa dicção que “*é, simplesmente, a arte de fazer-se bem entender, de dar às palavras o seu peso e sabor, tudo sem esforço, com naturalidade.*” (Filho, 1960, p. 43). Insistimos constantemente nos exercícios de respiração, pois “*a respiração é a base da boa dicção, da leitura inteligente, tanto quanto é dos movimentos ...*” (Filho, 1960, p. 42).

Só com uma respiração correta, conseguimos uma boa interpretação e projeção da voz no espaço cénico.

Seguidamente, passamos a mencionar alguns exercícios de ajuda à expressão vocal que realizámos:

- 1) Um grupo de alunos sentados no chão em círculo. Entregávamos a cada elemento uma palavra de uma frase. Pronunciavam as palavras, uma a seguir às outras, até conseguirem produzir uma frase orgânica.
- 2) Numa segunda variante, repetiam o mesmo exercício, mas agora sentados numa cadeira. Terceira variante: realizava-se de pé, sempre em círculo. Quarta variante era feita em movimento pelo espaço de sala de aula. Quinta variante: cada elemento coloca-se num canto da sala. Na sexta variante todos os elementos repetiam a atividade virados para a parede da sala de aula.

O grau de dificuldade deste exercício para alguns alunos acaba por ser ultrapassado com a insistência, repetição e colaboração dos colegas. Assim que as palavras começavam a fluir, depois de tanta repetição, o grupo sentia-se entusiasmado e mais liberto. Apercebiam-se também da importância de trabalharem em equipa na resolução de certos obstáculos. Nestes exercícios teatrais, por vezes, produziam-se situações inesperadas e que foram aproveitadas para as criações coletivas. O ator necessita deste trabalho constante de exercitação corporal e vocal. Pois *“os atores devem variar os seus métodos de aprendizagem.”* (Brook, 2008, p. 165).

Recorremos também a muitas improvisações individuais e coletivas para aperfeiçoar e desenvolver o processo de criação teatral dos sujeitos de aprendizagem.

3.3.1.4 – Improvisação individual e coletiva

Numa sala de aula é muito difícil termos em todas as sessões adereços e cenários disponíveis para as diversas atividades dramáticas. Daí o facto de incidirmos muito o nosso trabalho artístico no espaço livre, com o mínimo possível de objetos.

Brook (1998, p. 7) refere que pode-se *“chegar a um espaço vazio qualquer e usá-lo como espaço de cena. Uma pessoa atravessa esse espaço vazio enquanto outra observa – e nada é mais necessário para que ocorra uma ação teatral.”*

No período das improvisações individuais foi solicitado a cada sujeito de aprendizagem que preparasse um pequeno monólogo para apresentar a toda à turma. Após cada apresentação, a mesma foi alvo de uma reflexão e avaliação por parte dos colegas e respetivo professor.

Terminada a fase dos monólogos, iniciou-se a criação coletiva de curtos diálogos em grupos, que passaram também pelo processo de apresentação, reflexão e avaliação.

Desta forma o desenvolvimento pessoal, artístico e cultural dos sujeitos de aprendizagem tornou-se cada vez mais enriquecedor, aperfeiçoando a sua capacidade de comunicação com os outros, através do Teatro.

Segundo Baden-Power (1947, mencionado em Sousa, 2003, p. 24), deve-se:

“Dar o enredo de uma cena curta e simples e distribuir os papéis indicando a cada um qualquer coisa que ele deve dizer ou fazer. Depois, deixá-los jogar livremente e encontrar as palavras se necessitarem. Isto desenvolve a imaginação e a facilidade em se exprimir dentro de parâmetros previamente fixados.”

3.3.1.5 – Criação e interpretação de diálogos

A criação e interpretação de diálogos pelos próprios alunos, sob orientação do professor, foi um método muito utilizado, para se melhorar a capacidade de interpretação teatral. O facto de interpretarem histórias escritas pelos próprios, foi um motivo de melhoria da autoestima, cooperação e, acima de tudo, gosto em apresentar trabalhos originais.

De acordo com Peter Brook (2008, p. 156), “ *o ato de representar começa com um minúsculo impulso interior, tão subtil que chega a ser completamente impercetível.*”

Pelo facto de se tratar de projetos experimentais, por vezes o mesmo personagem foi interpretado por diferentes alunos, dando assim possibilidade a todos os discentes de vivenciarem as mesmas ações teatrais.

O sujeito de aprendizagem, ao atuar nos diálogos, está a agir em relação a si e ao outro. E com este processo vai descobrindo e aperfeiçoando as suas capacidades de interpretação.

Acima de tudo, a prática do diálogo proporciona um ambiente adequado às interações pessoais que são imprescindíveis para a evolução teatral.

Muitos destes pequenos projetos práticos de interpretação teatral, por vezes inspirados no universo dos contos populares madeirenses, foram apresentados no próprio recinto escolar, em frente à biblioteca, no átrio de entrada ou mesmo nas escadas. O mais importante foi fazer

as coisas acontecerem dando vida à escola. Como afirma Peter Brook (2008, p. 9), *“um local bonito pode nunca provocar uma explosão de vida, enquanto um átrio qualquer pode revelar-se um excelente local para as pessoas se reunirem; é este o mistério do teatro (...).”*

A criação de textos dramáticos teve como princípio a ação. Assim as personagens dos textos criados pelos sujeitos de aprendizagem foram sempre trabalhadas nos vários exercícios de interpretação. Pois acreditamos que só assim o Teatro-educação faz sentido. E de acordo com Barata (1979, p. 51) *“as personagens dramáticas são como esqueletos a quem falta a corporeidade. Só a representação lhes virá a conferir o seu pleno estatuto.”*

Com este método de criação de textos dramáticos pelos alunos que estavam a iniciar o Teatro no 7.º ano de escolaridade, pretendeu-se também que os alunos tivessem a noção de alguns elementos do drama, como a ação, o ambiente, os cenários, a iluminação, as marcas dos atores no palco, a construção das personagens, as roupas, a maquilhagem, a gestualidade, o corpo em cena e a voz.

Para se poder evoluir teatralmente, o processo de escrita criativa dramática e representação teatral teve obviamente a continuidade no 8.º ano de escolaridade.

3.3.2 – 8.º ano de escolaridade

Tal como referimos para o 7.º ano, no 8.º ano de escolaridade a disciplina de Teatro é desenvolvida no período de seis meses, com uma aula semanal de noventa minutos.

Neste nível de ensino, optou-se pelo desenvolvimento de mais componentes teatrais, mas também pela continuidade dos exercícios dramáticos desenvolvidos no 7.º ano para não se perder o que adquiriram, descobriram e experimentaram. Para Stanislavski (1964, citado por Maribela, 2011, p. 287), *“o ator deve trabalhar a vida inteira, cultivar o seu espírito, treinar sistematicamente os seus dons.”*

A diversificação de propostas criativas deve ser uma constante junto dos jovens envolvidos num projeto de Teatro-educação, encorajando-os a desenvolver a expressão individual e coletiva.

E ao longo destes anos, notámos nos sujeitos de aprendizagem que frequentaram o Teatro no 8.º ano de escolaridade que tiveram um desenvolvimento gradual nas atividades dramáticas, pois:

“as interpretações individuais eram cada vez mais bem elaboradas, a preparação da representação cada vez mais cuidada e cheia de pormenores e o ambiente envolvente (vestuários, maquilhagem, cenários, som, luzes) tinha cada vez mais importância no enquadramento da ação.” (Sousa, 2003, p. 68).

3.3.2.1 – Integração e dinâmica de grupo

A integração e dinâmica de grupo num contexto de Teatro é um processo demorado, que dificilmente conseguimos num encontro semanal, durante seis meses, como acontece no 7.º e 8.º ano de escolaridade. Daí termos optado por realizar, ao longo de todo o período teatral, jogos de integração que contribuíssem para uma boa e contínua dinâmica de grupo; pois uma adequada atividade dramática só é eficaz se todos os elementos do grupo se sentirem integrados.

3.3.2.2 – Desenvolvimento da expressão corporal e vocal

Houve claramente uma grande aposta na expressão corporal e vocal porque o instrumento da arte teatral é o corpo inteiro. O sujeito de aprendizagem envolvido num contexto de Teatro-educação deverá ser capaz de se expressar através de um gesto, de uma postura ou atitude corporal, de uma expressão facial, de um simples olhar, ou a partir da entoação de uma palavra dita, lida, cantada ou sussurrada. *“Pois o corpo do ator é, todo ele, um potente emissor de signos.”* (Barata, 1979, p. 70).

Como se afirma nas orientações curriculares, *“no processo de aprendizagem os alunos desenvolvem continuamente a utilização do corpo e voz perspetivados numa forma integrada como veículos fundamentais da expressão/comunicação.”* (Bezelga et al; 2002, p. 8).

3.3.2.3 – Improvisação com e sem objetos

Num exercício de improvisação teatral, em cada objeto há todos os outros objetos. A partir da criatividade de cada participante, o objeto no Teatro pode ser tudo o que se quiser.

Alguns dos exercícios de improvisação a que recorreremos muitas vezes foram os seguintes:

- 1) A cada sujeito foi atribuído um objeto e este teve de improvisar cinco ações diferentes a partir do mesmo.

Depois de todos os elementos apresentarem as suas ações, os objetos eram retirados e os participantes tinham que repetir as mesmas ações, desta vez sem o auxílio do objeto.

- 2) Cada sujeito de aprendizagem teve que improvisar uma ação de um minuto, aproximadamente, a partir da sua cadeira. Só que a cadeira teve que ser interpretada como outro objeto qualquer e nunca como uma cadeira.
- 3) A partir de um objeto um elemento começa a criar um monólogo, que a um sinal do professor é continuado por outro, e assim por diante até todos intervirem.

3.3.2.4 – Criação de máscaras, fantoches e sombras chinesas

O facto de a máscara ter uma ligação muito próxima com as origens do Teatro, levou-nos a utilizá-la em diversas intervenções de Teatro e animação ao longo destes dez anos letivos.

Para a criação de máscaras, que foram confeccionadas na sala de aula e por vezes no pátio da escola, usamos sacos de papel, cartolinas, tecidos, tintas, colas, papelão, jornais, balões, plástico, etc.

Em algumas animações escolares usámos as pinturas faciais onde se criaram máscaras desenhadas no próprio rosto com tintas adequadas para o efeito. Pois *“El maquillaje y el trabajo com los músculos faciales inmovilizados en una expresión fija, fabrican una máscara sin objeto exterior.”* (Grotowski, 1971, mencionado por Pavis, 1980, p. 301).

Pavis (1980, p. 301), refere que *“ la máscara deforma facilmente la fisonomía humana dibujando una caricatura y reestructurando totalmente el rostro.”*

Assim, algumas das máscaras foram usadas em representações teatrais e outras colocadas em exposições na semana do dia mundial do Teatro, que sempre foi comemorado na escola, com várias atividades de animação teatral.

Desta forma promoveu-se uma atividade riquíssima em que os alunos envolvidos criaram interessantes narrativas com as máscaras feitas pelos próprios. Foi curioso verificar que

alguns alunos mais inibidos acabaram por integrar algumas intervenções teatrais só pelo facto de usarem a máscara.

Teatro de sombras

O Teatro de sombras é uma arte muito antiga originária da China e que se espalhou pelos países da Europa. Achámos muito pertinente explorar este género de arte teatral por se tratar de uma atividade muito divertida que estimula a criatividade das crianças e dos jovens envolvidos numa disciplina de educação artística.

Para o Teatro de sombras utilizámos como material uma fonte luminosa, uma tela totalmente branca ou mesmo um lençol bem esticado e as respetivas silhuetas para serem projetadas.

Como silhueta, usámos normalmente os próprios corpos dos sujeitos de aprendizagem, mas também chegámos a utilizar fantoches de vara recortados em cartão e até outros objetos.

Desta forma cada aluno no seu respetivo grupo criou as mais diversas figuras, tendo a oportunidade de compará-las com as dos colegas. Experimentaram assim a técnica das sombras projetadas, que ora cresciam ora diminuía criando uma narrativa animada.

Fantoches

Trabalhámos essencialmente os fantoches de luva para a representação de algumas histórias tanto no espaço escolar, como no Cento Cultural John dos Passos. Os fantoches foram construídos em tecido, espuma, papel, lã, entre outros materiais. O facto de os fantoches terem sido construídos pelos próprios sujeitos de aprendizagem, com a colaboração de alguns professores de educação tecnológica, tornou esta atividade teatral mas interessante e cooperativa.

“Sendo construído e manipulado por uma pessoa, a movimentação do fantoche expressa as emoções e sentimentos de quem o movimenta, por processos de projeção e transferência psicológica, possuindo por isso grande valor educativo, preventivo e terapêutico.” (Bedos e col., 1974, mencionado por Sousa, 2003, p. 89).

Como exercício de descoberta deixámos os alunos manipularem os fantoches de forma livre. Aos poucos, sentiam vontade de criar uma fala, um diálogo para aquele boneco, aliando o

movimento dele com a palavra, e assim fomos criando algumas animações teatrais com fantoches.

3.3.2.5 – Dramatização de textos não dramáticos

“Podemos começar incentivando os alunos com a leitura de contos em voz alta, e mudando a entonação marcando os diferentes personagens.” (Cardozo, Lopes & Giacomelli. s/d, p. 5).

Notámos que os sujeitos de aprendizagem tinham a necessidade que se diversificasse ao máximo as atividades teatrais, daí a dramatização de textos não dramáticos ter sido um recurso muito utilizado nas nossas aulas. Os contos foram foco de ideias para espetáculos teatrais, fruto da dinâmica gerada pelo coletivo.

Incentivámos os sujeitos de aprendizagem a apostarem na adaptação teatral de contos populares madeirenses (anexo III no CD). O mesmo aconteceu com a adaptação dos contos “*As Feiticeirinhas*” (foto n.º 8) e “*Mais vale ter sorte do que ser rico*” (foto n.º 9), com os quais montámos um espetáculo teatral, que foi apresentado à comunidade em geral no Centro Cultural John dos Passos.



Foto n.º 8 – Representação da peça “As Feiticeirinhas”



Foto n.º 9 – Representação da peça “ Mais vale ter sorte do que ser rico”

3.3.3 – 9.º ano de escolaridade

O facto de no 9.º ano de escolaridade a carga horária semanal disponibilizada para a disciplina de Teatro ser constituída por um bloco de 90 minutos, mais um de 45 minutos, abriu espaço para que se pudesse trabalhar ao longo do ano letivo as diversas linguagens do Teatro, de forma mais aprofundada. Barata (1979, p. 63) sublinha que *“não se poderá falar de uma linguagem de teatro (...) mas de linguagens de teatro, reflexo de valores codificados (gestos, maquilhagem, mímica facial, etc.) que o destinatário irá decifrar, com maior ou menor facilidade.”*

Assim, passamos seguidamente a descrever as atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula, com os sujeitos de aprendizagem do 9.º ano de escolaridade, ao longo de cada período escolar.

3.3.3.1 – Primeiro período

Os sujeitos de aprendizagem que frequentaram o 9.º ano, à partida, eram conhecedores de alguns códigos da linguagem teatral, desenvolvidos ao longo dos anos anteriores. E como acreditamos que o Teatro contribui para o desenvolvimento pessoal, artístico e cultural dos sujeitos de aprendizagem, intensificámos ainda mais o trabalho de expressão corporal, voz, interpretação, montagem e apresentações públicas de espetáculos teatrais.

3.3.3.1.1 – Exercícios de expressão corporal

Qualquer que seja o gesto, assumo-o e torno-o natural.”
(Brook, 1991, p. 77).

Quando me envolvo em projetos teatrais, oriento muito em cima do trabalho corporal e físico como a improvisação de movimentos livres para soltar o máximo o corpo. Depois vem a progressiva consciencialização de cada elemento do corpo, chamando a atenção dos sujeitos de aprendizagem, para a forma de caminhar, o ritmo imposto e os movimentos efetuados na construção da personagem.

Num projeto de Teatro-educação, tem que haver uma grande disponibilidade corporal de todos os envolvidos para que as criações teatrais funcionem e se passe de forma eficaz a mensagem para o público.

De acordo com Marega (2011, p. 286):

“A existência do ator, por sua vez, revela-se na figura de dois aspetos fundamentais: o corpo e a mente. O corpo porque é preciso ter algo que se faça movimentar, que se faça significar diante dos olhos da plateia. Já a mente, é estar presente, é estar inteiro para assumir uma personagem em cena, pensando, pulsando e agindo. Por isso, para atuar é preciso ter conhecimento do corpo e da mente, dos seus limites e das suas possibilidades. “



Foto n.º 10 – Momento expressivo do espetáculo teatral “Gente fina é outra coisa”

3.3.3.1.2 – Exercícios de respiração, colocação e projeção de voz

O professor de Teatro que trabalha com jovens estudantes tem que desenvolver atividades que permitam ao aluno explorar bem a palavra, seja a partir de monólogos, diálogos ou coros.

Pavis (1980, p. 543) refere que “ *la voz del actor juega un papel capital, muy mal conocido, en la fabricación del sentido teatral, pero es difícil describirla y formalizarla para evaluar su efecto en el espectador.* ”

Falar para uma plateia atenta é maravilhoso, mas para alguns alunos enfrentar um público é uma tarefa extremamente difícil. Daí que uma experiência de Teatro bem orientada é uma atividade enriquecedora para os envolvidos.

Saber como funciona a sua voz é fundamental para qualquer indivíduo, mas quem está envolvido num projeto de Teatro-educação tem uma responsabilidade ainda maior de ter esse conhecimento.

A articulação das palavras deve ser bem trabalhada, cuidada, observada, ouvida e sentida, pois a clareza da mensagem depende da precisão e intenção com que articulamos as palavras.

Daí termos promovido atividades em que os sujeitos de aprendizagem puderam realizar exercícios tendentes a compreender o funcionamento dos aparelhos respiratório e vocal.

Passamos a mencionar alguns exercícios, entre muitos outros, que praticámos continuamente nas aulas de Teatro:

- 1) Inspirar expandindo o tórax. Sempre descontraído. Suster por alguns momentos e expirar esvaziando totalmente.
- 2) Repetir o mesmo exercício. Mas desta vez fazendo o som “ssss” de forma contínua durante a expiração. Procurar manter o som homogêneo, estável, sem variação de intensidade, e durante um tempo confortável, sem exageros.
- 3) Repetir o exercício, mas agora fazendo sons bem curtos em "s ".
- 4) Alternar o exercício contínuo “s-s-s-s-ssssss” com o exercício curto “s”.
- 5) Repetir os exercícios com os sons de “ch” e depois com “f”.

- 6) Leituras e pequenas interpretações colocando a voz fina, grave, alta, trémula, gaga, silabada.
- 7) Ler uma frase longa só com uma respiração. Repetir o exercício utilizando várias entoações.
- 8) Com o som “aaaaaaa...” todos encostados a uma parede a tentar deitar a parede à sua frente abaixo.

Com uma frase o sujeito de aprendizagem deverá ser capaz de interpretar vocalmente diversas situações “ (...) *comunicar situaciones distintas, pronunciando las mismas palabras en tonos diferentes.*” (Pavis, 1980, p. 543).

A utilização de uma respiração correta é a primeira coisa que se deve aprender para educar a voz. E o professor deve observar bem a respiração dos sujeitos de aprendizagem durante a leitura de textos, interpretações de personagens e mesmo no decorrer de conversas espontâneas, para poder ajudá-lo a explorar as suas potencialidades de expressão e comunicação.

3.3.3.1.3 – Exercícios de interpretação

O professor deverá envolver e incentivar ao máximo o sujeito da aprendizagem, que se encontra num processo de construção e interpretação de uma personagem. Pois “*para quem ensina, é vital o seu empenhamento pessoal e relacional na gestão sensível e criativa de ambientes e dispositivos favoráveis a aprendizagens e à identificação das condições para o sucesso educativo.*” (Martins, 2002, p. 21).

O professor de Teatro é como um “*encenador que tem de perceber onde é que o ator não consegue cumprir as suas intenções*” (Brook, 2008, p. 179), para poder orientar de forma mais apropriada.

Nos exercícios de interpretação de personagens, é de grande importância para que todos os alunos tenham a oportunidade de experimentar as diversas situações, daí a utilidade da rotação de papéis.

Quando o educando interpreta um personagem ou dramatiza uma situação, revela uma parte de si mesmo, mostrando como sente, pensa e vê o mundo. Ao construir e interpretar uma personagem o sujeito de aprendizagem está a desinibir-se, a estimular a imaginação, a disciplinar-se e a valorizar-se. Pavis (1980, p. 275) sublinha que “ *la concepción de su interpretación varía de una actuación regida e prevista por el autor y el director, a una transposición personal de la obra, una recreación total del actor, según los materiales a sua disposición.*”

Procurámos desenvolver e canalizar as potencialidades interpretativas dos sujeitos de aprendizagem para o melhor resultado cénico, através de improvisações e dramatizações sugeridas nos exercícios próprios para a arte teatral.

Uma eficaz interpretação consegue-se com muita criatividade e com uma boa concentração cénica para poder passar-se a emoção das personagens. Costumo dizer aos alunos que no Teatro há três regras fundamentais, que são: observar, observar e observar. Pois só poderemos melhorar o nosso desempenho artístico se tivermos essa capacidade de observação de nós próprios e do outro.

3.3.3.1.4 – Exercícios de escrita criativa

“É bom mexer nas palavras, organizá-las num espaço, estabelecer-lhes movimentos de rotação e translação umas com as outras.” Herberto Hélder

Segundo Brook (2008, p. 46) “*é extraordinariamente difícil escrever uma peça.*” Normalmente o processo de escrita dramática criativa nas aulas de Teatro era feito em grupos, valorizando desta forma o trabalho cooperativo, pois de acordo com Brook (2008, p. 47) “*a criação coletiva pode ser infinitamente mais enriquecedora.*”

Como já mencionamos anteriormente, tendo por base os contos populares criámos vários textos teatrais. Assim, a partir do Teatro, os contos receberam uma nova forma e visibilidade, tendo estes sido colocados em ação através da representação teatral.

Filho (1960, p. 121) refere que “*o papel do texto, no teatro, é igual ao da palavra na vida. A palavra serve para cada um de nós formular a si mesmo e comunicar aos outros aquilo que a sua inteligência regista.*” O mesmo autor acrescenta que o “*poeta sonhou uma peça. Põe no*

papel aquilo que é redutível em palavras, que não podem exprimir senão uma parte do seu sonho.” Filho (1960, p. 122). Ao intérprete caberá dar vida, ação ao sonho escrito pelo poeta.

Ao trabalhar com a palavra, num processo de escrita criativa, o professor de Teatro desenvolve no aluno a capacidade da comunicação verbal e escrita.

3.3.3.1.5 – Intervenção no espaço

As primeiras interpretações aconteceram em contexto de sala de aula, perante a assistência e avaliação dos colegas. Foi uma das primeiras possibilidades do aluno “ *praticar a sua arte nos poucos metros de espaço disponível.*” (Brook, 2008, p. 60).

Numa segunda fase apresentaram-se alguns trabalhos no espaço escolar, para fruição da comunidade educativa, normalmente em programas de animação de fim de período.

Numa terceira fase, no fim do ano letivo, que correspondeu à apresentação prática dos exercícios teatrais para a comunidade em geral. De acordo com Brook (2008, p. 184), “ *única coisa que todos os tipos de teatro têm em comum é a necessidade de um público.*”

Nesta última fase, os trabalhos tinham uma outra maturidade e outra exigência de espaço cénico com condições técnicas, por isso a necessidade de serem apresentados no Centro Cultural John dos Passos. Aqui, apostámos num dispositivo cénico mais elaborado, com condições de utilização de um adequado desenho de luz e som. Os espetáculos apresentados no Centro Cultural John dos Passos pautaram-se por uma interessantíssima qualidade, havendo um grande espírito de confraternização entre os alunos das diversas turmas envolvidas na representação teatral.



Foto n.º 11 – Alunos após a apresentação de um espetáculo

3.3.3.2 – Segundo período

Depois de um primeiro período a recapitular e a sedimentar exercícios de corpo, voz, interpretação, escrita e intervenções no espaço escolar, foi a partir do segundo período que entrámos na fase de montagem de um espetáculo teatral, tendo por base um texto. Assim, depois de algumas improvisações acerca do conteúdo abordado no texto, entrámos no processo de leituras da obra.

3.3.3.2.1 – Ensaios de leitura

“Ler um texto dramático, tendo no horizonte a sua representação, é, na escola uma aventura diferente.” (Lopes, 1999, p. 20).

O facto de optarmos pela leitura de um texto dramático com o objetivo de encenar-se um espetáculo, é realmente um momento de grande importância para todos os envolvidos,

começando necessariamente pelos sujeitos de aprendizagem, que darão “vida” às personagens.

Faz todo o sentido a posição de Helena Serôdio, mencionada por Lopes (1999, p. 21):

“A encenação é primeiro que tudo o tempo das inúmeras leituras da peça, leituras atentas, minuciosas, distraídas, leituras de noite e de dia, ao vento ao sol, sob as árvores; leituras de outros livros, peças estudos, artigos, seminários, trabalho em grupo, trocas discussões, querelas apaixonadas, descobertas comuns. Trabalho preliminar destinado a preparar o terreno do espírito para que se revele algo fundamental ao tema da peça, a sua razão de ser e a sua necessidade.” (Serôdio, 1996, p. 21).

Costumámos dizer ao alunos que as diversas leituras do texto dramático com a finalidade de uma apresentação teatral é o primeiro degrau de uma longa escada, com subidas, descidas, curvas e muitos outros obstáculos que temos que percorrer até chegarmos ao espetáculo.

Apesar de alguns alunos se oferecerem logo para a atividade de leitura do texto, é importante inverter os papéis das personagens por vários alunos, dando a oportunidade de leitura e irmos descobrindo qual o aluno que se encaixa melhor em determinada personagem. Com esta prática pedagógica todos os alunos terão a possibilidade de vivenciar o papel de leitor e o de ouvinte de toda a obra.

O professor deve selecionar muito bem o texto dramático que pretende trabalhar com os jovens estudantes, deve ser uma história que prenda a atenção dos alunos e que seja ao mesmo tempo um desafio. Pois *“a relação que o grupo estabelece com o texto vai ser determinante no significado do espetáculo.”* (Lopes, 1999, p. 22).

Passámos a mencionar algumas atividades práticas que realizámos com os sujeitos de aprendizagem na leitura dos textos dramáticos:

- 1) Os alunos realizam a leitura enquanto se vão deslocando livremente pelo espaço.
- 2) Efetuam a leitura enquanto se vão deslocando e utilizando alguns adereços que foram colocados estrategicamente no espaço.
- 3) Fazem as leituras pronunciando as palavras da seguinte maneira: normal, lento, rápido, com desprezo, com admiração, com pânico, cantada, chorada, sussurrada, entre outros sentimentos que o professor vai solicitando.

Nunca é de mais lembrar que após a realização destes exercícios de leituras dramáticas é sempre imprescindível debater os resultados obtidos. Sempre que necessário, repete-se os mesmos exercícios ou recorre-se a outras variantes.

Os diferentes ensaios de leitura e de improvisação interpretativa num contexto de Teatro-educação são fundamentais para uma equilibrada distribuição de personagens, que se vai refletir no espetáculo.

3.3.3.2.2 – Construção de personagens

Durante o processo de construção de uma personagem, a ajuda do professor ao jovem intérprete deve pautar-se pela proximidade, com vista a traçar um percurso teatral mais seguro e criativo.

Por isso a experiência artística do professor é fundamental para se fazer uma distribuição correta dos personagens consoante as capacidades globais dos sujeitos de aprendizagem.

A vontade dos sujeitos de aprendizagem é uma condição fundamental para o êxito do espetáculo teatral e com o trabalho gradual de corpo e voz o intérprete vai *“tornar a personagem viva e funcional.”* (Brook, 2008, p. 181).

Repetir e corrigir constantemente, aprimorando o trabalho e atuando sempre numa espécie de “vigilante de si mesmo”, é o caminho mais apropriado para conseguirmos um bom resultado de interpretação teatral.

Durante o período de construção das personagens procurámos sempre orientar o jovem intérprete, dando-lhe várias referências para descobrir o perfil da sua personagem.

De acordo com Barata (1979, p. 104),

“convirá pois ter sessões paralelas à construção da «representação» em que o professor se esforçará por fornecer material diverso (iconográfico, documental, crítico, etc.), de molde a que eles possam «visualizar» o que estão a ler, e mais facilmente possam desencadear o processo de recriação.”

Assim, cada sujeito de aprendizagem vai delineando o caminho da sua personagem à medida que vai progredindo coletivamente.

O professor de Teatro tem que estimular constantemente cada interveniente a encontrar o seu próprio caminho de construção das personagens. Por vezes a utilização de um adereço pode ajudar na configuração de uma personagem, dando-lhe novos contornos.

Cada um começa por imaginar como será a sua personagem, qual a sua maneira de ser e de estar e acaba por inventar uma espécie de bilhete de identidade para a sua figura. “*É necessário fazê-la surgir, respirar, agir, viver, ainda que de forma efémera.*” (Lopes, 1999, p. 26). Ainda segundo esta autora, “*o processo de criação de uma personagem não é linear. Constitui fonte de busca e, neste sentido, é um caminho sinuoso, muitas vezes feito de tensões e sobressaltos. Por vezes encontra rumo das formas mais inesperadas.*” (Lopes, 1999, p. 27).

Uma ajustada marcação cénica é um precioso contributo para entendermos melhor cada personagem e também uma ajuda para cada intérprete memorizar mais rapidamente o texto, devido às diversas referências impostas no palco.

3.3.3.2.3 – Marcação cénica

O movimento dos atores em cena, em função do texto da peça teatral, com as respetivas entradas e saídas, deve ser bem marcado desde o início para que se torne num espetáculo equilibrado e visualmente harmónico. Só assim os intérpretes se sentirão seguros e o público pode seguir corretamente toda a narrativa.

Por norma apelámos para que cada aluno fosse marcando a lápis as indicações cénicas relativas à sua personagem, para que fosse mais fácil memorizarem as falas e corrigirem as normais alterações que iam surgindo.

Os ensaios foram sempre acompanhados de discussões sobre as novas descobertas e respetivas alterações de marcação cénica, para uma melhor coerência do espetáculo final.

Para a marcação cénica da peça, valorizámos a criatividade e espontaneidade dos sujeitos de aprendizagem, pois defendemos uma marcação junto dos intérpretes e não uma marcação totalmente pré-preparada.

Conforme afirma Brook (2008, p. 108), “*a qualidade do trabalho realizado em cada ensaio depende exclusivamente de um ambiente criativo – e a criatividade não nasce com explicações.* “

O professor de Teatro é como um encenador que tem como função ajudar um grupo de alunos a desenvolver o seu trabalho no sentido de conseguir os melhores resultados. Assim, durante todo o processo o professor *“está lá para atacar e recuar, provocar e retroceder, até que a matéria indefinível comece a fluir.”* (Brook, 2008, p. 156).

3.3.3.3 – Terceiro período

“Um ensaio é, também, na escola, um espaço de prazer e de descoberta, de divertimento e de invenção.” (Lopes, 1999, p. 30).

Um período composto por muita prática, em contexto de sala de aula, envolvendo os sujeitos de aprendizagem em diversos ensaios corridos, com som e adereços.

Passámos seguidamente um olhar sobre o processo realizado nestes três géneros de ensaios.

3.3.3.3.1 – Ensaios corridos

Terminada a fase dos ensaios de marcação cénica iniciava-se os ensaios da totalidade das cenas para ganharmos ritmo e justificação das ações.

Em diversos momentos, discutimos e ensaiámos repetitivamente uma única cena da peça, durante toda a aula de Teatro, para encontrarmos uma solução mais adequada.

Tendo em conta que a carga horária disponibilizada para a aula de Teatro não é no nosso entender suficiente, essencialmente quando nos encontramos num processo de montagem de um espetáculo teatral, foi necessário uma maior entrega, predisposição e esforço individual e coletivo para ensaios extras aulas, com a finalidade de afinar-se bem as cenas.

Durante os ensaios corridos os intérpretes foram ganhando mais desenvoltura nas suas performances e, muitas vezes, as soluções aparentemente definitivas eram modificadas para melhor se adaptarem à peça como um todo.

Nunca é de mais lembrar que os exercícios de expressão vocal, de expressão corporal, técnicas de relaxamento, aquecimento, jogos de integração, improvisação teatral e escuta do grupo continuaram ativos durante os ensaios da obra a ser levada ao palco.

Na fase de ensaios corridos, deve-se ter em atenção pormenores como a voz, entoações, ritmo, tempo, posições, distâncias e formas, que são aspetos importantíssimos para qualidade de um trabalho de interpretação teatral.

Durante este processo de criação, por vezes é necessário interromper os ensaios, para corrigir, acertar e até alterar determinadas situações, visando uma melhor leitura. O trabalho de repetição sistemática das respetivas cenas ajuda a memorizar as falas e os movimentos cénicos.

Como afirma Peter Brook (1991, p. 81), *“é preciso repetir o texto muitas vezes, de maneira totalmente neutra, até que ele penetre em nós, que o seu entendimento se torne em absoluto pessoal e orgânico.”*

Este longo processo de ensaios corridos, orientados pelo professor, vai permitir que o jovem intérprete progrida gradualmente no seu desenvolvimento artístico.

3.3.3.3.2 – Ensaio com som

Na maioria dos espetáculos realizados no âmbito do Teatro-educação da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, o som sempre foi uma presença constante de enriquecimento artístico. Em muitos dos espetáculos de Teatro envolvemos os professores de educação musical, com os seus alunos, para assim podermos ter a presença musical executada ao vivo, enriquecendo as apresentações coletivas. Um exemplo concreto aconteceu no espetáculo de teatro de revista “30 anos a educar” (Foto n.º 12) onde fizemos uma retrospectiva histórica da nossa escola, através do Teatro, dança, música, malabarismo e imagem.



Foto n.º 12 – Professores e alunos no espetáculo “ 30 anos a educar”

3.3.3.3.3 – Ensaios com adereços

É de uma grande importância que o jovem intérprete tenha os adereços o mais cedo possível para que possa explorá-lo criativamente e tirar o máximo de partido do mesmo.

Assim procurámos fazer com que os adereços de ator fossem construídos o mais rapidamente possível, para passar a ser um objeto familiar ao seu utilizador. Desta forma o jovem intérprete habitua-se com o adereço, de modo a que este seja um componente integrante do personagem.

No início da montagem de cada espetáculo criámos logo uma equipa responsável pela lista de adereços e objetos de cena para o respetivo espetáculo. Era feito um levantamento dos materiais a serem usados na preparação dos adereços e muitas das vezes com ajuda de professores de educação visual e tecnológica iniciava-se a construção dos objetos. Os mesmos adereços eram usados em alguns ensaios e depois feitos os necessários acabamentos antes de serem apresentados em público.

3.4 – Atividades desenvolvidas extra sala de aula

Numa disciplina com uma componente prática muito presente, a sala de aula convencional não poderá ser o único espaço de aprendizagem. Assim realizámos imensas funções teatrais fora da sala de aula, mas sempre de forma a não prejudicar o normal funcionamento das outras atividades escolares. Um vão de escada, um corredor, um pátio, uma sala de convívio, são ótimos espaços para se poder trabalhar atividades teatrais. Assim tirámos proveito dos cenários naturais que já existem dentro e fora do edifício escolar.

“A maioria das escolas da rede pública, e muitas da rede particular também, ainda não possuem sala de artes, nem espaço físico para ensaios. A solução está em ir para fora da sala, usando o espaço da escola para os ensaios, de maneira a não atrapalhar tanto os outros professores e nem o bom andamento das outras atividades escolares.” (Souza, 2005, p. 95, mencionado por Rosseto, R. 2009, p. 146).

Uma atividade de Teatro realizada fora da sala de aula significa mais do que uma grande exposição, pois é, sobretudo para os sujeitos de aprendizagem, uma grande transformação pessoal e interpessoal.

3.4.1 – 7.º e 8.º anos

Desde o início do trabalho com os sujeitos de aprendizagem de 7.º ano de escolaridade que os habituámos a realizar algumas atividades teatrais, extra sala de aula. Esta iniciativa serviu também como uma forma de os alunos se irem familiarizando com a presença de outros observadores, além dos colegas de turma. Pois por vezes bastava realizar uma aula de jogos dramáticos no pátio da escola para notármos a inibição de alguns alunos, mas com o tempo e a continuidade destas apresentações no exterior da sala, foram vencendo estes constrangimentos que impediam o normal desenvolvimento da expressão.

A propósito das apresentações teatrais realizadas pelos sujeitos de aprendizagem de 7.º ano, fora da sala de aula, veja-se uma notícia do Diário de Notícias da Madeira – 27 de Fevereiro de 2004:



Este processo de presença do Teatro no espaço escolar aconteceu também com os sujeitos de aprendizagem do 8.º e 9.º anos de escolaridade.



Foto n.º 13 – Alunos de 7.º ano num exercício prático teatral

3.4.1.1 – Fruição de espetáculos teatrais

Tendo em conta que os alunos deste nível de ensino (7.º e 8.º anos) só frequentam a disciplina de Teatro durante um semestre, é imprescindível que se planeie pelo menos uma ida ao teatro. O aluno ao observar um espetáculo de Teatro está a reter muita informação útil para o seu crescimento pessoal, artístico e cultural, que temos vindo a defender nesta pesquisa. Logo no início do ano letivo, na elaboração da planificação anual da disciplina, incluímos momentos de apreciação estética, procurando contemplar diversos géneros de manifestação cultural.

O aluno deve ser estimulado a vivenciar, refletir e partilhar sentimentos e experiências teatrais, apresentando em grupo as suas descobertas, concordâncias e dúvidas, propiciando desta forma um crescimento não só pessoal, mas também do coletivo envolvido nesse processo.

O professor de Teatro tem um papel importantíssimo na seleção dos espetáculos que se adequam melhor aos seus alunos. De acordo com Barata (1979, p. 86), *“quando o aluno é obrigado a ir ver um espetáculo, porque os pais o obrigam, ou os professores o aconselham, a representação é para ele um verdadeiro suplício.”*

Na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, os alunos sempre tiveram a oportunidade de assistir a vários espetáculos teatrais ao longo do ano letivo. Houve a preocupação de oferecer espetáculos dos vários géneros teatrais, desde comédias, sátiras, musicais, tragédias. Assim os sujeitos de aprendizagem foram sensibilizados para o Teatro e estimulados a expor as suas ideias, a ouvir e a debater com os outros.

3.4.1.2 – Realização de pesquisas

Todos os trabalhos de pesquisa realizados pelos alunos foram apresentados à turma. Pelo facto de exporem oralmente o resultado da sua pesquisa, desinibiram-se cada vez mais e aperfeiçoaram a sua forma de expressão em público.

Alguns dos conteúdos abordados durante as aulas por vezes não foram muito aprofundados devido ao escasso tempo proporcionado para a disciplina. Assim foi solicitado aos alunos que pesquisassem mais profundamente alguns temas tratados e outros que descobrissem e achassem pertinentes. Desta forma os sujeitos de aprendizagem foram ao encontro do conhecimento, que foi sempre partilhado e discutido no seio do grupo.

3.4.1.3 – Apresentação prática de exercícios teatrais

“Fazer teatro é, por assim dizer, estudar teatro, é antes de tudo se conhecer, é uma oportunidade única de reflexão, de olhar para a própria existência.” (Marega, 2011, p. 286).

Tal como aconteceu com os sujeitos de aprendizagem do 7.º ano de escolaridade, os de 8.º ano também apresentaram extra sala de aula, trabalhos teatrais ao longo do semestre.

Procurámos envolver ativamente todos os sujeitos de aprendizagem nas apresentações práticas, pois *“o objetivo é o sucesso de todos e de cada um e não a revelação dos melhores.”* (Bezelga et al; 2002, p. 14).



Foto n.º 14 – Alunos intervindo no espetáculo de Teatro de revista “ 30 Anos a Educar”

3.4.2 – 9.º ano

Pela primeira vez os sujeitos de aprendizagem tiveram o Teatro como disciplina de educação artística, por opção, durante todo o ano letivo.

Ao longo do 9.º ano os alunos estiveram muito orientados para a montagem e apresentação de espetáculos teatrais, dirigidos ao público estudantil e comunidade local.

A experiência teatral no 9.º ano permitiu que os sujeitos de aprendizagem concebessem e integrassem todo o processo de criação de um espetáculo de Teatro. Assim experienciaram a

escrita dramática, os diversos ensaios, a confecção de adereços, de figurinos, de cenários e respectivas apresentações públicas. Com as atividades desenvolvidas extra sala de aula os alunos deram continuidade ao trabalho iniciado em contexto de sala de aula, como podemos ver já de seguida.

3.4.2.1 – Primeiro período

Tendo em conta que no segundo e terceiro período os sujeitos de aprendizagem de 9.º ano estavam envolvidos em apresentações práticas, optámos por levá-los a assistir de espetáculos teatrais logo no início do ano letivo. Ainda no decorrer deste primeiro período foram realizadas pesquisas, sendo algumas direcionadas para a criação dos adereços e figurinos dos espetáculos que estavam a ser montados.

Em relação à apresentação prática de exercícios teatrais, está foi realizada essencialmente nas atividades de animação de encerramento do período.

3.4.2.1.1 – Fruição de espetáculos teatrais

Evidentemente que todos os sujeitos de aprendizagem devem ver Teatro, discutir Teatro, como um excelente complemento para o seu desenvolvimento pessoal, artístico e cultural. Além de terem uma experiência de representação é imprescindível que assistam a diversos espetáculos teatrais, pois também aprendem imenso a observar os trabalhos artísticos de grupos de Teatro extra escola. Após cada ida ao Teatro é indispensável que se faça uma reflexão coletiva sobre o espetáculo visto, apresentando e debatendo as diferentes interpretações e conclusões de cada sujeito de aprendizagem.

Ao longo destes dez anos, os alunos de Teatro tiveram a oportunidade de assistir a vários espetáculos de Teatro infanto-juvenil no Teatro Municipal Baltazar Dias e no Centro Cultural John dos Passos.



Foto n.º 15 – Alunos esperando na plateia o começo de um espetáculo

3.4.2.1.2 – Realização de pesquisas

O conhecimento teatral também vai sendo construído pelo sujeito de aprendizagem a partir das informações que descobre em livros, revistas, jornais, enciclopédias, entrevistas e internet.

Assim, por norma, incentivámos os sujeitos de aprendizagem de 9.º ano a realizarem pesquisas relacionadas com diversos conteúdos teatrais; pois através das pesquisas o aluno tem a possibilidade de descobrir coisas novas e curiosidades sobre esta arte, aumentando o seu conhecimento cultural.

Todas as pesquisas feitas pelos alunos de Teatro só fazem sentido se forem apresentadas para toda turma e discutidas no seio do grupo. Alguns dos trabalhos foram mesmo aproveitados para serem colocados em exposições, que aconteceram na escola ao longo do ano letivo.

3.4.2.1.3 – Criação de objetos cenográficos simples

“Posso chegar a um espaço vazio qualquer e usá-lo como espaço de cena.”

Peter Brook (2008, p. 7)

A conceção de objetos cenográficos iniciava-se logo no primeiro período e perdurava até às estreias dos espetáculos finais do terceiro período; pois só podiam ser construídos de forma gradual consoante a disponibilidade dos alunos e professores envolvidos.

Dada à escassez de recursos financeiros disponibilizados pela escola para as despesas com a aquisição de materiais, tivemos mesmo que optar pela reutilização de alguns utensílios. Materiais diversos como cartão, plástico, madeira, ferro, cordas, tecidos, entre muitos outros, eram transformados em novos adereços pelas mãos dos alunos sob a orientação ativa do professor. Este processo de reutilização de materiais acabou também por ser uma forma de os sujeitos de aprendizagem apelarem à sua criatividade para a criação de adereços funcionais. À medida que íamos fazendo novas descobertas, leituras e encontrando o sentido da peça, os adereços por vezes tinham que ser reajustados pelo grupo responsável pela sua confeção.



Foto n.º 16 – Alunos e professora com adereços de um espetáculo de Teatro de animação de rua

3.4.2.1.4 – Criação de figurinos simples

Tal como no ponto anterior, também criámos para cada espetáculo um grupo de alunos com a responsabilidade dos figurinos. De forma rotativa ao longo do ano letivo todos os sujeitos de aprendizagem fizeram parte do grupo criador de figurinos.

Procurámos também que cada intérprete acompanhasse de perto a confeção do seu figurino. Assim o aluno pôde experimentar, sentir e habituar-se à vestimenta durante o processo de construção da sua personagem.

Houve sempre um grande cuidado com o guarda-roupa das personagens de forma a tornar os espetáculos plasticamente mais agradáveis, no seu todo.

O trabalho de confeção de figurinos teve muitas vezes a preciosa colaboração dos encarregados de educação; como prova os figurinos presentes na seguinte foto do espetáculo “*O Ganso de Ouro*” de Correia Alves, apresentado pelos alunos de 9.º ano de escolaridade, no Centro Cultural John dos Passos, no ano letivo 2011-2012.



Foto n.º 17 – Figurinos feitos por um encarregado de educação



Foto n. ° 18 – Saias feitas pelos alunos para o espetáculo "Intimidades"

3.4.2.1.5 – Apresentação prática de exercícios teatrais

Os alunos de 9.º ano, por terem uma carga horária mais ajustada para o Teatro em relação aos alunos de 7.º e 8.º anos e também pelo facto de a disciplina ser anual, conseguiram trabalhar mais afincadamente na preparação e apresentação prática de exercícios teatrais.

Assim, no decorrer do ano letivo foi uma constante a apresentação de trabalhos práticos coletivos fora da sala de aula. Desta forma, os sujeitos de aprendizagem além de contribuírem para a animação teatral do espaço escolar, ganharam uma maior desenvoltura e à vontade perante um público. O facto de se tratar de trabalhos de alunos que já frequentavam a disciplina de Teatro há três anos, motivou um grande adesão de outros alunos a assistir às apresentações.



Foto n.º 19 – Alunos de 9.º ano no espetáculo “ Gente Fina é Outra Coisa”

Costumamos dizer que o teatro acontece quando há um ator, que interpreta uma personagem, para um público que assiste. Se um destes componentes faltar, não há teatro. Todos os outros componentes são opcionais, de acordo com a conceção de espetáculo que pretendemos realizar. Realmente apostámos também nas outras componentes, essencialmente nos figurinos, adereços, luz e som, porque achámos importantes e criámos condições para o efeito.

3.4.2.2 – Segundo Período

O processo teórico-prático das aulas de Teatro em contexto de sala continuou ao longo do segundo período, mas houve também uma aposta clara nas atividades teatrais extra sala de aula. Esta aposta efetivou-se quer através da participação ativa de alguns alunos nos projetos teatrais do Núcleo de Teatro do Sol, quer na participação no Festival Regional de Teatro Escolar “ Carlos Varela. Devido à participação neste evento de Teatro-educação, os ensaios foram uma marca constante ao longo deste período.

Os restantes alunos não envolvidos na representação teatral participaram como público na fruição dos espetáculos de Teatro apresentados, quer no Centro Cultural John dos Passos, quer no ginásio da Escola Secundária Jaime Moniz.

Passámos seguidamente a conhecer as atividades desenvolvidas no âmbito do Núcleo de Teatro do Sol.

3.4.2.2.1 – Participação no Núcleo de Teatro do Sol

O Núcleo de Teatro do Sol foi fundado no ano letivo 2004-2005 como um espaço de enriquecimento extracurricular a partir do Teatro, para alunos, professores e auxiliares da ação educativa.

Assim, o Núcleo de Teatro do Sol proporcionou através da prática teatral um contributo de formação e desenvolvimento pessoal, artístico e cultural para todos os sujeitos de aprendizagem e comunidade envolvente.



Foto n.º 20 – Momento de representação teatral de uma funcionária e um professor

Embora houvesse sempre a participação de professores de outras áreas do saber e esporadicamente a participação de auxiliares da ação educativa nos projetos do Núcleo de Teatro, na realidade desde a sua formação que a maioria dos seus frequentadores recaiu no universo dos estudantes desde o 2.º ciclo ao 12.º ano de escolaridade. O facto de crianças com onze e doze anos (5.º e 6.º anos) integrarem o projeto do Núcleo de Teatro junto com colegas que já frequentavam a disciplina (7.º, 8.º e 9.º anos) e outros mais velhos (secundário) enriqueceu claramente a atividade teatral.



Foto n.º 21 – Espetáculo de Teatro de revista pelo Núcleo de Teatro do Sol, com intervenientes de várias idades

Tendo em conta que o principal objetivo do Núcleo de Teatro do Sol era conceber e apresentar espetáculos de cariz teatral, constatámos que os sujeitos de aprendizagem que se inscreveram e participaram nestas atividades de enriquecimento curricular demonstravam interesse pelo Teatro e gostavam de se expressar em público.

O facto de o Núcleo de Teatro conceber e apresentar espetáculos teatrais dos vários géneros, desde comédias, dramas, farsas, tragédias, performances, Teatro de sombras, fantoches e animação de rua, tornou o mesmo mais dinâmico dando diferentes oportunidades de

representação aos sujeitos de aprendizagem e uma resposta mais abrangente aos vários públicos de Teatro.



Foto n.º 22 – Professor de Teatro e alunos num espetáculo de Teatro de animação de rua

Foram realmente proporcionadas aos sujeitos de aprendizagem experiências teatrais significativas nomeadamente a possibilidade de viajar pelo mundo dos três principais tragediógrafos clássicos gregos.

Foi uma aposta do Núcleo de Teatro do Sol, a montagem de espetáculos teatrais a partir dos grandes clássicos da dramaturgia universal, nomeadamente tragédias gregas.

Assim, em 2006, apresentou-se “*Medeia*” de Eurípedes, em 2008, “*Rei Édipo*”, de Sófocles e em 2011, “*Prometeia Acorrentada*”, a partir da obra de Ésquilo.

Houve um bom impacto dos clássicos teatrais junto dos jovens estudantes, o que nos levou a fazer uma viagem de conhecimento e apresentação destas três tragédias gregas ao longo destes anos letivos.

Com os clássicos conseguimos realizar uma abordagem teatral atual, pois são temas que tocam a alma humana permitindo intervenções artísticas muito modernas.

Pavis (1980, p. 23) refere que “ *no existe una adaptación perfecta y definitiva de las obras del pasado.*” Mas de certa forma foi imprescindível proceder a uma dramaturgia dos próprios textos, para torná-los menos extensos, e mais facilmente compreendidos pelo público-alvo, que acarinhou muito bem estas representações.



Foto n.º 23 – Público na plateia do Auditório do Centro Cultural John dos Passos

A grande afluência do público, associada ao silêncio e à atenção com que assistiu a estes espetáculos em género de tragédia, constituem evidências de que os grandes temas do Teatro clássico funcionam claramente no âmbito do Teatro-educação.

Optámos por trabalhar estas tragédias teatrais porque acreditamos que, através de encenações e apresentações cuidadas, despertamos também nos sujeitos de aprendizagem o interesse por clássicos da literatura que contribuem para o seu desenvolvimento cultural.

No ano letivo de 2011-2012, o Núcleo de Teatro do Sol apresentou uma performance de poesia, denominada “*E a Obra Nasce...*” a partir de poemas de Fernando Pessoa. Um espetáculo que misturou palavra, canto, dança, vídeo e envolveu músicos, atores e bailarinos. Integrou ainda alunos desde o 5.º ano ao 12.º ano de escolaridade. Salientamos como curiosidade o facto de neste espetáculo entrar como intérprete de um verso um menino (ao

centro na foto n.º 24) que em 2007, ainda bebé, assistiu a um outro espetáculo do Núcleo de Teatro do Sol, na presença do pai (Anexo III no CD).



Foto n.º 24 – Intervenientes no espetáculo “E a Obra Nasce...” apresentado em 2012

No centro da foto anterior podemos ver ainda um sujeito de aprendizagem, Finlandês, que integrou o espetáculo interpretando uma pequena estrofe e que foi motivo de um grande aplauso em pleno espetáculo, por parte do público presente.

O Teatro-educação pode ser um excelente palco para promover a interculturalidade integrando alunos de outros países. No caso que mencionámos, contou-se com o apoio da docente de língua não materna.

São momentos como este que me embalam ainda mais para continuar a aperfeiçoar esta viagem pelo Teatro como disciplina de educação artística.



Foto n.º 25 – Entrada do espaço do Núcleo de Teatro do Sol



Foto n.º 26 – Interior do espaço onde se guardam materiais do Núcleo de Teatro do Sol

Aproveitamos para mencionarmos uma nota introdutória retirada do plano anual de atividades do Núcleo de Teatro do Sol, do ano letivo 2011-2012:

”O Núcleo de Teatro do Sol surgiu devido ao interesse de um grupo de alunos aprofundar os seus conhecimentos sobre o teatro, promovendo assim a cultura dentro e fora do espaço escolar. Assim os alunos que não têm a disciplina de teatro também poderão ter uma experiência educativa-cultural na área do teatro.

O Projeto do Núcleo Teatro do Sol não será somente uma ocupação de tempos livres para os participantes, mas também uma forma de promover a aprendizagem e o desenvolvimento ao nível da integração, expressão corporal e oral, criatividade e socialização.

Utilizar o Teatro aliado à educação, dá-se a oportunidade aos educandos de adquirirem um conhecimento diversificado e lúdico, existindo um clima de liberdade onde o aluno libera as suas potencialidades, expressando os seus sentimentos, emoções e sensações, pois será um meio de expressão para o aluno.

Uma das atividades com grande relevância do Núcleo de Teatro do Sol, será a organização do VI Encontro-te (Encontro de Teatro Escolar), apostando na abertura da escola à comunidade. Destaco ainda a participação no Festival Regional de Teatro Escolar – Carlos Varela, onde o Núcleo sempre recebeu boas distinções.”

3.4.2.2.2 – Participação no Festival Regional de Teatro Escolar “ Carlos Varela”

A participação no Festival Regional de Teatro Escolar “ Carlos Varela” foi sempre um dos momentos mais esperados pelos alunos de Teatro. Trata-se de um festival que se iniciou em 1993 e tem como principais objetivos¹⁹.

- *Promover a partilha de experiências entre grupos;*

¹⁹ Consultada em: <http://historialdofrtecv.wordpress.com/>

- *Divulgar o teatro junto das camadas mais jovens da população e da comunidade educativa;*
- *Educar os jovens para a fruição de espetáculos de teatro;*
- *Premiar simbolicamente o trabalho desenvolvido pelos grupos, seus coordenadores e alunos;*
- *Incentivar a educação pela arte.*

Para premiar simbolicamente os participantes no festival de Teatro são atribuídos prémios, menções honrosas e louvores. Atualmente os prémios são: Melhor Ator; Melhor Atriz; Melhor Encenação; Melhor Texto; Melhor Realização Plástica; Melhor Espetáculo (Prémio Carlos Varela).

O ginásio da Escola Jaime Moniz fica apinhado de alunos para assistirem aos espetáculos diários, que normalmente acontecem durante uma semana, no mês de Março.

Os alunos de Teatro da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol foram distinguidos em todas as participações que estiveram presentes no Festival Regional de Teatro Escolar “Carlos Varela”, conforme elencado em seguida:

2004 – *Auto da Índia* de Gil Vicente

Distinção:

- Louvor pela personagem criada

2005 – *Três Sketches*

Distinções:

- Dois Louvores de melhores atrizes secundárias
- Louvor de melhor ator secundário

2006 – *Nunca Nada de Ninguém* de Luísa Costa Gomes

Distinções:

- Louvor de melhor atriz secundária

- Louvor de melhor ator secundário
- Menção Honrosa pela abordagem temática de valores
- Melhor encenação

2008 – *Medeia* de Eurípedes

Distinções:

- Melhor espetáculo
- Melhor atriz
- Melhor ator



Foto n.º 27 – Momento de representação do espetáculo “*Medeia*” de Eurípedes



Foto n.º 28 – Alunos aplaudindo no final do espetáculo

Nesta foto podemos ver dois alunos de 5.º ano de escolaridade que integraram o espetáculo “*Medeia*” e que vieram a optar pela disciplina de teatro no 3º ciclo.



Foto n.º 29 – Aluna com o prémio de melhor atriz no Festival de Teatro



Foto n.º 30 – Aluno com o prémio de melhor ator no Festival de Teatro

2009 – *As Barbas de sua Senhoria* de Teresa Rita Lopes

Distinção:

- Louvor de melhor atriz secundária.

2010 – *Rei Édipo* de Sófocles

Distinções:

- Melhor encenação
- Melhor ator
- Louvor como intérprete
- Louvor como intérprete



Foto n.º 31 – Momento do espetáculo “Rei Édipo”

Abaixo colocamos uma nota retirada do programa do espetáculo “Rei Édipo”:

“Com a participação de alunos do 2.º e 3.º Ciclos e do Ensino Secundário da nossa escola, lançamo-nos nesta obra escrita por Sófocles, por volta de 427 a.C., a qual foi considerada por Aristóteles “o mais perfeito exemplo de tragédia”. Em “Rei Édipo” vemos a ascensão e a queda dos vitoriosos e sentimos a incerteza da vida. Um clássico agressivo, bonito e doloroso. Apostamos nesta obra, porque é com textos inteligentes como este, que aprendemos e crescemos.”

2011 – “Prometeia Acorrentada” a partir de Ésquilo

Distinções:

- Melhor atriz
- Melhor realização plástica

Vejamos o cartaz e o texto escrito para o Programa do espetáculo “Prometeia Acorrentada”:



Cartaz do espetáculo “ Prometeia Acorrentada”²⁰

“ Prometeia Acorrentada – Previsão de uma abordagem cénica

Porque não reinventar constantemente o sentido da tragédia? Aparecendo novas leituras... Novos conceitos, sem romper totalmente com o passado.

Testar como a tragédia grega pode ainda ser assimilada por um público jovem.

A renovação do teatro contemporâneo deve passar também por um retorno à tragédia grega. Pois este género dramático é visto como o berço do teatro.

A tragédia reafirma-se como uma fonte de renovação cénica, na medida em que o trágico aparece como uma força inesgotável de sentimentos...

Com esta abordagem cénica de “Prometeia Acorrentada”, prevê-se também diminuir a distância cultural e histórica entre um texto antigo e a sociedade atual.

O universo trágico exige espaços de tensão.... E a tensão tem andado com todos desde a escolha deste texto como base do nosso projeto de performance artística. Tensão como sinal de grande responsabilidade que é o teatro na educação artística.²¹

²⁰ Cartaz do espetáculo “ Prometeia Acorrentada” a partir de Sófocles apresentado no XIX Festival Regional de Teatro Escolar “ Carlos Varela”, em 2011.

²¹ Programa do espetáculo “ Prometeia Acorrentada”, apresentado no dia 18 de Março de 2011 no Festival Regional de Teatro Escolar “ Carlos Varela.

3.4.2.3 – Terceiro Período

A atividade teatral implica claramente a ação e o último período de cada ano letivo foi sempre o mais ativo, no sentido de apresentações práticas para diversos públicos. Desde o público estudantil à comunidade em geral, plateias diversificadas tiveram a oportunidade de usufruir de vários espetáculos teatrais. E o facto de os sujeitos de aprendizagem atuarem para diferentes plateias tornou a experiência mais enriquecedora. No tocante às apresentações os sujeitos de aprendizagem ainda tiveram a possibilidade de mostrar os seus trabalhos teatrais no Encontro-Te.

O trabalho teatral é uma tarefa onde o coletivo parte sempre para o mesmo objetivo.

Segundo Spolin (2001, p. 8, mencionado por Costa, 2005, p. 82):

“ O teatro é um atividade artística que exige talento e energia de muitas pessoas. Desde a primeira ideia de uma peça até o último eco de aplauso (...) O aluno-ator deve aprender que “como atuar”, assim como no jogo está intrinsecamente ligado a todas as outras pessoas na complexidade da forma de arte. (...) é a partir do acordo e da atuação em grupo que emerge o material para as cenas e peças.”

3.4.2.3.1 – Ensaio técnico

Os ensaios técnicos de luz e som são duas componentes que contribuem para um melhor espetáculo teatral. E o facto de o auditório do Centro Cultural John dos Passos ter ótimas condições para a montagem de iluminação foi aproveitado como uma mais-valia para os nossos espetáculos.

O ensaio técnico de iluminação foi uma atividade que sempre fez parte do processo de montagem e correção de efeitos dos espetáculos de Teatro levados ao palco pela nossa escola.

Estes ensaios só fazem sentido acontecerem no próprio local da apresentação e para que se atinja os objetivos principais, como a sincronia dos efeitos com o espetáculo e correção minuciosa da luz, é de extrema importância a participação de todos os envolvidos, para que cada um tenha noção das zonas iluminadas.

A afinação das luzes (que consiste no trabalho realizado depois de dispostos os projetores e respetivo cenário, afinando-os, ligando-os e dando-lhes o ângulo adequado à iluminação pretendida) sempre foi realizada com a presença dos sujeitos de aprendizagem.

Para cada espetáculo foi realizado um desenho de luz (anexo III no CD) com a respetiva planta que mostra a disposição de todos os projetores, a sua orientação e a zona que iluminam na cena.

Durante este ensaio, o professor responsável pelo trabalho teatral deve colocar-se no centro da plateia corrigindo os efeitos e as mudanças de luz necessárias. Após todas as mudanças serem detalhadamente efetuadas, passamos a peça toda num ensaio corrido, ou seja, sem pausas.

Nos espetáculos mais elaborados tivemos sempre presente na montagem e operação de luz, um técnico profissional nesta área, com o apoio financeiro disponibilizado pela Câmara Municipal da Ponta do Sol.

Cabral (2004, p. 148), refere que:

“Para que o teatro aconteça basta que um ator se produza perante um público. Não é contudo sob esta forma despojada que o espetáculo habitualmente se apresenta. Para torna-lo mais atrativo, e a fim de enriquecer a prestação do ator, várias pessoas contribuem com a sua arte e o seu saber. Pessoas que dominam técnicas específicas – e imprescindíveis – da preparação e exibição dum espetáculo teatral.”

Consideramos este processo de montagem e afinação extremamente importante para um bom desempenho do ensaio geral.

3.4.2.3.2 – Ensaio Geral

Após todas as afinações técnicas e artísticas é chegada a hora do ensaio geral. Foi notório que nestes momentos a ansiedade era cada vez maior, com os nervos à flor da pele, como sinal do sentido da responsabilidade em expressar-se através do Teatro.

Os ensaios gerais normalmente aconteceram sempre no dia anterior à estreia e optou-se por realizar os mesmos na parte da noite; por uma questão de maior disponibilidade de todos os elementos, incluindo os técnicos. Assim, depois das aulas, muitas vezes o ensaio geral foi pela noite dentro, para que tudo pudesse correr bem na grande estreia. Só com esta entrega e

predisposição de todos, é que se conseguiu levar à cena tantos espetáculos para grande entusiasmo dos sujeitos de aprendizagem e respetivo público.

3.4.2.3.3 – Apresentações públicas

“A base do trabalho artesanal do sapateiro consiste em fazer sapatos que andem, a base do trabalho artesanal do teatro consiste em produzir com o público, a partir de elementos muito concretos, uma relação que ande.” (Brook, 1991, p. 70).

Representar em cena exige realmente muito trabalho e muito tempo, mas é de uma grande importância que os sujeitos de aprendizagem passem por todo o processo de montagem de um espetáculo de Teatro, que reconheçam e experimentem os desempenhos das várias equipas envolvidas na construção do evento: *“a equipa artística, a equipa técnica e a equipa de produção.”* (Borges, 2001, p. 3).

A vivência de novas emoções, sentimentos e situações através das personagens interpretadas pelo estudante como intérprete contribui para o seu processo de formação integral, na medida em que para transmitir a mensagem do texto dramático, o sujeito de aprendizagem passa por uma riquíssima e vasta experiência de construção e descoberta pessoal, artística e cultural.

No dia das estreias foi sempre um hábito a presença do professor junto dos sujeitos de aprendizagem, antes da abertura do pano de boca de cena. Por detrás do pano, nos minutos antes de iniciar-se a representação, fizemos uma concentração de mãos dadas em círculo, passando por todos uma energia positiva que de certa forma se refletia num melhor desempenho coletivo.



Foto n.º 32 – Alunos de 9.º ano representando o “Auto da Índia” de Gil Vicente

Seguidamente, focámo-nos no Encontro-Te (Encontro de Teatro Escolar), que se revelou num dos pertinentes eventos que envolveram ativamente os sujeitos de aprendizagem.

3.4.2.3.3.1 – Apresentação no Encontro-te (Encontro de Teatro Escolar)

Como professor de Teatro, sempre gostei de agarrar novos desafios e estar envolvido em atividades e projetos teatrais que tiravam a escola da rotina e ajudavam os sujeitos de aprendizagem a crescer e a valorizar-se a partir desta arte.

Sou um sonhador e sei que também transmito isso aos meus alunos. Um dos meus sonhos que se juntou ao sonho dos alunos e que passou a ser um sonho coletivo tornando-se realidade, aconteceu no ano letivo 2005-2006, com a criação do Encontro-Te (Encontro de Teatro do Escolar).

Tratou-se de uma iniciativa do Núcleo de Teatro do Sol que tinha como objetivos:

- Promover, difundir e divulgar as manifestações artístico-culturais, como bens sociais indispensáveis na formação integral da pessoa humana a partir da

valorização da escola como espaço pedagógico de produção de cultura e de conhecimentos;

- Estimular a criação de grupos de Teatro na escola e fortalecer os grupos já existentes, promovendo a interação com alunos, docentes e artistas que já acumulam experiências cénicas.

Assim, durante três dias intensos, recebemos grupos de Teatro escolar da Região Autónoma da Madeira. Com espetáculos a acontecer de manhã, tarde e noite, no Centro Cultural John dos Passos, oferecemos arte teatral a todos os públicos interessados.



Foto n.º 33 – Aluno a preparar a apresentação do Encontro-Te

O Encontro-Te teve a particularidade de contar sempre com o apoio incondicional do Centro Cultural John dos Passos, que soube acolher da melhor forma todos os projetos de Teatro-educação, criados pelos alunos dos vários grupos de Teatro das escolas da Região Autónoma da Madeira e apresentados no auditório. A Câmara Municipal da Ponta do Sol apoiou-nos não só financeiramente, mas também no transporte de alunos intérpretes e das crianças de outras escolas do concelho da Ponta do Sol, que vieram assistir aos espetáculos teatrais.

Veja-se, a propósito do Encontro-Te as seguintes notícias publicadas no Jornal da Madeira:

30 — CULTURA Jornal da Madeira

Teatro escolar

na Ponta do Sol



O evento deste ano conta com seis grupos de teatro escolar, incluindo o Núcleo de Teatro do Sol. Todos os espetáculos teatrais têm entrada gratuita e acontecerão no Centro Cultural John dos Passos.

Dando continuidade a um projeto teatro na educação iniciado há seis anos, o Núcleo de Teatro do Sol, da Escola Básica e Secundária de Ponta do Sol, vai organizar a sexta edição do ENCONTRO-TE (Encontro de Teatro do Escolar), esta semana, dias 02, 03 e 04 de maio.

O ENCONTRO-TE tem como objetivo geral, promover, difundir e divulgar as manifestações de teatro na educação, como bens sociais indispensáveis na formação integral da pessoa humana a partir da valorização da escola como espaço pedagógico de produção de cultura e de conhecimentos. E ainda estimular a criação de grupos de teatro na escola e fortalecer os grupos já existentes, promovendo a interação com

alunos, docentes e artistas que já acumulam experiências cênicas. O evento deste ano conta com seis grupos de teatro escolar, incluindo o Núcleo de Teatro do Sol, que vai apresentar no dia 04 de maio pelas 20h00, uma performance de poesia, a partir de poemas de Fernando Pessoa, com direção artística a cargo de Zé Abreu.



jm. cultura Terça-feira, 13 Abril 2010

Ponta do Sol acolhe encontro de teatro

Começa amanhã, a partir das 15h15, no Centro Cultural John dos Passos, a terceira edição do "Encontro-te" - Encontro de Teatro Escolar. Cinco escolas vão mostrar os respectivos grupos de teatro, num evento que tem por objectivo dinamizar as artes de representação no meio escolar.

Texto: Lúcia M. Silva Foto: DR

O Núcleo de Teatro do Sol, da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, vai levar a efeito, a partir de amanhã e até à próxima sexta-feira, a terceira edição do "Encontro-te" (Encontro de Teatro Escolar). Este evento, que tem como objectivo principal, «promover, difundir e divulgar as manifestações artístico-culturais, como bens sociais indispensáveis na formação integral da pessoa humana a partir da valorização da escola como espaço pedagógico de produção de cultura e de conhecimentos», vai levar ao palco do Centro Cultural John dos Passos várias peças, protagonizadas pelos grupos de teatro escolar convidados a participar na edição deste ano. Assim sendo, e a abrir este evento

(às 15h15) actuará o grupo de teatro da Escola da Apel com a peça "Cameleão é Bicho?". Na quinta-feira, à mesma hora, será a vez da Escola Básica e Secundária da Calheta, através do Núcleo de Teatro Musical apresentar o "Auto da Barca do Inferno" de Gil Vicente. Na sexta-feira, último dia do encontro, será apresentada, às 10h15, a peça "O Mundo Começou às 5 e 47" da autoria de Luís Francisco Rebelo, pelos alunos do Curso Profissional de Artes do Espectáculo-Interpretação, sendo que às 15h15 será a vez da Escola Secundária Francisco Franco levar à cena "Quebra o Silêncio!". Às 20h30, o Núcleo de Teatro do Sol encerrará o encontro com a peça "Rei Édipo a partir de Sófocles".




Foto n.º 34 – Vereador do pelouro da cultura da Câmara Municipal a entregar um troféu no Encontro-Te.

E finalmente a grande adesão de público que assistiu entusiasticamente aos espetáculos.



Foto n.º 35 – Público estudantil a assistir a um espetáculo do Grupo “ O Moniz” no Encontro-Te.

Não se tratou de um encontro de Teatro somente para a comunidade escolar, mas sim de uma envolvência com toda a comunidade educativa, realçando-se assim *“a importância de uma articulação com as comunidades locais, assumindo que a ação educativa só tem sentido em espaços que valorizem a cultura e as aprendizagens.”* (Nóvoa, A. Mencionado em Martins,1998, p. 23).

O Encontro-Te não fazia distinções individuais, mas em cada edição entregava sempre um troféu de participação a cada grupo. É de realçar que em cada edição do “Encontro-Te” foi criado um troféu original, pelo grupo de educação visual.

Para melhor compreendermos as dinâmicas de trabalho no Encontro-Te, segue-se imagens fotográficas de alguns momentos:



Foto n.º 36 – Troféus da 4.ª edição do Encontro-Te realizado em 2009



Foto n.º 37 – A alegria de alunos do Grupo “O Moniz” mostrando o troféu de participação no Encontro-Te



Foto n.º 38 – Momento de entrega de um troféu pelo professor de Teatro a um aluno



Foto n.º 39 – Aluno e professor de educação visual responsável pela plástica dos espetáculos



Foto n.º 40 – O coordenador de Teatro da Divisão Regional de Educação Artística e Multimédia (Miguel Vieira) com a Ex-Presidente do Conselho Executivo (Gabriela Relva)



Foto n.º 41 – Professor de Teatro discursando no encerramento do Encontro-Te em 2008



Foto n.º 42 – Momento do espetáculo “Medeia” de Eurípedes



Foto n.º 43 – Outro momento do espetáculo “Medeia” de Eurípedes

3.4.2.3.3.2 – Apresentação para a comunidade estudantil

O jovem intérprete ao atuar está a observar e a ser observado; pois o palco é o verdadeiro espaço da ação. Nesta linha de pensamento, afirma Martins (1998, p. 263) que “ (...) o lugar do palco, que é também, neste caso o lugar da ação, (...) o lugar de eleição onde se diz, onde se atua. “

Todos os espetáculos realizados no âmbito da disciplina de Teatro foram também apresentados durante o dia, com sessões dirigidas aos estudantes da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, visto que nem todos tinham a oportunidade assistir ao espetáculo da noite, por razões de distância e de transporte. Desta forma todos os estudantes tiveram a oportunidade de assistir aos espetáculos de Teatro apresentados pelos colegas. Notou-se claramente o interesse dos professores em levar as suas turmas, desde o 5.º ano ao 12.º ano de escolaridade, até ao auditório do Centro Cultural John dos Passos, para assistirem aos espetáculos teatrais. Assim os alunos de 2.º ciclo foram sendo sensibilizados para o Teatro a partir da fruição do espetáculos teatrais realizados pelos colegas de 3.º ciclo e pelo Núcleo de Teatro do Sol. Este hábito de ir ao Teatro também influenciou em muitos casos a opção pela disciplina de Teatro, no 7.º ano.

No final dos espetáculos, tornou-se um hábito ainda dentro do auditório e estendendo-se até ao hall de entrada, criadores e intérpretes conversarem informalmente com o público sobre as suas opções artísticas e obviamente sobre as inquietações e os processos do espetáculo.



Foto n.º 44 – Alunos assistindo a um espetáculo de Teatro no Centro Cultural John do Passos

3.4.2.3.3 – Apresentação para a comunidade em geral

“Um povo que não ajuda e não fomenta o seu teatro, se não está morto, está moribundo.”

Frederico Garcia Lorca

Como afirma Carlos Fragateiro *“é o teatro uma das linguagens estratégicas para criar espaços multidisciplinares e de projeto no interior das escolas, para criar pontes entre a escola e as comunidades (...)”* (Mencionado na APROTED).

Com o Teatro-educação desenvolvemos atividades que aproximaram a comunidade da escola e estabelecemos parcerias com pessoas e instituições que ajudaram a escola a desempenhar melhor o seu papel.

O Teatro é um espaço privilegiado para estabelecer a ligação entre a escola e a comunidade. A este propósito Lopes (1999, p. 19), afirma que:

“a escola, enquanto entidade produtora de cultura, deve ser capaz de se abrir à comunidade, para através deste intercâmbio, criar condições para a divulgação de projetos artísticos e culturais e, simultaneamente, ganhar com o enriquecimento que a inserção no meio lhe propicia.”



Foto n.º 45 – Comunidade em geral a assistir um espetáculo de Teatro

Na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, o Teatro durante este dez anos letivos foi um ponto de partida para união da escola à comunidade e coletividades, em vários projetos artísticos e culturais, nomeadamente através dos espetáculos realizados no Centro Cultural John do Passos, da organização do Encontro-Te e da animação de eventos organizados pela Câmara Municipal da Ponta do Sol.

Também segundo António Nóvoa, (Mencionado por Lopes,1999, p. 19):

“ (...) as atividades dramáticas e o teatro não podem deixar de constituir uma das peças centrais nos projetos dos estabelecimentos de ensino e na dinâmica de inter-relação entre a escola e a comunidade. (...) O desenvolvimento de projetos culturais e pedagógicos, a partir das atividades artísticas, a celebração de protocolos entre as escolas e as autarquias e/ou as coletividades para a dinamização artística e cultural, o acordo entre as várias escolas e instituições para o lançamento de centros artísticos: eis algumas propostas a que uma pedagogia preocupada com o clima da escola ou com a cultura interna da organização escolar não pode deixar de ser insensível.”

A presença do público nos espetáculos de Teatro-educação, enquanto observadores e avaliadores, é de uma grande importância para a motivação e evolução dos alunos que estão a representar. Não se concebe um espetáculo de Teatro sem público. Os espetadores fazem parte da própria natureza da arte dramática.

Como refere (Spolin, 2005, p. 11, mencionado por Rosseto, 2009, p. 140):

“A plateia é o membro mais reverenciado do teatro. Sem plateia não há teatro. Cada técnica aprendida pelo ator, cada cortina e plataforma no palco, cada análise feita cuidadosamente pelo diretor, cada cena coordenada é para o deleite da plateia. Eles são nossos convidados, nossos avaliadores e o último elemento na roda que pode então começar a girar. Ela dá significado ao espetáculo.”

Foi sempre uma constante a apresentação de espetáculos teatrais dirigidos à comunidade em geral, até em conformidade com o projeto educativo de escola que apela para divulgação dos projetos e realizações da escola.

E como afirma Martins (1998, p. 107), *“as escolas, ao procurarem relacionar-se e intensificar os elos de ligação com a sociedade envolvente, procuram gerir os seus objetivos e a sua orientação correspondendo às expectativas do meio onde se inserem.”*

3.5 – Produção e apresentação pública de peças teatrais

“Nunca se está só no teatro. As mensagens enviadas da cena repercutem-se sobre os demais espetadores”

Barata (1979, p. 63)

“O contato com a linguagem teatral ajuda crianças e adolescentes a perder continuamente a timidez, a desenvolver e priorizar a noção do trabalho em grupo, a se sair bem de situações onde é exigido o improviso e a se interessar mais por textos e autores variados.” (Cardozo, Lopes & Giacomelli, (s/d), p. 5).

Nas apresentações dos espetáculos de Teatro-educação ao longo destes dez anos (ver registros fotográficos, cartazes e notícias de imprensa no anexo III em CD), notámos claramente uma crescente adesão de público. Além dos familiares próximos outras pessoas da comunidade assistiam em grande número aos espetáculos. Criou-se de certa forma ao longo destes anos, um público interessado que aplaudiu as representações teatrais dos estudantes. Foi marcante o apoio incondicional da parte dos seus familiares, que além de assistirem, permaneciam no auditório após o término do espetáculo, onde se criaram conversas pertinentes sobre os processos de trabalho do espetáculo. É desta forma que acreditamos que *“o teatro só existe pela presença simultânea do ator e do espetador.”* (Barbosa, 1982, p. 81).

Ao fim destes dez anos de experiências no universo do Teatro-educação, continuamos a crer que *“a criação teatral na escola é, pois, um espaço de disponibilidade, de exploração, de fantasia, de olhar atento às realidades, de comunicação feita prazer e aprendizagem.”* (Lopes, 1999, p. 31).

Resumo do Capítulo

Neste capítulo apresentamos as principais atividades dramáticas desenvolvidas dentro e fora de sala de aula. Constatamos que o projeto da disciplina de Teatro na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, durante estes dez anos letivos, teve um crescimento e uma dinâmica bem presente. Houve também uma aposta clara na apresentação de atividades teatrais no exterior para o público em geral, como prova da importância do Teatro na abertura da escola à comunidade.

Creemos que a apresentação destas experiências enriquece a nossa pesquisa, pois viajamos relembrando e registrando as diferentes atividades e programas implementados.

Notamos que o Teatro foi uma ação permanente dentro e fora da escola ao longo de todo o ano letivo e não somente nos finais de período, contribuindo desta forma para o desenvolvimento pessoal, artístico e cultural de todos os envolvidos.

No próximo capítulo faremos uma retroação e avaliação sobre o projeto de Teatro, a partir dos depoimentos dos entrevistados.

Capítulo IV – RETROAÇÃO E AVALIAÇÃO SOBRE O PROJETO

“A questão agora não é mais: devemos ensinar? A questão agora é: como devemos ensinar e aprender?”

Bertolt Brecht

Introdução

Após a apresentação da forma como implementámos o projeto de Teatro na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, é chegada a altura de fazermos uma retroação e respetiva avaliação do mesmo, tendo por base os depoimentos dos sujeitos de aprendizagem, dos encarregados de educação, da ex-presidente do conselho executivo, da presidente da comissão e do técnico responsável pelo Auditório do Centro Cultural John dos Passos.

De acordo com Martins (2002, p. 185) “*genericamente, à ação de incidir sobre factos passados dá-se o nome de retroação.*” Assim, farei com que outros reflitam e avaliem comigo relativamente ao significado do Teatro na nossa escola.

4.1 – Retroação e Avaliação dos Sujeitos de Aprendizagem

Em conformidade com os instrumentos de recolha de dados que mencionámos no primeiro capítulo desta pesquisa, optamos por fazer as entrevistas individuais a três alunos que frequentaram a disciplina de Teatro nos anos letivos 2003-2005, a três alunos que frequentaram o Teatro nos anos letivos 2006-2009 e a um grupo de três alunos que frequentaram a disciplina entre 2010-2012. Além destas entrevistas individuais, achamos pertinente realizar duas entrevistas de grupos: um com quatro alunos que frequentaram a disciplina entre 2003-2006 e outro grupo também com quatro alunos que frequentaram o Teatro entre 2007-2012.

Salientamos que alguns dos alunos entrevistados seguiram os seus estudos na área teatral, inclusive dois ex-alunos são atualmente professores de Teatro, mas obviamente que foram entrevistados não por esse critério, mas por uma questão de inteira disponibilidade.

Assim passamos de seguida a conhecer a partir dos sujeitos de aprendizagem qual o significado atribuído ao Teatro.

4.1.1 – Significado da disciplina de Teatro

Verificamos que o Teatro como disciplina de educação artística teve um significado relevante no desenvolvimento integral dos sujeitos de aprendizagem, até pela forma alegre com que recordam e avaliam as experiências que vivenciaram.

Para Rubem Alves:

“ (...) os técnicos em educação desenvolveram métodos de avaliar a aprendizagem e, baseados em seus resultados, classificam os alunos. Mas ninguém jamais pensou em avaliar a alegria dos estudantes – mesmo porque não há métodos objetivos para tal. Porque a alegria é uma condição interior, uma experiência de riqueza e liberdade de pensamentos e sentimentos. A educação, fascinada pelo conhecimento do mundo, esqueceu-se de que sua vocação é despertar o potencial único e adormecido em cada estudante.” (Mencionado por Santana, 2010, p. 21).

Os alunos têm a noção de que o Teatro significou para eles um aperfeiçoamento da sua forma de comunicar, sentir e compreender o mundo, tal como a Lorraine refere:

“Teatro para mim é ultrapassar as barreiras da comunicação... Teatro é a possibilidade de ver, sentir e compreender o mundo de outra forma... O teatro é uma arte de observação, imitação e superação.”

Mas, também segundo os sujeitos de aprendizagem, o Teatro significou um contributo no desenvolvimento da pessoa a partir do envolvimento nas diversas atividades propostas, pois *“o teatro é capaz de envolver de tal forma uma pessoa que acaba por desenvolvê-la.”*

Na sua grande maioria, os sujeitos envolvidos veem o Teatro como uma arte que os ajudou na sua educação, como ilustram as seguintes afirmações: *“O teatro foi espetacular. Teatro é uma arte... liberta as nossas emoções... podemos mostrar-nos ao mundo... é poder sonhar mais alto, é saber que nada é impossível e que conseguimos aquilo que desejamos (...).”*

A atividade teatral fê-los perceber que têm capacidades que muitas vezes desconhecem, ou que nunca tiveram a oportunidade de experimentar. Acerca disto o Xavier assinala: *“O teatro faz-nos perceber que temos capacidades... contribui para o crescimento da cabecinha... o teatro mostra-lhes isso... que temos mais capacidades do que pensamos ter... O teatro é bom.”* Referindo-se ainda ao significado do Teatro acrescenta: *“o melhor foi eu ficar sensível*

ao que é o teatro... perceber o que é o teatro como arte... ganhar um gosto para ir ver teatro.”

Durante o período que lecionei as aulas de Teatro, notei que muitos alunos tinham grandes receios em aproximar-se demasiado dos colegas, quer nos exercícios que exigiam contacto físico ou mesmo verbal no decorrer das contracenas. Alguns tiveram mesmo muita dificuldade em superar este embaraço e outros com o tempo e exercícios práticos constantes foram ultrapassando estes medos.

Um entrevistado afirmou que as aulas de Teatro foram *“experiências marcantes que exigiam a interação entre nós alunos e permitiam que nos conhecêssemos melhor como grupo e indivíduos. Outro aluno realçou que “os testes de confiança bem como as improvisações teatrais sem dúvidas marcaram muitos de nós. Foram experiências muito boas porque deu para crescermos como pessoa.”* Uma aluna constata que as atividades teatrais *“serviram para me soltar mais; experimentar novas coisas e me deixar levar pelos desafios que pudessem surgir sem receios.”*

Ainda acerca das experiências que marcaram os sujeitos de aprendizagem, o Xavier refere: *“Eu era uma pessoa muito tímida no 7.º ano e para as pessoas que são fechadas abrir-se é muito complicado... Levei muito tempo a deixar-me envolver.... No 7.º ano tive receio em envolver-me... não consegui envolver-me como seria necessário...”* Este aluno reconhece a dificuldade que sentiu em se integrar nas atividades teatrais. Parece-nos pertinente mencionar que este aluno acabou por seguir os estudos na área do Teatro.

Uma aluna focou que uma das experiências mais marcantes do Teatro foram *“os temas que tínhamos para desenvolver pelas improvisações, libertava-nos...”* e acrescentou ainda que *“gostávamos muito do dia que tínhamos a disciplina de teatro... eramos sempre pontuais.”* Realmente a grande maioria dos sujeitos de aprendizagem eram pontuais, o que ajudou no normal funcionamento das aulas.

Procurámos também saber junto dos sujeitos de aprendizagem quais os motivos que os levaram a optar pelo Teatro como disciplina de educação artística; a grande maioria respondeu que foi o querer experimentar outra arte. Na verdade, o facto de se tratar de uma disciplina nova na escola despertou a curiosidade dos alunos.

Como confessa a Lorraine: *“escolhi teatro porque queria experimentar uma arte que me fizesse falar em público”*. A Regina acrescenta o seguinte: *“tive curiosidade de perceber tudo o que estava à volta desse mundo”*, mas por outro lado a Laura contrapôs que *“não tinha escolhido teatro e que não queria teatro pois queria dança e a escola não abriu a opção.”* Logo de seguida esta aluna acrescentou: *“O professor ouviu-me e depois respondeu, tenho a certeza que vais gostar. E na verdade eu não gostei, eu adorei todas as aulas de teatro.”* Atualmente esta aluna encontra-se a frequentar uma licenciatura em Animação Sociocultural.

Em relação à opção artística, a Maria afirma que escolheu Teatro:

“Porque fui ver as peças do núcleo de teatro e como gostei escolhi, por ser algo que eu gostava de ver. As pessoas por vezes escolhem algo que já conhecem e no caso do teatro foi mesmo por ser diferente. Por ser uma coisa diferente... já tínhamos música desde o 1.º ciclo (...)”

O facto de este ano letivo o teatro já não fazer parte do currículo de 9.º ano, como anteriormente mencionámos, não passou despercebido a esta aluna: *“se tivesse teatro este ano, no 9.º ano, tinha optado.”*

No que toca ao significado do Teatro na animação escolar a Lorraine diz que *“nos dias festivos da escola as peças de teatro estão entre as animações mais aguardadas pelos alunos.”*

A Maria acrescenta *“que quando havia uma peça todos queriam ir ver, alunos, professores, funcionários.”*

Outro aluno afirmou que *“o teatro dá vida. Que é refúgio de problemas. Onde eu fui buscar muita força para enfrentar todos os “problemas” e “questões” próprias da adolescência.”* E acrescentou ainda que o teatro *“desenvolve uma interação entre toda a comunidade escolar.”*

Ao longo destes dez anos de Teatro escolar muitas foram as peças de Teatro que *“envolveram alunos, funcionários, professores e professores da direção.”* As peças de Teatro *“entretinham as pessoas faziam-nas rir com as nossas representações.”*

Um aluno realça que:

“É bom crescer a fazer peças de teatro na escola... fazendo sketches, e peças de natal... é bonito apresentar para as outras turmas, colegas mais velhos, professores, funcionários... é bonito essa partilha... Preparamos algo para oferecer e é bom para quem recebe e é bom para quem dá. Por isso acho muito importante fazer essas atividades.”

Nota-se a partir destas reflexões que o Teatro foi uma etapa marcante e com significado relevante no percurso educativo dos sujeitos de aprendizagem, que recordam com alegria vários momentos vividos na escola.

Como professor de Teatro que quero continuar a ser, procurarei envolver-me mais com os alunos que são mais resistentes a aceitar a disciplina porque como afirma o Xavier: *“o professor não consegue chegar aos alunos sem que os alunos deixem que ele chegue (...)”*

4.1.2 – Significado da participação no Teatro

Os sujeitos de aprendizagem relatam que deram realmente uma grande importância à participação no Teatro e referiram como uma mais-valia terem experienciado com as atividades do Núcleo de Teatro do Sol. *“O núcleo de teatro e a disciplina interligaram-se e isso foi muito bom.”* A Maria salienta que *“íamos tão orgulhosos para o Centro Cultural fazer os espetáculos...”* e *“participei com gosto em muita ação teatral, ação que inicialmente que me fez sentir muito nervosa, com timidez por falar em público”*.

Um projeto de Teatro-educação exige a cooperação de outros docentes, como menciona uma aluna que *“o professor de educação visual ajudava nas roupas e o professor de música no som.”*

Mas para que o sujeito de aprendizagem possa tirar o máximo de partido de uma disciplina artística como o Teatro, é fundamental a participação dos encarregados de educação. E notámos essa importância dada ao teatro por parte dos pais, como refere a Sara, *“os pais atribuíram importância porque iam ver os espetáculos e ficavam orgulhosos.”* Ou ainda outro depoimento de uma aluna que diz que *“na semana do Encontro-Te os pais ficavam a conhecer o que fazíamos na sala de aula.”*

O facto de apresentarmos regularmente espetáculos no Centro Cultural John dos Passos foi um hábito desde o início e *“a comunidade assistia porque a sala estava sempre cheia”*. Em

relação a esta adesão da comunidade envolvente assistir aos espetáculos, a Maria afirma que se deve também ao “ *facto de não termos cinema, concertos aqui na Ponta do Sol, valorizamos muito o teatro.* ”

Em contexto de sala de aula todos os sujeitos de aprendizagem participaram em atividades teatrais práticas, quer individualmente ou em grupo.

Nos espetáculos criados para fruição da comunidade educativa, todos os sujeitos de aprendizagem foram motivados para participarem ativamente, até porque a componente prática é um momento importantíssimo de avaliação na disciplina de Teatro.

No entanto o Xavier chama a tenção para o facto de que “*há uns que têm vergonha de apresentar e isso não pode ser obrigado.* ”

Daí que os sujeitos que não agiram no palco estiveram envolvidos no apoio de bastidores ou na régie.

Verificamos que, ao longo dos anos, tem havido uma maior participação nos espetáculos levados à cena, quer por parte dos alunos intérpretes, quer por parte dos espetadores.

4.1.3 – Significado da relevância atribuída ao Teatro

No que concerne à relevância atribuída ao Teatro constata-se que os sujeitos de aprendizagem demonstraram muito gosto ao longo destes anos por esta vertente artística. Até o facto de o Teatro se ter mantido como opção feita por todos os alunos de 7.º e 8.º anos constituiu prova empírica da importância que os alunos dão a esta modalidade artística.

A Maria confessa que deu importância às atividades teatrais porque “*o teatro é uma forma de arte, uma forma de se expressar, dando-nos uma liberdade, não só pela palavra mas também pelo gesto, pelo movimento (...)* ”

Ainda nesta retroação e avaliação do Teatro do ponto de vista dos sujeitos e em relação à importância da escola poder ter uma teatroteca, a maioria dos alunos considera que sim, que era importante. Outros porém não dão muita importância a esse tema, porque acham que conseguem informação sobre Teatro na internet. A Maria reconhece que hoje consegue-se na internet informação sobre quase tudo, daí não dar muita importância a uma teatroteca, mas é a

favor de uma melhor secção de livros de Teatro na biblioteca, dizendo: *“eu gosto do papel, de tocar, sentir os livros de teatro e outros.”*

4.1.4 – Significado para o desenvolvimento pessoal

No que respeita ao significado do Teatro para o desenvolvimento pessoal dos sujeitos de aprendizagem, sentimos a necessidade de clarificar as nossas intenções com as perguntas preparadas para este domínio. Para o efeito optamos por questionar os sujeitos de aprendizagem sobre o significado do Teatro para o desenvolvimento pessoal; forma contemplados os seguintes itens: Autoestima, capacidade de comunicação, relacionamento pessoal, criatividade e capacidade de liderança.

Autoestima

A prática teatral tem grande importância no desenvolvimento e formação da personalidade das crianças e jovens através da melhoria da autoestima. E notamos que o Teatro escolar contribuiu para o desenvolvimento da autoestima dos sujeitos de aprendizagem, como explicitam as seguintes afirmações:

“Hoje sou mais desinibida porque o teatro me permitiu conquistar uma confiança maior nas minhas ações e na minha desenvoltura oral, contribuindo para a melhoria da minha autoestima e valorização (...)”

“O teatro ajudou na formação da minha personalidade ...o teatro ensinou-me que todos nós somos muito bons em alguma coisa, só temos de descobrir em quê.”

“O teatro fez com que eu deixasse a vergonha para trás.”

A Débora confessa que *“sim ajudou sem dúvida, na comunicação, nas relações pessoais, na liderança e criatividade, até na forma como me exprimia... eu comecei a reconhecer determinadas emoções a partir do trabalho feito nas aulas.”*

Uma aluna acrescenta ainda que o Teatro a ajudou a conhecer-se como pessoa e perceber algumas qualidades: *“Fez-me perceber que sou boa em alguma coisa e ganhei confiança em mim própria.”*

- O Xavier afirma o seguinte:

“Eu tive muito mais facilidade em socializar depois de fazer teatro, não tive medo de falar com as pessoas que não conhecia e no início tinha. É claro que melhorou a minha autoestima...O teatro fez-me ver que estou interessado em alguma coisa... eu não sou inútil... eu sou alguém (...)”

Capacidade de comunicação

Os sujeitos de aprendizagem salientam que hoje têm menos receio de falar em público, expondo de uma forma mais segura as suas ideias e sentimentos. Podemos comprovar que o Teatro contribuiu para aprimorar a capacidade de comunicação dos alunos a partir de algumas opiniões, tais como:

“Hoje sou mais desinibida porque o teatro me permitiu conquistar uma confiança maior nas minhas ações e na minha desenvoltura oral (...)”

“No início é um pouco constrangedor falar para um público que muitas vezes nem conhecemos, mas com o passar do tempo, deixa de o ser. Hoje sou muito comunicativa, e acredito que foi no teatro que aprendi a sê-lo.”

“Antes sentia-me mais atrapalhada a falar com as outras pessoas mas com os exercícios que foram feitos durante as aulas consegui comunicar melhor para os meus colegas.”

“Ensinou-me a projetar a voz, de forma a ser ouvida pelos outros e a apresentar trabalhos de grupo.”

“Eu sempre fui um bocadinho faladora, sempre gostei de falar mas com o teatro eu aprendi se calhar a comunicar melhor a ser mais assertiva a apensar um bocadinho mais antes de falar. E no teatro ao interpretar diversas personagens, a fazer diversos exercícios aprendemos a comunicar melhor. Pelo menos eu aprendi a comunicar melhor.”

Uma aluna assinala que *“o teatro também contribui para a melhoria do desempenho dos alunos em algumas disciplinas em que a componente oral tem grande importância.”*

E outro aluno diz que:

“Mas para mim era o medo... falar com uma pessoa que não conhecia não era concebível... mas o teatro deu-me esse à vontade perante as outras pessoas ... porque se calhar eu apercebi-me que tinha capacidade... está ali alguém e eu também sou alguém e posso comunicar com esse alguém (...)”

Relacionamento pessoal

O Teatro como arte expressiva que acontece no aqui-e- agora acaba por desenvolver a empatia, que é uma qualidade indispensável para o relacionamento pessoal. E como a atividade teatral é coletiva, as crianças e jovens aprendem a tolerar as diferenças e a respeitar o próximo.

No Teatro os participantes ao desenvolver a sua capacidade de relacionamento, conheceram outras pessoas, criando até fortes laços de amizade, como podemos constatar no seguinte depoimento:

“Deixando de ser uma pessoa tímida consegui relacionar-me com diferentes tipos de pessoas e manter longas conversas. Conheci algumas pessoas que só foi possível devido ao nosso amor mútuo por essa forma de arte que é o teatro”.

A Laura confessa que *“antes sentia-me mais insegura a relacionar com as pessoas, mas agora dá para relacionar melhor com as pessoas”* e o Xavier acrescenta que teve muito mais facilidade em socializar depois de fazer teatro, *“não tive medo de falar com as pessoas que não conhecia e no início tinha.”*

Outra discente afirma que *“fomos perdendo a vergonha de falar com os colegas.”*

Pois a prática de Teatro contribuiu também para os alunos mais fechados se desinibirem, como atesta a Maria: *“até nos alunos tímidos notamos que soltaram-se mais.”*

Criatividade

O aluno ao envolver-se em atividades dramáticas vai desenvolver habilidades adormecidas, estimular a imaginação e a organização do pensamento.

A Lorraine refere que o Teatro ajuda a ter a mente aberta a outras ideias, para outras maneiras de fazer as coisas e a Regina acrescenta que *“no teatro tudo é possível, as coisas tornam-se possíveis.”*

Por sua vez o Xavier acha que *“há pessoas mais criativas do que outras e os jovens têm uma mente muito criativa por natureza.”* Mas também realça que *“não é só o teatro que vai estimular a sua criatividade, mas ajuda.”*

Ainda à volta do item da criatividade a Laura referiu que:

“Muitas vezes eramos nós alunos que escrevíamos o nosso próprio guião ou que através de uma única palavra ou frase tínhamos de criar um pequeno momento teatral, e isso ajudou muito no desenvolvimento da minha criatividade, por vezes dava por mim a magicar inúmeras historiazinhas na minha cabeça.”

Capacidade de liderança

Ter capacidade de liderança de grupos exige também uma preparação adequada, e o Teatro é certamente uma arte que ajuda na aquisição de algumas competências essenciais na liderança de pessoas. Nos seguintes depoimentos, verificamos que os sujeitos de aprendizagem reconhecem que a prática teatral teve influência na forma como atuavam e lideravam os grupos:

“Ajudou na minha forma de estar num grupo, talvez não necessariamente a ser líder, mas a saber manifestar a minha opinião sempre que eu achasse imprescindível... Todos os membros de um grupo são importantes (...)”

“Foi que antes era mais retraída para exprimir as minhas ideias mas com o teatro como disciplina ajudou-me a exprimir as minhas ideias.”

“Tínhamos que aprender a ser líderes de grupos.”

“Ajudou no sentido de aprender a orientar um grupo.”

O Xavier diz que: *“Temos que saber encachar como peças de puzzle uns nos outros. Pensando num puzzle que não se fecha, mas num puzzle que está sempre a crescer. Há pessoas que nascem para ser líderes.”* Este aluno reconhece que os exercícios de Teatro o ajudaram: *“A mim ajudou na capacidade de liderança e fizeste exercícios bons para isso. Alguém que experimenta liderar vai saber melhor obedecer.”*

4.1.5 – Significado para o desenvolvimento artístico e cultural

“O estudante adquire conhecimentos através da sua própria prática artística.” (Roteiro para a educação artística, 2006, p. 11).

No que diz respeito à categoria referente ao desenvolvimento artístico e cultural foram criados alguns itens para que os sujeitos de aprendizagem percebessem melhor o que se pretendia saber neste domínio. Esses itens foram os seguintes: linguagem corporal, linguagem verbal, improvisação teatral, interpretação de personagens e cultura geral.

Linguagem corporal

Entreguem-se com alma que o corpo fala.

(Jornal de bordo de Zé Abreu, 22-03-2008).

Procurámos ao longo destes tempos, junto com os sujeitos de aprendizagem, refletir sobre a importância do corpo atuar como instrumento de comunicação. Constata-se que, na sua grande maioria, os sujeitos de aprendizagem associam a linguagem corporal a uma forma de expressão.

Como diz um aluno *“o teatro ajudou-me a entender que a minha linguagem corporal tinha tanto valor e importância quanto as palavras que saíam da minha boca.”*



Foto n.º 46 – Aluno de 9.º ano apresentando um monólogo

Uma aluna confessa que *“na nossa sociedade o corpo ainda é tabu apesar das mentalidades estarem em evolução.”* Mas também tem consciência de que o Teatro *“ajudou a perceber que o corpo não é vergonha, mas sim um instrumento que podemos utilizá-lo de diversas maneiras, para expressarmos o que sentimos, tal como as palavras.”*

Outro aluno realça que gostou de trabalhar a sua linguagem corporal porque *“consequimos expressar-nos de uma maneira que as pessoas ficam a perceber o que estamos a querer dizer.”*

A Laura acha que: *“o teatro ajudou-me a entender que a minha linguagem corporal tinha tanto valor e importância quanto as palavras que saiam da minha boca.”*

O Xavier afirma que passou a *“saber utilizar as mãos e utilizar expressões faciais para demonstrar sentimentos. Por sua vez a Débora exemplifica que “para expressarmos a tristeza temos que reconhecer no nosso corpo o sentimento e a emoção e eu acho que é por aí que o teatro ajuda as pessoas a se expressar ao nível da linguagem corporal.”*

Um aluno realça que com o trabalho realizado em prol da linguagem corporal “*ganhamos noção que falamos com as mãos, que olhamos para o lado quando estamos a pensar, mexemos a língua, o queixo.*”

O Teatro é também a capacidade de criar e interpretar os movimentos do corpo, daí ser necessário compreender as diversas manifestações a partir da linguagem corporal. O Teatro na educação ajuda as crianças e jovens a compreender a linguagem corporal como uma forma de comunicação não-verbal. Ajuda a entender o corpo que caminha, dança, luta e que acima de tudo comunica.

E por falarmos em comunicar, passamos seguidamente à linguagem verbal desenvolvida no Teatro.

Linguagem verbal

É notório a consciência de que os sujeitos de aprendizagem têm da forma como o Teatro contribuiu para o desenvolvimento da sua linguagem verbal, como podemos ver nas seguintes afirmações:

“Ao interpretarmos as personagens temos que saber projetar a voz, passar a emoção certa e falar da forma certa e o teatro ensina-nos expressar.”

“As aulas ajudaram-me a melhorar a minha linguagem verbal... ganhei vocabulário, ganhei automatismo em lançar e construir frases e um maior à vontade.”

“Só com uma boa linguagem verbal, é que consigo expressar-me de forma correta, de maneira que a outra pessoa não tenha más interpretações.”

Improvisação Teatral

A improvisação teatral é um momento propício para se trabalhar a capacidade de improviso de cada sujeito de aprendizagem, numa perspetiva teatral, o que vai desenvolver e aprimorar a competência de expor ideias com desembaraço, desenvoltura e desenvolver a capacidade de resolver situações inesperadas e fortuitas.

Espera-se que com as atividades de improvisação teatral cada aluno trabalhe em equipe sempre que possível, aprendendo assim a aceitar as propostas dos colegas e a usar a sua criatividade para criar e arranjar uma solução para uma situação, história ou personagem.

No universo de Teatro-educação, o estudante deve ser fortemente estimulado a usar a criatividade e a espontaneidade como forma de superar os obstáculos que forem surgindo e resolvendo-os em curtos intervalos de tempo. As improvisações teatrais contribuem ainda para desenvolver a atenção, a concentração, a memória de cada um, o combate da timidez, o aumento da autoestima e o aprender a acreditar nas nossas capacidades individuais, aceitando e lidando com o erro.

E nas diversas opiniões dos sujeitos de aprendizagem notamos claramente que muitos destes objetivos foram abordados e assimilados ao longo das aulas de Teatro.

A Lorraine afirma que as improvisações teatrais lhe permitiram que o seu raciocínio ficasse mais veloz e que exercitasse a sua capacidade criativa, o que lhe permite hoje escrever pequenas peças, argumentos e textos com alguma qualidade.

Os exercícios de improvisação teatral contribuem para *“improvisar não só no teatro, mas na vida. Saber improvisar é saber desenrascar-se.”* E outra aluna acrescenta que *“quando me esqueço de uma palavra ou de uma frase, é necessário que haja na nossa cabeça outras frases ou palavras, de forma a dizer o mesmo ou algo parecido. É ter um raciocínio rápido e preciso no que se quer dizer.”*

O Xavier acha que *“improvisar é ótimo, é uma necessidade de exprimir-se.”* A Débora relata que *“muitas vezes o professor dava-nos um mote e a partir disso fazíamos sketches.”* Outro aluno argumenta que *“o inventar não tem fim... a improvisação aplica-se a todos os trabalhos. Temos que ter imaginação para pegar em algo que existe e transformá-lo.”*

Interpretação de personagens

Todos os sujeitos de aprendizagem, ao longo do período que frequentaram a disciplina de Teatro, criaram, interpretaram e representaram diversas ações dramáticas, com o uso da voz, corpo e emoções. Sempre auxiliados por uma série de exercícios e práticas que contribuíram para uma melhor capacidade de interpretação de personagens e situações dramáticas.

Assim experimentou-se exercícios de relaxamento, capacidade de memorização, concentração, imaginação, concentração, escuta, observação, expressão vocal e corporal, apresentação de monólogos, diálogos, entre muitos outros.

A Lorraine refere que melhorou a sua capacidade de interpretação de personagens *“a observar as pessoas que me rodeiam para quando fosse necessário interpretar determinada personagem.”*

Por sua vez a Laura acrescenta que aprendeu que *“cada personagem tem uma maneira de ser, uma personalidade, uma voz, uma maneira de estar, que as personagens são distintas umas das outras, física e psicologicamente.”*

Constatamos que houve realmente uma aprendizagem e acima de tudo a consciência de ser necessário muito trabalho para se interpretar bem as personagens, como referem alguns alunos:

“Conseguimos aprender a interpretar as personagens como se nós fossemos essas personagens... tem que ser com muita intensidade.”

“Entendermos melhor a personagem e a forma como as frases são formuladas e a sua pontuação.”

“Ao longo da minha passagem pelo teatro eu aprendi com muita dedicação a construir as personagens (...)”

“Até ao 7.º ano que não tivemos teatro, nunca interpretamos uma personagem... E aqui foi um contacto com uma coisa nova, foi muito giro.”

Cultural Geral

“O teatro é um exercício de cidadania e um meio de ampliar o repertório cultural de qualquer estudante.” (Cardozo, Lopes & Giacomelli, (s/d), p. 5)

Uma experiência de Teatro-educação leva a criança ou o jovem a viajar e a conhecer diversos mundos das artes. Desde o texto que o aproxima da literatura, o som da música, os figurinos da moda, a expressão corporal da dança, com a construção dos cenários aprenderá algumas

noções da arquitetura e das artes plásticas. Essas referências vão aumentar o seu horizonte cultural e por sua vez a vontade de conhecer mais.

Em relação ao contributo do Teatro para o desenvolvimento cultural dos sujeitos de aprendizagem, a Débora afirma que:

“Sim... num dos anos que frequentei a disciplina de teatro o professor teve o cuidado de mostrar-nos as raízes do teatro... Falamos no teatro na antiga Grécia, Roma na comédia Dell’ arte... Falamos um bocadinho da origem do teatro e isso contribui para a cultura geral de qualquer pessoa.”

Com um grande sorriso esta aluna ainda realçou o seguinte: *“a minha experiencia no Núcleo de Teatro do Sol, com a interpretação da Medeia de Eurípedes que me levou a ganhar o prémio de melhor atriz, no festival regional de teatro escolar... foi um trabalho que me deu mais cultura geral.”*

Surge igualmente o destaque de uma aluna, referindo-se ao facto de termos feito uma adaptação teatral de um romance histórico sobre a Ponta do Sol:

“O trabalharmos da “Choça ao Solar”, foi ótimo para conhecermos a cultura da nossa terra... e foi curioso trabalharmos também esta obra nas aulas de português... e aí brilhámos ainda mais.”

O facto de termos apostado também na representação de alguns textos clássicos foi referido como um contributo para o desenvolvimento cultural: *“Sem o teatro eu não tinha conhecido tanto os dramaturgos contemporâneos e clássicos como os gregos.”*

4.2 – Retroação e Avaliação dos Encarregados de Educação

Procuramos que as entrevistas aos encarregados de educação abrangessem os dez anos letivos em que se centra a nossa pesquisa. Assim, foram entrevistados quatro encarregados de educação. O educando do primeiro encarregado de educação frequentou a disciplina nos anos letivos 2003-2006, o segundo, nos anos letivos 2006-2009 e terceiro e quarto corresponde aos anos letivos 2009-2012.

4.2.1 – Significado da disciplina de Teatro na educação do seu filho

Os encarregados de educação têm consciência que o Teatro contribuiu para a educação dos seus filhos, pois afirmam que *“ajudou a desenvolver várias capacidades...”* e ainda que o teatro ajudou a que *“crescesse e desenvolvesse um espírito crítico, assim como a sua criatividade e sociabilidade.”*

Nas aulas de Teatro sempre incutimos a prática de malabarismo, como uma forma dos alunos aperfeiçoarem a coordenação de movimento, ritmo, tempo e até melhoria na autoestima e foi curioso que um dos encarregados de educação realçou este acontecimento. Como podemos ver no seguinte comentário: *“a minha filha fala-me sempre da aprendizagem de malabarismo e os pequenos textos desenvolvidos por ela e pelos seus colegas por improviso.”*



Foto n.º 47 – Alunos apresentando um número de malabarismo

Outro encarregado de educação afirma que o Teatro teve significado no desenvolvimento educacional do seu filho, pois *“transmitiu várias experiências desenvolvidas nas aulas de teatro, como é o exemplo de algumas improvisações teatrais e jogos.”*

É com muito agrado que constatamos que os encarregados de educação valorizam o Teatro como disciplina de educação artística, quando afirmam que *“o teatro teve uma influência muito positiva na educação da minha filha”* ou *“a minha filha partilhava comigo algumas experiências realizadas em aula, tais como exercícios de improvisação.”*

4.2.2 – Significado para o desenvolvimento pessoal do seu filho

A maioria dos encarregados de educação constata que o Teatro contribuiu para o desenvolvimento pessoal dos seus filhos. Este facto pode ser confirmado nos seguintes depoimentos:

“Melhorou a autoestima da minha filha na medida em que passou a ser mais desinibida, a ter mais à vontade e menos vergonha no que diz respeito à interação com outras pessoas.” Ou então, *“sentiu-se mais seguro e confiante nas suas decisões e ações.”* E ainda *“o teatro fê-la ganhar mais confiança em si mesma, um à vontade maior e uma maior segurança para se expressar em público.”*

A capacidade de comunicação desenvolvida através do Teatro foi também salientada *“pois através dos jogos, que faziam nas aulas, a minha filha ficou mais confortável com a interação com os outros, bem como desenvolveu uma maior coerência e eloquência no seu discurso.”*

Outra encarregada de educação afirmou que *“o teatro ajudou a desenvolver a sua capacidade de comunicação, dando-lhe ferramentas para se exprimir melhor.”* Por sua vez, outro encarregado de educação refere que *depois do seu filho de “ter contacto com o teatro passou a comunicar muito mais com as pessoas e passou também a expor as suas ideias com mais segurança e clareza.”*

Ainda à volta do desenvolvimento pessoal uma mãe afirmou:

“O relacionamento pessoal da minha filha melhorou porque, tendo em conta que a sua autoestima e capacidade de comunicação também melhoraram, esta passou a sentir mais à vontade com a interação e relação com outras pessoas. E através do teatro, começou a relacionar-se com mais pessoas, isso fê-la aprender a entender-se com diferentes personalidades.”

Outro encarregado de educação acrescentou que *“cada um tem o seu feitio e nesta área, como em tantas outras, para um trabalho funcionar, as pessoas têm de aceitar as suas diferenças e saber adaptar-se de modo a que tudo funcione pelo melhor.”*

Nota-se a partir destes depoimentos dos encarregados de educação que o desenvolvimento do relacionamento pessoal dos sujeitos de aprendizagem através do Teatro-educação teve um impacto positivo.

As atividades teatrais praticadas na sala de aula em prol do desenvolvimento da criatividade foram também mencionadas pelos encarregados de educação, como ilustram os seguintes depoimentos:

- *“A criatividade da minha filha melhorou na medida em que a mesma ficou com menos dificuldades por exemplo, em encontrar temas para os seus textos ...”* ou *“a partir dos pequenos trechos que a minha filha desenvolvia nas aulas com os colegas, desenvolveu a sua criatividade”* e ainda *“os exercícios de improvisação que lhe eram propostos, faziam com que a sua criatividade fosse estimulada.”*

4.2.3 – Significado para o desenvolvimento artístico e cultural do seu filho

Os encarregados de educação que acompanham a experiência do seu filho, no Teatro escolar, reconhecem que houve um desenvolvimento artístico e cultural que é notório na linguagem corporal e verbal.

Nos depoimentos registados estas ideias estão bem explícitas:

“Depois do contacto com o teatro a minha filha começou a expor-se mais e de um modo mais natural.”

“Ajudou a melhorar a sua linguagem corporal e verbal na medida em que para transmitir determinado sentimento, é necessário conhecê-lo. Ao realizar os exercícios nas aulas de teatro, a minha filha começou também a exercitar a expressão de sentimentos e, deste modo, começou a exprimir-se melhor e de forma mais clara.”

Uma mãe afirma que a sua filha *“passou a se expressar de forma mais fácil e convicta nas suas ideias sem precisar de recorrer necessariamente a palavras, passando a servir-se mais da sua linguagem corporal. A mesma mãe acrescenta que “no que diz respeito à sua linguagem verbal esta também melhorou, muito devido ao desenvolvimento da sua capacidade de comunicação.”*

O Teatro quanto mais for praticado, experimentado e apresentado pelos alunos, vai tendo cada vez melhor qualidade artística e pedagógica. E foi notável essa evolução no decorrer destes anos.

Uma encarregada de educação certifica que *“a evolução e progresso foram-me perceptíveis na medida em que, de ano para ano, via que a interpretação das personagens que lhe eram atribuídas, eram cada vez mais bem conseguidas.”*

Por sua vez outra mãe acrescenta que sentiu evolução artística *“nomeadamente no à vontade que a filha demonstrava de espetáculo para espetáculo.”* Outra encarregada de educação afirma que *“notei uma evolução na interpretação. De peça para peça notei que estava mais madura e segura.”*

Fica patente a partir destes depoimentos que estes encarregados de educação realmente acompanharam de perto as representações teatrais dos filhos.



Foto n. °48 – Encarregados de educação na entrada do Centro Cultural John dos Passos antes do espetáculo

Todo o sujeito de aprendizagem que está envolvido num projeto de Teatro-educação aumenta claramente a sua cultural geral.

Esta ideia é reconhecida pelos próprios encarregados de educação nos seguintes depoimentos:

“A cultura geral da minha filha foi, graças ao teatro, enriquecida com conhecimentos sobre este mesmo tema (nomes de atores, teatros, peças de teatro, dramaturgos), aumentando ainda a sua curiosidade e vontade de assistir a vários espetáculos de teatro.”

“No contacto com o teatro a minha filha enriqueceu a sua cultura geral, pois começou a ter contacto com outras realidades que anteriormente desconhecia.”

“Aprendeu um pouco sobre a história do teatro em diferentes países, (Grécia, Portugal Itália). Também aprendeu algumas coisas sobre escritores de teatro e adquiriu conhecimentos sobre os diferentes temas abordados nas aulas.”

4.2.4 – Significado para participação e relevância atribuído ao Teatro

Verificamos que muitos encarregados de educação deram importância e participaram inclusive nas atividades teatrais levadas a efeito pelos seus filhos na escola, como ilustram as afirmações:

“Sim, assisti a todos os espetáculos que a minha filha entrou, como na “Prometeia Acorrentada”, gostei particularmente de um espetáculo que associava a declamação de poesia à performance teatral, baseado nas obras de Fernando Pessoa”.

“Sim, fornecia por vezes diversos adereços e roupas, que, embora não por mim confeccionados, eram utilizados nas peças de teatro em que a minha filha participava, sendo que cheguei, por meio da mesma, a fornecer adereços para peças de teatro de outros colegas dela.

“Era a altura em que nos era possível ver aquilo que estava a ser desenvolvido pelos alunos nas aulas.”

Notou-se que os encarregados de educação assistiram aos espetáculos apresentados pelos seus filhos, no Centro Cultural John dos Passos, pois mencionaram o nome de vários espetáculos ou então sabiam que personagem tinha sido interpretada pelos seus educandos.

Porém, outros encarregados de educação não participaram tão ativamente nos projetos de Teatro apresentados pelos seus filhos.

Alguns encarregados de educação participaram também na confeção de alguns figurinos ou adereços para os espetáculos: *“Sim, no “Nunca Nada de Ninguém”, fiz-lhe a saia.”*- afirma sorridente uma mãe.

Outra encarregada de educação declarou que: *“emprestei várias vezes algumas roupas e objetos. Fi-lo porque o teatro é uma atividade que faz a minha filha verdadeiramente feliz e eu quero a felicidade dela.”*

4.2.5 – Significado do Teatro na abertura da escola à comunidade

Desde o momento em que a escola passou a ter o Teatro como disciplina de educação artística para o 3.º ciclo do ensino básico, a apresentação de espetáculos teatrais fora do espaço escolar passou a ser uma constante. Desta forma o Teatro *“ tornou-se um outro meio de divulgação e união entre aquilo que se faz dentro da escola, para a comunidade em geral.”*

Todos os espetáculos criados pelos alunos foram apresentados para a escola e também para a comunidade em geral. E isso foi valorizado e reconhecido por muitos encarregados de educação por *“ser uma forma de dar a conhecer aos pais e familiares dos alunos uma parte do trabalho desenvolvido na escola.”* Um encarregado de educação constata que *“desde início notei que a comunidade em geral demonstrou muito agrado em assistir aos espetáculos, deste modo houve uma abertura da escola à comunidade e da comunidade à escola.”* Outro acrescenta que *“sempre que havia espetáculos, pais, encarregados de educação, amigos e familiares dos alunos, bem como por vezes até turistas assistiam às peças de teatro.”*

Achamos curioso o facto de este encarregado de educação ter presente que até turistas assistiam aos espetáculos apresentados no Centro Cultural John dos Passos. E realmente isso aconteceu em vários espetáculos, pois o concelho da Ponta do Sol tem algumas unidades

hoteleiras e a oferta cultural não é assim tão abundante. No nosso entender a própria escola deveria aproveitar também estes hotéis para criar parcerias culturais e de animação.

4.3 – Retroação e Avaliação da ex-Presidente do Conselho Executivo

Foi de extrema importância para a nossa pesquisa os depoimentos da ex-Presidente do Conselho Executivo, visto que foi uma grande mentora no apoio ao Teatro como disciplina de educação artística, na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol. Ao longo dos oito anos letivos que esteve na liderança do conselho executivo apoiou integralmente o Teatro e chegou mesmo a integrar como intérprete em alguns espetáculos, nomeadamente na peça de Teatro de revista *“Trinta Anos a Educar”* e numa performance de poesia.

A partir dos depoimentos da professora Gabriela Relva, constatámos que esta é uma conhecedora do real impacto do Teatro na escola onde se incide esta pesquisa.

4.3.1 – Significado da disciplina de Teatro na escola

A professora Gabriela Relva interpreta o *“teatro como espaço pedagógico na área da Educação Artística”* que assume grande importância na educação e formação das crianças e dos jovens.” Realça ainda *“a sua importância e os seus contributos para o desenvolvimento e crescimento integral do aluno”*, valorizando o Teatro como *“disciplina transversal que permite ao aluno vivenciar princípios e valores.”*

O papel cooperativo do Teatro na socialização e relacionamento dos sujeitos de aprendizagem são enaltecidos, como podemos constatar no seguinte depoimento: *“A metodologia cooperativa permite ao aluno evoluir e crescer a vários níveis, desde a criatividade, a socialização, o relacionamento, o autoconhecimento.”*

4.3.2 – Significado para o desenvolvimento pessoal dos alunos

A ex-presidente da escola não tem dúvidas que:

“O teatro, torna-se imprescindível na formação da personalidade do indivíduo. Pois como arte transversal a sua prática proporciona e facilita o desenvolvimento de diversas capacidades e aptidões como a memorização, a expressão corporal, o relacionamento, a autoestima, a

coordenação de movimentos, a convivência em grupo, são fundamentais no desenvolvimento pessoal.”

Confessa que constatou ao longo destes anos que *“os alunos ao integrar e envolver-se em tarefas cujo produto implica mostrar à comunidade, realizam-nas com mais esforço e empenho.”* Pois *“a criança e o jovem, sabendo que em palco o seu trabalho é aplaudido e valorizado pela família, pelos amigos, pela escola e até pela comunidade, sentem-se importantes e úteis, o que se reflete na sua autoestima.”*

Reparou também que *“para os alunos mais tímidos a exercitação da voz e o atuar em público melhorou a timidez.”* E que o teatro *“junto dos alunos com Necessidades Educativas pode contribuir para a melhoria e superação das deficiências, aumentando assim, a autoestima e a confiança em si próprios.”*

Os alunos ao estarem envolvidos em *“atividades teatrais coletivas, onde o trabalho e o empenho de cada um convergem para o sucesso de todos, o sentido cooperativo, de partilha, cresce, pois aperfeiçoam-se a expor as suas ideias, a ouvir outros pontos de vista.”*

Finalmente acentua que *“a vivência com o teatro ajuda na integração de jovens com comportamentos diferentes, pois promove a autoconfiança, a autoestima e sobretudo, o relacionamento pessoal e social.”*

4.3.3 – Significado para o desenvolvimento artístico e cultural dos alunos

Para a nossa entrevistada *“o Teatro sendo uma arte multidisciplinar, a sua prática proporciona a criança e ao jovem experiências de desenvolvimento e aperfeiçoamento no domínio da expressão corporal através do movimento, do gesto, da mímica (...)”* Nota-se que é valorizada a linguagem não-verbal inerente à atividade teatral, assim como é salientada a importância de aperfeiçoar-se a expressão vocal dos sujeitos de aprendizagem a partir da palavra. O trabalho realizado em proveito da *“linguagem verbal possibilita o desenvolvimento de habilidades vocais, desde a fala, a voz, a audição, a leitura, a interpretação de mensagens (...)”*

Ainda em prol do desenvolvimento artístico e cultural dos alunos, que é conseguido também através do *“contacto direto com o texto dramático e poético de forma lúdica (...)”* Finalmente realçou que o desenvolvimento cultural é mais evidente nos *“jovens que integram*

grupos de teatro, porque normalmente, absorvem uma melhor percepção das coisas, do mundo (...) “

4.3.4 – Significado da participação e relevância atribuído ao Teatro

Nesta entrevista ficou evidente que a Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol deu muita importância ao Teatro como disciplina de educação artística. Salienta-se que esta instituição foi pioneira na Madeira a disponibilizar no ano letivo 2003-2004 aos sujeitos de aprendizagem esta oferta artística que ainda se mantém.

A ex-presidente do conselho executivo afirma que *“é de valorizar as escolas que investem numa nova abordagem do “aprender a aprender”, introduzindo na sua oferta curricular o Teatro.”*

Acrescentando ainda que *“o teatro, através da sua dinâmica e relação potencializa à criança e ao jovem várias aprendizagens, pois a vivência lúdica permite que se apropriem mais facilmente dos saberes das várias disciplinas.”*

Fez questão ainda de lembrar que a escola desde o início deu total relevância às atividades dramáticas realizadas extra sala de aula, porque:

“Desde que as atividades tenham uma função pedagógica e formativa são sempre importantes, merecendo toda a aprovação, independentemente de se realizarem no corredor, no recreio, na serra, no mar... São sempre momentos de aprendizagem (...) ”

Constatamos que a nossa entrevistada é a favor da escola ter uma teatroteca porque *“a aposta na criação de um espaço pedagógico com essa característica é, sem dúvida, de grande importância.”*

Durante esta fase desabafou que *“em boa hora a escola tomou a decisão de proporcionar aos seus alunos do 3.º ciclo a oferta, como opção curricular, o teatro”*.

Ao questionarmos se constatou alguma reação dos encarregados de educação em relação ao Teatro afirmou:

“Os pais/encarregados de educação procuram e desejam o melhor para a formação dos seus educandos. É natural que, os pais questionem sobre a importância e a validação desta disciplina e, sobretudo, para que servirá no futuro do seu educando. Compete à escola explicar e refletir com os pais da importância que as Artes têm na formação global do jovem. Vivenciei algumas situações em que depois da preocupação, os pais se tornaram “adeptos ferranhos” dos filhos, enquanto atores em palco. “

Nesta entrevista com a ex-presidente do conselho executivo, foi possível comprovar que os encarregados de educação deram importância à disciplina de Teatro e participaram nas apresentações práticas.

4.3.5 – Significado do Teatro na abertura da escola à comunidade

Nas palavras da professora Gabriela Relva:

“Uma das funções da escola é proporcionar condições para que a comunidade se aproxime e se envolva na vida da Escola. E essa aproximação torna-se real quando a Escola tem a iniciativa de promover atividades diversas numa vertente lúdico-cultural. “

Realmente ao longo destes dez anos o Teatro apresentou regularmente espetáculos de teatro e animação dirigidos à comunidade em geral.

E como refere a nossa entrevistada:

“Quando a escola se abre à comunidade deteta-se mudanças positivas. Pois as atividades promovidas pelo Teatro, desde as peças e animação na escola e na rua, permitiram, muitas vezes, que as pessoas, encontrassem na escola, um espaço de cultura, de convívio e confraternização.”

Mencionou o interesse da comunidade local pelas atividades teatrais realizadas pela escola e a *“prova mais evidente de que a comunidade educativa gostava da oferta que a escola lhe proporciona, é a procura da calendarização das atividades.”* E reforçou ainda *“sobretudo a adesão aos espetáculos no Centro Cultural dos Passos, onde muitas vezes a sala ficava a*

abarrota. Houve momentos que levou a Escola a repetir espetáculos a fim de satisfazer a comunidade.”

Ao finalizar a entrevista, a professora Gabriela Relva acrescentou que *“desde que a escola integrou o Teatro na sua componente curricular na área da Educação Artística, sentiu a necessidade de ir ao encontro da Comunidade Educativa”* criando-se laços de apoio entre a escola, comunidade e instituições. A concluir focou também que *“a disponibilidade por parte desses parceiros aconteceu, de diversas formas: apoios logísticos, financeiros e outros, contribuindo assim, para que as coisas acontecessem.”*

4.4 – Retroação e reflexão da Presidente da Comissão

A atual presidente da comissão é a professora Teresa Conduto que está na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol desde 2002, o que significa que acompanhou o impacto do Teatro nesta instituição desde a implementação do projeto.

4.4.1 – Significado da disciplina de Teatro na escola

Na opinião da professora Teresa Conduto *“a partir do teatro os alunos aprendem a estar e só os enriquecem ao saberem agir em conjunto.”* Nota-se que interpreta o Teatro como uma atividade que contribui para os sujeitos de aprendizagem aprenderem a saber agir com o outro, a atuarem em grupo.

Recorda a presença do *“teatro na animação do espaço escolar, pois até os próprios ensaios que faziam no átrio eram assistidos.”*

4.4.2 – Significado para o desenvolvimento pessoal dos alunos

Os sujeitos de aprendizagem *“ao representarem desinibem-se”* e com o trabalho constante que fazem no Teatro, *“conseguem expressar-se de uma melhor forma usando um tipo de vocabulário diferente.”*

Existe uma diferença entre os sujeitos de aprendizagem que estão ativamente ligados à prática da representação teatral em relação aos outros, como constatou a presidente da comissão, nas seguintes palavras:

“Aqueles alunos que nunca se expressaram em público têm uma certa vergonha de falar e usam sempre um vocabulário mais pobre. Os que representam, melhoram o seu vocabulário, até mesmo a sua dicção e a sua maneira de falar e de falar em público.”

Uma das minhas preocupações quando inicio as atividades teatrais com crianças e jovens é desde logo trabalhar uma série de exercícios e jogos teatrais que ajudem a desenvolver o relacionamento pessoal. E os resultados são visíveis porque nas palavras da professora Teresa Conduto, *“eles tornam-se mais próximos. Tocam-se. Porque os alunos às vezes têm dificuldade em se tocar, em tocar no colega. E depois das aulas de teatro os alunos tornam-se mais próximos.”*

4.4.3 – Significado para o desenvolvimento artístico e cultural dos alunos

Para um melhor desenvolvimento artístico foi necessário um trabalho cuidado e constante junto dos sujeitos de aprendizagem.

E esse desenvolvimento artístico foi constatado porque *“deu-lhes mais uma certeza. Eles achavam que haveriam certas coisas não conseguiam fazer e depois de trabalharem e ter um maior à vontade com o professor e com os colegas conseguiram fazer.”*

O Teatro também contribuiu claramente para o desenvolvimento e consciência da expressão corporal, dos alunos, como ilustra o seguinte argumento: *“Muitas vezes os alunos não gostam do seu próprio corpo. Há partes do corpo que eles não gostam, mas com o teatro eles aprendem a ver o corpo, a aceitá-lo e trabalhar para uma melhor postura.”*

A professora Teresa Conduto ainda afirmou que assistiu a espetáculos que mostravam que os alunos *“adquiriram uma cultura geral muito rica, das culturas antigas como grega e romana na perspectiva do teatro.”*

O Teatro como disciplina de educação artística no 3.º ciclo do ensino básico tem como objetivo principal sensibilizar e educar com o Teatro, não tem por finalidade preparar futuros artistas, apesar de alguns alunos terem seguido a área teatral. E estas ideias ficaram explícitas no seguinte raciocínio:

“Independentemente de seguirem uma vertente artística os alunos de teatro ganharam um maior desenvolvimento pessoal, artístico e cultural. E depois o professor deixa ali sempre uma sementinha, e os alunos investigam e procuram saber mais sobre aquele tema. O importante no professor não é ensinar tudo, mas sim deixar ali aquela sementinha.”

4.4.4 – Significado da participação e relevância atribuído ao Teatro

Segundo a nossa entrevistada *“o teatro tem importância para a escola porque os alunos com mais autoestima tornam-se mais participativos.”* Consta que a escola sempre deu importância a esta arte e como professora procurou participar nos espetáculos como ilustra o seguinte depoimento:

- “Muitas vezes ia assistir aos espetáculos com os meus alunos e outras vezes ia à noite com as minhas filhas.”

Fez questão de realçar o seguinte: *“até a minha filha escolheu teatro este ano porque também foi a partir dessas idas ao teatro que ficou sensibilizada para optar por esta área.”*

Esta observação mostra como temos vindo a defender, que todos os trabalhos práticos de Teatro levados ao palco pelos sujeitos de aprendizagem devem pautar-se por uma boa qualidade, pois além de ser uma prova das suas capacidades de representação, são referências de opção artística para os outros alunos.

Por isso, faz todo o sentido a escola dar importância à participação dos alunos nas atividades teatrais até porque a partir do espetáculo:

“Levou-se o nome da escola a outros sítios, a encontros de teatro como participaram. E é bom que se saiba o que se faz cá dentro ao nível do teatro. Há que mostrar, pois não vivemos isolados da comunidade.”

Ainda no que toca à relevância atribuída pela escola ao Teatro, a docente entrevistada valoriza as atividades dramáticas realizadas fora da sala de aula porque além de *“dar uma acerta animação ao espaço escolar é também uma forma de outros alunos, funcionários e professores perceberem o que se faz nas aulas de teatro.”* Recordou ainda que: *“lembro-me perfeitamente de assistir a alguns ensaios que faziam fora da sala.”*

Em relação à proposta da existência de uma teatroteca na escola, a professora Teresa Conduto sublinha que *“nas condições que temos na biblioteca é difícil, devido ao pouco espaço disponível. Mas acrescenta que “o ideal seria haver uma aposta da escola em melhorar a oferta de livros da área teatral.”* Constata-se que os entrevistados têm consciência da pouca oferta de livros de Teatro na biblioteca escolar.

4.4.5 – Significado do Teatro na abertura da escola à comunidade

Se as atividades teatrais ficassem só pela escola ou por dentro da sala *“os pais não poderiam participar, assistir e mesmo as outras pessoas.”* A nossa entrevistada constata que *“havia uma grande abertura até com a participação dos encarregados de educação. Os pais ajudavam na confeção das roupas e na disponibilidade para virem colocar os filhos ao Centro Cultural, pois praticamente ninguém vive na vila.”*

A dinâmica que o Teatro escolar teve na abertura da escola à comunidade, nomeadamente na apresentação de espetáculos no Centro Cultural John dos Passos, foi também referida, como ilustram os seguintes depoimentos:

“Houve sempre uma relação muito próxima com o Centro Cultural John dos Passos.”

“O auditório do Centro Cultural John dos Passos estava sempre cheio com espetáculos dignos de assistir.”

“A colaboração do Centro Cultural John dos Passos que sempre cedeu o espaço, teve uma abertura enorme ao teatro, foi um bom apoio. Um espetáculo sem uma sala daquelas não tinha o brilho que teve. É a sala que nos falta aqui na escola.”

Antes de finalizar a entrevista a presidente da comissão salientou que *“devemos continuar a colocar a “sementinha” do teatro nos alunos.”*

4.5 – Retroação e Avaliação do Técnico responsável pelo Auditório do Centro Cultural John dos Passos

Ao longo da nossa pesquisa temos vindo a constatar a importância que Teatro exerceu

no desenvolvimento pessoal, artístico e cultural dos sujeitos de aprendizagem da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol.

Mas este desenvolvimento também foi possível e mais consistente com as experiências que aconteceram ao longo destes dez anos letivos no Centro Cultural John dos Passos.

Assim, tem toda a pertinência para a nossa pesquisa ouvir o técnico responsável pelo Centro Cultural John dos Passos, pois foi uma presença sempre ativa em todas as atividades teatrais realizadas pelos alunos naquele espaço cultural. Desde o ano letivo de 2003-2004, que o técnico José Manuel acompanhou e colaborou em todos os espetáculos incluído as seis edições do Encontro-Te.

A entrevista foi realizada no proscénio do palco do próprio auditório do Centro Cultural John dos Passos, onde recordamos momentos, histórias e descobertas que aconteceram precisamente ali naquele espaço.

4.5.1 – Significado do Teatro escolar no Centro Cultural John dos Passos

Desde a inauguração do Centro Cultural John dos Passos que os sujeitos de aprendizagem apresentaram regularmente naquele espaço espetáculos teatrais. Não houve um período escolar em que o Teatro não marcasse presença no auditório, sendo este espaço físico um excelente complemento de prática teatral.

E estas atividades vieram ao encontro dos objetivos da própria instituição que tão bem nos acolheu, como ilustra o depoimento do responsável pelo auditório:

“O teatro escolar é uma mais-valia para o centro cultural pois temos um espaço mesmo preparado para teatro e um dos nossos objetivos era abri-lo à população, principalmente escolar (...)”

Foi claramente uma *“forma também de complementar a formação”* pessoal, artística e cultural dos alunos de Teatro, a partir das experiências performativas levadas à cena no decorrer destes dez anos.

Como mencionámos anteriormente o Centro Cultural John dos Passos tem as qualidades técnicas ideais para o desenvolvimento de qualquer projeto de Teatro-educação, o que foi confirmado também pelo nosso entrevistado:

- Os alunos de teatro só ganharam com um espaço com estas condições e tão perto da escola, com um auditório para 180 pessoas, preparado para teatro ao nível de iluminação e som.”

4.5.2 – Significado para o desenvolvimento pessoal dos alunos

O desenvolvimento pessoal dos sujeitos de aprendizagem foi melhorando com as diversas experiências que aconteceram ao longo do seu percurso de estudantes de Teatro e a participação nas atividades dramáticas realizadas no Centro Cultural John dos Passos tiveram um papel fundamental. Este contributo para o desenvolvimento pessoal dos alunos foi constatado pelo nosso entrevistado, como ilustra o seguinte excerto da entrevista:

“Aqui na Ponta do Sol não havia um espaço físico dirigido à cultura, que eles pudessem estar e respeitar. E eles não sabiam estar na plateia mas passaram a saber estar e até ao nível de palco a vivência deles foi diferente, foram evoluindo. Inicialmente chegavam aqui e isto era como uma brincadeira, mas à medida que foram apresentando vários trabalhos, foram assumindo os espetáculos como parte importante para eles e para a imagem da escola.”

O nosso entrevistado afirmou ainda que nos primeiros espetáculos os alunos *“não sabiam estar na plateia, comportando-se como num lugar banal”* e devido ao pouco hábito de assistir a espetáculos *“não tinham respeito por quem estava no palco.”*

Mas também constata que ao longo dos anos, com a regular apresentação de espetáculos *“criou-se mais responsabilidade na plateia e no palco.”*

E de acordo com Conferência Mundial sobre Educação Artística (2006), *“reconhece-se o papel da Educação Artística na sensibilização dos auditórios e dos diferentes públicos para a apreciação das manifestações artísticas.”*

4.5.3 – Significado para o desenvolvimento artístico e cultural dos alunos

Segundo o nosso entrevistado “*notou-se a união que se criou, bem como o interesse e preocupação em evoluir*” artisticamente e acrescenta que “*os grupos que vieram a seguir já tinham superado os outros que tinham passado antes.*”

Esta constatação prova que uma aposta clara na componente prática do Teatro tem os seus benefícios para os envolvidos; pois a presença e evolução dos sujeitos de aprendizagem “*em palco foi notória, porque foram evoluindo com as performances de poesia, peças de teatro e até teatro clássico. Notámos uma preocupação da parte deles e até em relação à imagem da escola.*”

A experiência com a parte técnica do espetáculo também foi vista como uma mais-valia, pois “*o facto de os alunos passarem pela régie e aprenderem a mexer nas mesas de som e luz contribuiu para o seu desenvolvimento artístico e cultural*”

Finalmente o técnico do Centro Cultural John dos Passos afirmou que “*a evolução foi boa e deveria ser continuada pois estávamos a ir num caminho ascendente que não o deveríamos perder.*”

Esta afirmação alude, de certa forma à importância da continuação do projeto de Teatro com disciplina de educação artística em estreita parceria com o Centro Cultural John dos Passos.

4.5.4 – Significado da participação e relevância atribuído ao Teatro

Sempre procurámos que o Teatro escolar envolvesse os encarregados de educação nomeadamente na assistência como público interessado nos espetáculos e segundo as palavras do nosso entrevistado, foi dada uma grande importância ao “*teatro escolar, pois as salas estavam sempre cheias, principalmente com alunos e antes não apareciam cá. Os alunos participavam e cativavam os pais e familiares.*” Acrescenta ainda que “*como responsável por este espaço também participei a cem por cento e além de espectador estive sempre colaborando na parte técnica.*”

Reconhece que foi de uma grande importância que através do Teatro se conseguisse esta união da escola com o Centro Cultural, porque “*a evolução que criou e o dinamizar o espaço dirigido a toda à comunidade como abrangemos, fez tanto vocês evoluir como nós.*”

4.5.5 – Significado do Teatro na abertura da escola à comunidade

A articulação da escola com a comunidade é uma ação imprescindível na educação e quando se trata de um projeto de Teatro justifica-se esta abertura, porque é necessário os diversos públicos para que os sujeitos de aprendizagem possam evoluir de uma forma mais integral.

Estes aspetos que acabámos de mencionar ficaram bem explícitos no seguinte relato:

“Antes de haver o auditório do Centro Cultural John do Passos, vocês faziam as atividades na escola basicamente. No refeitório e ficavam lá. Era fechado. Automaticamente ao virem para cá, abriram a escola e criou-se uma imagem a um trabalho que só por si já chamava a comunidade... Inicialmente houve algum receio: -Ah, aquilo são miúdos da escola não vai haver grande novidade. Mas a exigência dos trabalhos foi sendo criada e os grupos de alunos que vinham de espetáculo para espetáculo defendiam aquela imagem de qualidade e o público passou a aparecer e respeitar.”

Acrescentou ainda que da parte do público houve *“uma adesão muito boa. Na maior parte das vezes a casa estava sempre cheia. Os pais gostam de ver os filhos representar.”*

Ficou claro nos depoimentos do nosso entrevistado que *“abrir o Centro Cultural à escola”* é também um modo de motivar os alunos a apresentar *“trabalhos teatrais com qualidade num espaço com condições.”* Pois como reconhece o técnico José Manuel *“eles agora são alunos mas no futuro serão profissionais e público. E é agora que se criam as bases.”*

O projeto de Teatro que desenvolvemos ao longo destes dez anos letivos teve impacto na formação pessoal, artística e cultural dos sujeitos de aprendizagem porque a escola também soube atuar com espírito de parceria com as instituições locais e a comunidade numa relação de proximidade.

Estes aspetos que acabamos de mencionar vêm até de acordo com o Roteiro para a Educação Artística (2006):

“A Educação Artística poderá frequentemente ser melhorada através de parcerias com uma vasta gama de indivíduos e organizações da comunidade. Pôr em prática programas de Educação Artística não é caro nem difícil se a filosofia que lhe estiver subjacente assentar em parcerias.”

4.6 – Reflexão sobre as principais atividades e decisões didático-pedagógicas no projeto de Teatro-Educação

O Teatro escolar proporcionou experiências que contribuíram para o crescimento integrado dos sujeitos de aprendizagem nos vários domínios que definimos para esta pesquisa. No plano pessoal, permitiu uma maior autoconfiança e autoestima, bem como o desenvolvimento de capacidades expressivas. Adicionalmente, pelo facto de ser uma atividade coletiva, ofereceu aos alunos o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas e a aceitação das diferenças.

O projeto de Teatro-educação constituiu uma possibilidade de construir conhecimento e propiciar ao aluno também momentos de reflexão sobre as vivências expressivas em palco, que contribuíram para o seu desenvolvimento pessoal, artístico e cultural. Pois

“por meio do teatro é possível expressar com palavras e ações, as vontades, os sonhos, os sentimentos e demonstrar habilidades e potencialidades múltiplas. No contexto escolar, essa prática é enriquecedora. A escola, de facto, é um ambiente propício para reflexões de valores associados à prática teatral como respeito, disciplina e altruísmo.” (Mareba, 2011, p. 295).

Qualquer projeto de Teatro-educação não deve ser finalizado sem uma reflexão profunda entre o agente de ensino e os sujeitos da aprendizagem. Assim, por regra estabelecida no seio do grupo, após a realização de cada atividade dramática, (desde um exercício, jogo, espetáculo assistido ou representado) fizemos uma reflexão sobre o acontecido. Como ilustra o seguinte depoimento de uma aluna:

“Por norma no fim das aulas todos nós dávamos a nossa opinião acerca do que tínhamos trabalhado, e com este pequeno exercício, todos nós, até os mais tímidos ou envergonhados foram falando e libertando-se.”

Em conformidade com o Roteiro para a Educação Artística (2006), *“a arte deve ser apresentada gradualmente aos educandos por meio de práticas e experiências artísticas e manter o valor não só do resultado do processo mas do próprio processo em si.”*

Concluindo, aprez-nos partilhar que há momentos que marcam positivamente um professor de Teatro e que são prova de que o processo de ensino e aprendizagem funcionou, como

podemos constatar pelas palavras de um aluno após um espetáculo: “*Professor, subir ao palco foi uma sensação tão boa que nunca mais vou esquecer...*” (Caderno diário de Zé Abreu, 2009-17-06).

Resumo do capítulo

No decorrer deste capítulo tivemos a oportunidade de fazer uma retroação e avaliação sobre o projeto de Teatro que desenvolvemos ao longo destes dez anos letivos na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol. Contudo, este processo só foi possível com os depoimentos dos sujeitos de aprendizagem, dos encarregados de educação, da ex-presidente do conselho executivo, da presidente da comissão e finalmente do técnico responsável pelo auditório do Centro Cultural John dos Passos. Assim analisamos, interpretamos e transcrevemos as palavras, sentimentos e ideias sobre os seguintes domínios:

- Significado atribuído à disciplina de Teatro;
- Significado da participação no Teatro;
- Significado atribuído à relevância atribuída ao Teatro;
- Significado para o desenvolvimento pessoal;
- Significado para o desenvolvimento artístico e cultural;
- Significado do Teatro na abertura da escola à comunidade.

Algumas afirmações dos nossos entrevistados aludem, de uma forma explícita, o contributo do Teatro como disciplina de educação artística, no 3.º ciclo do ensino básico, o que vem reforçar a nossa insistência em lutar pela continuação firme deste projeto de Teatro-educação.

CONCLUSÕES

Parece-nos relevante iniciar estas conclusões gerais por uma reflexão sobre o tipo de abordagem metodológica utilizada. Seguidamente, recapitulamos as linhas de força dos principais resultados da pesquisa. Finalmente, apresentamos algumas recomendações.

Assim, quanto à metodologia utilizada para esta pesquisa, a opção seguida foi uma investigação-ação que se caracteriza pelo seu carácter aberto e flexível, que além de investigar um problema possibilitou tirar algumas conclusões que permitirão refletir e aperfeiçoar a minha ação, melhorando as práticas enquanto professor.

Após a análise dos dados recolhidos, e face aos resultados apresentados a partir dos depoimentos dos nossos interlocutores, pode-se tirar algumas conclusões tendo em conta os objetivos em que se baseou esta pesquisa, confirmando algumas das expectativas criadas em torno da mesma.

De uma forma geral ficou fundamentado que a Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol proporcionou, através do Teatro, um espaço de formação e desenvolvimento pessoal, artístico e cultural aos sujeitos de aprendizagem que frequentaram a disciplina ao longo dos anos letivos 2003-2012. As experiências teatrais criadas e vivenciadas pelos alunos contribuíram para a aquisição de novos conhecimentos.

Richard Courtney (1997, p. 1) reconhece também que os artistas descobrem novos modos de explorar o conhecimento à medida que vão criando:

“Artists discover new ways of knowing, use innovative methods to discover meaning, and are on ‘the cutting edge’ of the future. They focus on the mental processes of imagining, seeing possibilities, and then expressing them in action – in an artistic medium during their life experience.” (Mencionado por Raposo, M. 2004, p. 44).

As atividades dramáticas realizadas dentro e fora da sala de aula, (onde se incluí as experiências coletivas no Núcleo de Teatro do Sol, com a participação no Festival Regional de Teatro Escolar e na organização do Encontro-Te) possibilitaram um verdadeiro diálogo artístico e um desenvolvimento de competências comunicacionais e expressivas (de cada um consigo mesmo e com os outros) que fortaleceram o desenvolvimento pessoal, artístico e cultural de todos os envolvidos, com especial destaque para os sujeitos de aprendizagem.

Martins (2006, p. 10) reforça a ideia de que os jovens, estando inseridos num processo permanente de transformação, revelam condições indispensáveis para o seu desenvolvimento, e destaca que:

“(...) Não teria sentido se falar de modificação do aluno se esta transformação não significasse, de algum modo, uma melhoria, um desenvolvimento das possibilidades, um caminho, para o aperfeiçoamento dessa pessoa em processo de autoconhecimento e de conhecimento do mundo.”

Esta pesquisa assentou na minha experiência pessoal, enquanto professor de Teatro ao longo de uma década e pretendeu dar a possibilidade de compreender qual o significado atribuído à prática do Teatro no 3.º ciclo do ensino básico, procurando assim construir uma melhor intervenção no processo de ensino e aprendizagem.

Os dez anos letivos em que o Teatro foi desenvolvido em todo o 3.º ciclo contribuíram para a formação de mais de dois mil sujeitos de aprendizagem, se tivermos em conta que todos os alunos frequentaram a disciplina no 7.º e 8.º anos e na sua grande maioria também tiveram Teatro no 9.º ano escolaridade.

Com a pesquisa que realizámos, esperamos ter contribuído para o reforço do Teatro como disciplina de educação artística, no desenvolvimento global dos jovens e da sua importância na animação do espaço escolar, bem como na abertura da escola à comunidade.

Relativamente à questão principal - qual é o significado atribuído pelos alunos da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, à sua experiência na disciplina de Teatro, entre 2003 e 2012 - esta pesquisa permitiu-nos verificar a partir do testemunho dado pelos sujeitos de aprendizagem, que o Teatro contribuiu para um aperfeiçoamento na sua forma de comunicar, dando-lhes a possibilidade de ver, sentir e compreender o mundo através desta arte. Significou o desenvolvimento integral a partir do envolvimento nas diversas atividades dramáticas em que participaram. Esta pesquisa permitiu-nos constatar que os sujeitos de aprendizagem por unanimidade dão um grande valor à prática teatral que contribuiu para se conhecerem melhor como grupo e indivíduos.

A partir do Teatro experimentaram “*uma arte que os fez falar em público*”, e tal como os sujeitos de aprendizagem, concordamos que “*é bom crescer a fazer peças de teatro na escola.*”

A pesquisa também permitiu constatar vários contributos para o desenvolvimento pessoal, pois a maioria dos encarregados de educação e sujeitos de aprendizagem consideraram que com a experiência que tiveram no Teatro tornaram-se mais desinibidos, sociáveis, confiantes e criativos, o que os levou a comunicar melhor.

Em relação ao contributo do Teatro para o desenvolvimento artístico e cultural, ficou igualmente salientado que a prática teatral permitiu uma maior consciência sobre a importância da linguagem corporal a partir da construção e interpretação das personagens. Também foi realçado a cultura geral que os sujeitos de aprendizagem adquiriram com o Teatro-educação e com o conhecimento da história do Teatro ao longo dos tempos e a partir da representação de obras da dramaturgia clássica.

No que diz respeito ao significado da participação e relevância atribuído ao Teatro, ficou claro que o facto de o Núcleo de Teatro Sol e a disciplina se interligarem foi uma medida acertada, pois permitiu muita ação teatral. A participação de professores de outras áreas disciplinares na conceção dos espetáculos foi valorizada por todos os interlocutores. Muito relevante também foi a participação dos encarregados de educação, quer na colaboração de figurinos e adereços, quer na assistência dos espetáculos.

Quanto ao impacto que o Teatro teve na abertura da escola à comunidade, considerou-se que foi um outro meio de divulgação e união entre aquilo que se faz dentro da escola. E o Teatro através das diversas atividades realizadas contribuiu para essa abertura ao proporcionar condições para que a comunidade se aproximasse e se envolvesse na vida da escola. Como a comunidade em geral demonstrou agrado em assistir aos espetáculos, deste modo houve uma abertura da escola à comunidade e da comunidade à escola.

Salientamos que toda a dinâmica criada a partir do Teatro permitiu que as pessoas encontrassem na escola um espaço de cultura, de convívio e confraternização.

No que se refere à questão proposta - o que levou a maioria dos alunos a optar pelo Teatro como disciplina de educação artística – constatou-se que na sua grande maioria a opção pelo Teatro deveu-se à curiosidade de experimentar uma disciplina nova, diferente. Outros

afirmaram que foram influenciados pelos espetáculos teatrais que assistiram ao longo do 2.º ciclo. Alguns ainda referiram que a opção foi feita para poderem continuar a acompanhar os colegas da turma que escolheram Teatro. Finalmente, alguns mencionaram que foram aconselhados por familiares ou outros colegas que já tinham frequentado a disciplina.

Limites do estudo

Esta pesquisa encontra-se confinada a um contexto de Teatro-educação específico e dentro de um tempo igualmente concreto, não podendo assim as suas considerações finais serem generalizadas a todas as situações de ensino do Teatro como disciplina de educação artística.

A presente pesquisa tem por base um projeto de Teatro na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, não podendo, portanto ser uma caracterização extensiva e ilustrativa do Teatro nas escolas.

No entanto, os testemunhos partilhados pelos entrevistados permitiram a recolha de dados que possibilitaram a reflexão e o conhecimento sobre o que pensam, o que fizeram e o que sentem alguns sujeitos de aprendizagem, encarregados de educação e escola, envolvidos no projeto de Teatro-educação.

Consideramos que Teatro é sempre investigação e que esta área poderá ser tida em conta em próximas pesquisas, reconhecendo que muito mais poderá ser apreciado e outros resultados aferidos através de uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema.

Principais resultados obtidos

Como mencionamos nas conclusões desta pesquisa, o Teatro contribuiu para a integração e socialização das crianças e jovens, ajudando-as a desenvolver as suas potencialidades de expressão e comunicação.

Neste percurso, professor e alunos compartilharam processos criativos importantes para a elaboração de novos conhecimentos. De certa forma foi um reforço do Teatro na escola, como disciplina de formação de sujeitos de aprendizagem em crescimento e desenvolvimento pessoal, artístico e cultural.

Temos a certeza de que esta retroação aumentou a nossa autoconfiança, para retomarmos de forma mais segura e eficaz a tarefa de professor de Teatro-educação. Pois segundo Oliveira e Serrazina, (s/d, p. 10) *“uma prática reflexiva proporciona aos professores oportunidades para o seu desenvolvimento, tornando-os profissionais mais responsáveis, melhores e mais conscientes.”* É possível melhorar a aprendizagem dos alunos, quando o professor é capaz de compreender para melhor intervir.

Constatamos que o Teatro teve uma elevada participação por parte dos sujeitos de aprendizagem e boa participação da comunidade envolvente que compareceu sempre em grande número nos espetáculos apresentados, nomeadamente no Centro Cultural John dos Passos. Por parte da escola foi dada uma grande relevância ao Teatro dentro e fora da escola, disponibilizando sempre os recursos necessários para o melhor desenvolvimento das atividades. Também é de referir a presença constante de elementos do órgão de gestão da escola, nos vários eventos apresentados, até mesmo integrando ativamente nos elencos de alguns espetáculos.



Foto n.º 49 – Alunos e a vice-presidente do conselho executivo no espetáculo de Teatro de revista “Noites de Teatro”



Foto n.º 50 – A ex-presidente do conselho executivo (a 2.ª da direita para a esquerda) a agradecer os alunos de 7.º ano pelo espetáculo “Ya meu! Hoje quem manda sou eu”

Os encarregados de educação foram uma componente importantíssima no acompanhamento de todas as atividades teatrais realizadas pelos seus filhos dentro e fora da escola. Embora achemos que ainda é necessário uma maior participação por parte dos encarregados de educação, pois notámos que quando os alunos sabiam que os pais vinham assistir aos espetáculos, sentiam-se mais orgulhosos e conscientes da importância de realizarem boas intervenções teatrais.



Foto n.º 51 – Uma encarregada de educação oferecendo um ramo de flores à diretora de uma turma de Teatro após o espetáculo

Esta experiência de teatro-educação foi muito enriquecedora para mim e para todos os que nela se envolveram e os resultados desta pesquisa vão permitir que se possa agir com mais eficiência em todo processo de ensino e aprendizagem.



Foto n.º 52 – Troféu criado e oferecido ao professor de Teatro pelos alunos de 9.º ano no ano letivo 2008-2009

Para finalizar, congratulo-me pelo facto de ao longo destes dez anos partilhar o meu sonho de teatro-educação com sujeitos da aprendizagem. Foi uma viagem pelo Teatro como disciplina de educação artística que jamais esqueceremos, porque nunca é de mais sonhar. E o professor de Teatro deve incentivar os alunos a sonhar e mostrar-lhes que também “ (...) *o sonho comanda a vida / que sempre que um homem sonha /o mundo pula e avança /como bola colorida /entre as mãos de uma criança.*” (António Gedeão)²³

Recomendações

Com esta pesquisa não se pretende generalizar resultados porque interessa primeiro perceber o que o Teatro como disciplina de educação artística trouxe de significativo para a vida dos sujeitos de aprendizagem, neste caso, da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol.

²³ Consulta em: http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/antonio_gedeao/pedra_filo.html

Mas acreditamos que os resultados contêm ideias que podem ser relevantes para pesquisas futuras, para professores e praticantes de Teatro-educação.

Estamos cientes de que o Teatro na educação continuará a ser foco de um debate permanente, que não se esgota nem se esvazia dentro das quatro paredes da escola.

Só com este diálogo persistente é que poderemos saber que Teatro temos hoje e que Teatro queremos ter amanhã na educação integral das nossas crianças e jovens.

Pretendemos contribuir para que o Teatro não seja simplesmente uma opção, mas uma necessidade artístico-educativa dentro da escola, pois defendemos que devemos projetar e sedimentar o Teatro como disciplina de educação artística, em todo o sistema de ensino português. De acordo com o que foi evidenciado na Conferência Nacional de Educação Artística, realizada no Porto, com a participação e a colaboração de entidades governamentais nacionais e estrangeiras, a educação artística deve merecer uma especial atenção nos currículos nacionais, como prioridade na educação.

Espera-se que a leitura desta pesquisa promova uma melhor compreensão da realidade escolar em que se insere a disciplina de Teatro, identificando problemáticas e dificuldades e apontando caminhos, para a melhoria da sua prática.

Acreditamos que só desta forma o Teatro e as atividades a ele associadas, realizadas dentro e fora da sala de aula, poderão constituir um instrumento valioso no desenvolvimento pessoal, artístico e cultural dos sujeitos de aprendizagem.

Esta pesquisa procurou responder a uma questão principal que reflete de certa forma todo o meu percurso como professor *animador-observador-participante*. (Barret, 1992, mencionado por Martins, 2002, p. 75).

Assim, depois de ficar um ano letivo sem lecionar, aproveitei para retroagir a avaliar sobre as minhas práticas de ensino-aprendizagem. Agora, perante o conhecimento do significado atribuído ao Teatro por todos os envolvidos, procurarei continuar esta viagem de forma mais segura e adequada na minha prática profissional de professor na área do Teatro como disciplina de educação artística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Convenção sobre os Direitos da Criança. Adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990. Consultado a 25 de janeiro de 2013, em:
http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf
- Amorim, A. (1995). *Encontros de Teatro na Escola. História de um movimento*. Coleção Mundo de Saberes 15. Porto: Porto Editora.
- APROTED. Associação de Professores de Teatro Educação. Consultado a 20 de fevereiro de 2013, em: <http://teatronaeducacao.blogspot.pt/>
- Barbosa, P. (1982). *Teoria do Teatro Moderno: Axiomas e Teoremas*. Porto: Adições Afrontamento.
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projecto de investigação*. (4ª edição). Lisboa: Gradiva.
- Bamford, A. (2007). Aumento da Participação e Relevância na Educação Artística e Cultural. *Conferência Nacional de Educação Artística*, Porto, Casa da Música, 29-31, Outubro 2007. Ministérios da Educação, Cultura, Negócios Estrangeiros. Consultado a 10 de março de 2013, em:
<http://www.educacaoartistica.gov.pt/interven%C3%A7%C3%B5es/Confer%C3%Aancia%20Anne%20Bamford,%20Portugues.pdf>
- Bezelga, I., Correia, J., Sandra, M., & Tavares, M. (2002). *Oficina de Teatro – 3º Ciclo. Orientação Curriculares - 7.º, 8.º e 9.º Anos*. Lisboa. Ministério da Educação- Departamento de Educação Básica. Consultado a 6 de Janeiro de 2013, em:
http://oficinadeteatro.no.sapo.pt/programa_teatrorevisto.pdf
- Boal, Augusto. (2005). *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora
- Borges, V. (2001). *Todos ao Palco! Estudos Sociológicos sobre o Teatro em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Brook, P. (1993). *O Diabo é o aborrecimento. Conversas sobre teatro*. Tradução Carlos Porto. Porto: Edições Asa.
- Brook, P. (2008). *O Espaço Vazio*. Tradução Rui Lopes. Lisboa: Orfeu Negro
- Cabral, C. (2004). *Manual de Técnicas de Palco*. Lisboa: Inatel

Caetano, J. V. Consultado a 8 de março de 2013, em:

<http://pontadosol.wordpress.com/2010/05/12/caetano-joao-vieira-1883-1967/>

Calado, C., Ferreira, C. (2004/2005). *Análise de Documentos : Método de Recolha e Análise de Dados*. Consultado a 30 de janeiro de 2013, em:

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>

Cardozo, C. G. Lopes, N.L; Giacomelli, S. A. (s/d). *O Teatro na Escola: Uma Possibilidade para Superar os Desafios dos Educandos*. Artigo apresentado à Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e Letras de Rondônia – Faro, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Linguística e Literatura. Consultado a 7 de fevereiro de 2013, em:

http://www.multiron.org.br/unirverde/artigos/O_TEATRO_NA_ESCOLA_UMA_POSSIBILIDADE_PARA_SUPERAR_OS_DESAFIOS_DOS_EDUCANDOS.pdf

Cavassin. J. (2008). Perspetiva para o Teatro na Educação como Conhecimento e Prática Pedagógica. *Revista Científica/FAP*, Curitiba, V. 3, p. 39-52, jan/dez. Consultado a 4 de abril de 2013, em:

http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica3/08_Juliana_Cavassin.pdf

Centro Cultural John dos Passos. Consultado a 6 de março de 2013, em:

<https://www.facebook.com/CCJohnDosPassos/info>

Constituição da República Portuguesa. Consultado a 12 de maio de 2013, em :

<http://www.educacaoartistica.gov.pt/documentos/legisla%C3%A7%C3%A3o/344-1990.pdf>

Costa, A. S. (2005). *O Teatro-Educação no Cria: Saberes e ações de jovens artistas para o exercício da cidadania*. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação, em Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação. Consultado a 3 de março de 2013, em:

<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1342/1/tese.pdf>

Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais. Consultado a 23 de março de 2013, em: <http://historianove.no.sapo.pt/LivroCompetenciasEssenciais.pdf>

Decreto-lei n.º 139/2012, de 5 de julho. Revisão da Estrutura Curricular. Consultado a 3 de janeiro de 2013, em: <http://www.dge.mec.pt/index.php?s=noticias¬icia=397>

Decreto-Lei n.º 344/90, de 2 de Novembro. Consultado a 5 de janeiro de 2013, em:

<http://www.educacaoartistica.gov.pt/documentos/legisla%C3%A7%C3%A3o/344-1990.pdf>

Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol. Consultado em 25 de março de 2013, em:

<http://www.ebspsol.com/noticias.aspx?page=2>

Filho, H.B. (1960). *Teoria e Prática do Teatro*. São Paulo: Agência Editora Iris.

Fonseca, J. M. (2012). *Teatro Universitário. A experiência do TUT (Teatro da Universidade de Lisboa)*. Dissertação de Mestrado em Arte e Educação. Lisboa: Universidade Aberta. Consultado a 12 de fevereiro de 2013, em:

<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2153/1/Tese%20Julio%20Mart%C3%ADn%20da%20Fonseca.pdf>.

Gedeão, A. Consultado a 9 de março de 2013, em

http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/antonio_gedeao/pedra_filo.html

Gomes, A., Magalhães, C. (1964). *A Criança e o Teatro. Coleção Educativa*. Série 0. Número 5. Lisboa: Direcção-Geral do Ensino Primário.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa. (2004). Porto: Porto Editora.

Júnior, R. (1978). *A juventude pode salvar o teatro*. Coleção teatro. Lisboa: Arcádia.

Kusnet, E. (1968). *Iniciação à Arte Dramática*. São Paulo: Editora Brasiliense

Legendre, R. (1993). *Dictionnaire actuel de l'éducation*. 2^{ème} édition. Montreal: Guérin e Eska.

Legendre, R. (2005). *Dictionnaire actuel de l'éducation*. 3^{ème} édition. Montreal: Guérin.

Lima, J; Pacheco, J. (2006). *Fazer Investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.

Lopes, M.V.C. (1999). *Texto e Criação Teatral na Escola*. Porto: Edições Asa.

Marega, L.M. P. (2011). *Entre a arte de representar e a arte de ensinar: reflexões sobre teatro e educação*. Revista Científica / FAP, Curitiba, V. 7, p. 285-296, jan./jun. Consultado a 16 de fevereiro de 2013, em:

http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/Arquivos2011/Revista%20Cineticafica%20FAP/Revista%20Cientifica%2007/Rev7_artigo16_LarissaMarega.pdf

Martins, A. (1998). *Atividades Dramáticas nos Jardins de Infância Luso-Chineses de Macau*. Edição Fundação Macau & Direcção dos Serviços de Educação e Juventude. Macau: Coleção Estudos Orientais.

- Martins, A. (2002). *Didática das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Martins, G. S. L. (2006). *O Ensino do Teatro para além de um mero entretenimento*. Revista Científica/FAP, Curitiba, V. 1, jan./dez. Consultado a 3 de janeiro de 2013, em: http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica1/GUARACI_DA_SILVA_LOPES_MARTINS.PDF
- Martins, G. S. L. (2008). *O Teatro-educação: Formação de Alunos do Ensino Médio*. Revista Científica/FAP, Curitiba, V. 3, p. 9-24, jan./dez. Consultado a 4 de fevereiro de 2013 em: http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica3/06_Guaraci_Martins.pdf
- Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica – Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais. Consultado a 29 de janeiro de 2013, em: <http://historianove.no.sapo.pt/LivroCompetenciasEssenciais.pdf>
- Oliveira, I., Serrazina, L. *A reflexão e o professor como investigador*. Artigo consultado a 18 de janeiro de 2013, em: http://apm.pt/files/127552_gti2002_art_pp29-42_49c770d5d8245.pdf
- O Moniz. Consultado a 26 de janeiro de 2013, em: http://omoniz.blogspot.pt/2012/01/xx-festival-regional-de-teatro-escolar_17.html
- Pavis, P. (1990). *Dicionário del Teatro. Dramaturgia, estética, semiologia*. Barcelona: Ediciones Paidós Comunicacion.
- Projeto Educativo de Escola. (2007-2008). Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol.
- Quivy, R. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Raposo, M. (2004). *A construção da pessoa: Educação artística e competências transversais*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação / Educação e Desenvolvimento, pela Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Consultado a 8 de fevereiro de 2013, em : <http://run.unl.pt/bitstream/10362/77/1/Raposo.pdf>
- Read, H. (2007). *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- Rosseto, R. (2009). *A Plateia da Cena Teatral: Objetivos Pedagógicos*. Revista científica /FAP, Curitiba, V. 4, n.2 p. 138-148, jul./dez. Consultado a 11 de fevereiro de 2013, em: http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica4vol2/09_artigo_Robson_Rosseto.pdf

- Roteiro para a Educação Artística. (2006). Lisboa. Comissão Nacional da UNESCO.
Consultado a 22 de fevereiro de 2013, em: <http://www.educacao artistica.gov.pt/documentos/Roteiro.pdf>
- Santana, S. B. (2010). *Linguagem Teatral e Educação: Um elo possível*. Trabalho final de Mestrado profissional para obtenção do grau de Mestre em Teologia. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo. Consultado a 13 de março de 2013, em: http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=269
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. 1º Volume. Bases Psicopedagógicas. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. 2º Volume. Drama e Dança. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Spolin, V. (1992). *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspetiva.
- Stanislavski, C. (1987). *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Stanislavski, C. (1986). *A preparação do ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Teatro Experimental do Funchal. Consultado a 2 de março de 2013, em: <http://www.tef.pt/TEF/Prologo.html>
- Teatro Municipal Baltazar Dias. Consultado a 3 de março de 2013, em: http://www.cm-funchal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=222&Itemid=87
- Tripp, D. (2005). *Uma introdução metodológica*. Universidade de Murdoch. Consultado a 28 de janeiro de 2013 em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>
- Vayer, P. (1980). *O diálogo corporal. A ação Educativa na criança dos 2 aos 5 anos*. Lisboa: Instituto Piaget.

ANEXOS

Guião de entrevista aos Sujeitos de Aprendizagem

Qual o significado atribuído pelos alunos da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol à sua experiência na disciplina de teatro, no período de 2003 a 2012?		
Tema	Objetivos	Questões
<p>Tema A</p> <p>O significado do teatro para os alunos</p>	<p>Descrever qual o significado atribuído pelos alunos à sua experiência na disciplina de teatro.</p>	<p>1.1 - Em que anos letivos frequentaste a disciplina de teatro?</p> <p>1.2- Para ti o que significa Teatro?</p> <p>1.3 – Que experiências guardas das aulas de teatro?</p> <p>1.4 – Que motivos levaram-te a optar pelo teatro como disciplina de educação artística?</p> <p>1.5 – Que importância teve/tem o teatro na animação da comunidade escolar?</p>

	<p>Identificar elementos que contribuíram para o desenvolvimento pessoal, dos alunos, nos seguintes itens:</p> <p>Autoestima</p> <p>Capacidade de comunicação</p> <p>Relacionamento pessoal</p> <p>Criatividade</p> <p>Capacidade de liderança</p>	<p>2.1.1 – Dá-me alguns exemplos, de que forma o teatro ajudou a melhorar a tua autoestima.</p> <p>2.1.2 – Dá-me alguns exemplos, de que forma o teatro ajudou a melhorar a tua capacidade de comunicação.</p> <p>2.1.3 – Dá-me alguns exemplos, de que forma o teatro ajudou a melhorar o teu relacionamento pessoal.</p> <p>2.1.4 – Dá-me alguns exemplos, de que forma o teatro ajudou a melhorar a tua criatividade.</p> <p>2.1.5 – Dá-me alguns exemplos, de que forma o teatro ajudou a melhorar a tua capacidade de liderança.</p>
--	--	---

<p>Tema B</p> <p>Significado para o desenvolvimento pessoal, artístico e cultural</p>	<p>Identificar elementos que contribuíram para o desenvolvimento artístico dos alunos, nos seguintes itens:</p> <p>Linguagem corporal e verbal para expressar sentimentos e deias</p> <p>Improvisação teatral</p> <p>Interpretação de personagens</p> <p>Vocabulário específico desta área artística</p>	<p>2.2.1 – Dá-me alguns exemplos, de que forma o teatro ajudou a melhorar a tua linguagem corporal e verbal para expressar sentimentos e deias.</p> <p>2.2.2 – Dá-me alguns exemplos, de que forma o teatro ajudou a melhorar a tua capacidade de improvisação teatral.</p> <p>2.2.3 – Dá-me alguns exemplos, de que forma o teatro ajudou a melhorar a tua capacidade de interpretação de personagens</p> <p>2.2. 4 – Menciona-me algum vocabulário específico desta área artística.</p>
--	--	---

	<p>Identificar elementos que contribuíram para o desenvolvimento cultural dos alunos, nos seguintes itens:</p> <p>Cultura geral</p> <p>Desenvolvimento cultural na escola.</p>	<p>2.3.1 – Dá-me alguns exemplos, de que forma o teatro contribuiu para melhorar a tua cultura geral.</p> <p>2.3.2 – Dá-me alguns exemplos, de práticas teatrais que contribuíram para o desenvolvimento cultural na escola.</p>
<p>Tema C</p> <p>Grau de participação e relevância</p>	<p>Relatar o grau de participação e relevância atribuído a esta disciplina de educação artística.</p>	<p>3.1– Dá-me alguns exemplos, sobre a forma como participaste ativamente nas atividades propostas na sala de aula?</p> <p>3.2 – Em que espetáculos teatrais realizados no Centro Cultural John dos Passos participaste?</p>

		<p>3.3 – O que achas dessa experiência de representação teatral?</p> <p>3.4 – Deste mais importância às atividades realizadas na sala de aula ou às realizadas extra sala? Porquê?</p> <p>3.5 – Em que momentos sentiste que a escola atribuiu relevância a esta disciplina?</p> <p>3.6 – E em que momentos sentiste que os teus pais atribuíram relevância à disciplina de Teatro?</p> <p>3.7 – Achas que o teatro contribuiu para a abertura da escola à comunidade? Como?</p> <p>3.8 – Tens ideia se a comunidade em geral assistia aos espetáculos?</p> <p>3.9 – Atualmente tens alguma ligação ativa com o teatro? Como?</p> <p>3.10 – Achas relevante a escola ter uma teatroteca (biblioteca de teatro)? Porquê?</p>
--	--	---

Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol – Ano letivo 2011/2012

Departamento de Expressões

8.º ano de escolaridade

Critérios de Avaliação

Disciplina de Teatro

Domínios	Parâmetros	Coefficiente de Ponderação	Crítérios de avaliação
Cognitivo/Operatório (Saber e Saber Fazer)	Conhecimento, Interpretação e Comunicação	45%	<p>Aquisição/ aplicação/relação de conhecimentos;</p> <p>Interpretação/estruturação de informação;</p> <p>Utilização de vocabulário específico da disciplina;</p> <p>Utilização da Língua Portuguesa (coerência vocabular; ortografia, etc.).</p>
	Métodos de Trabalho	30%	<p>Aplicação de métodos de trabalho;</p> <p>Apresentação de propostas adequadas;</p> <p>Utilização de diferentes métodos de trabalho;</p> <p>Organização dos materiais de trabalho e de estudo;</p> <p>Realização das tarefas no prazo estipulado;</p> <p>Sentido/Espírito crítico;</p> <p>Apresentação de opinião fundamentada;</p> <p>Colaboração nas tarefas em grupo;</p> <p>Criatividade;</p> <p>Organização e gestão de tempo.</p>
		75%	

Atitudes e Valores (Saber Ser e Saber Estar)	Responsabilidade	10%	Pontualidade; Assiduidade; Presença de materiais; Realização das tarefas; Higiene/segurança pessoal e dos espaços; Empenho; Participação; Cooperação.
	Autonomia	5%	Realização de tarefas autonomamente; Iniciativa; Auto correção.
	Cumprimento de Regras	10%	Cumprimento de regras de conduta; Respeito pelos colegas, Professores e funcionários; Respeito pelos espaços e materiais escolares
		25%	

Instrumentos de Avaliação:

Testes de avaliação aos conhecimentos (oral e escrito);	Grelha de registo de desempenho durante as atividades experimentais;
Grelha de registos de trabalhos individuais ou par/grupo;	Trabalho de projeto/prático
Registo de auto e heteroavaliação.	